

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

JULIANO DOS SANTOS GARCIA

**O ENUNCIADOR DIGITAL EM ECOSSISTEMAS *CHANS*: INTERAÇÕES E
CIBERVIOLENCIA**

CURITIBA

2024

JULIANO DOS SANTOS GARCIA

**O ENUNCIADOR DIGITAL EM ECOSSISTEMAS *CHANS*: INTERAÇÕES E
CIBERVIOLENCIA**

The Digital Enunciator in ecosystems “Chans”: Interactions and cyberviolence

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens – Área de Concentração: Linguagens e Tecnologia.

Orientador(a): Dr. Evandro de Melo Catelan.

CURITIBA

2024



Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba**



JULIANO DOS SANTOS GARCIA

O ENUNCIADOR DIGITAL EM ECOSISTEMAS CHANS: INTERAÇÕES E CIBERVIOLÊNCIA

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Estudos De Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem E Tecnologia.

Data de aprovação: 10 de Maio de 2024

Dr. Evandro De Melo Catelan, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Isabel Muniz Lima, Doutorado - Universidade Federal de Alagoas (Ufal)

Dra. Maria De Lourdes Rossi Remenche, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 10/05/2024.

À minha mãe, que em vida foi meu grande exemplo
de persistência e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Por acreditar que somos reflexo daqueles que um dia disponibilizaram seu tempo para nos ensinar, primeiramente, agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida estudantil, pois sem vocês eu não teria a oportunidade de chegar até aqui.

Agradeço especialmente à minha mãe, pois em vida foi minha grande incentivadora nos estudos e, mesmo com pouca educação formal, nunca mediu esforços para eu ter aquilo que lhe foi negado. Hoje, mesmo que ela não esteja aqui, tenho a certeza de sua felicidade ao ver-me mestre.

À minha parceira Amanda, a quem com muita paciência e carinho soube lidar com minhas inseguranças, incertezas e ansiedade nesse período de mestrado.

Ao meu irmão Edrielton, figura inspiradora que sempre me incentivou ao caminho dos estudos, mesmo diante de dificuldades, nunca duvidou de minha capacidade.

Ao meu pai, quem com o exemplo ensinou a enfrentar as adversidades, mesmo não compreendendo muito bem o que é um mestrado, sempre apoiou meus desafios.

Ao meu professor e orientador, Prof. Dr. Evandro de Melo Catelan, por todo cuidado, paciência e sabedoria que dedicou à minha orientação, além da devoção à pesquisa e à docência que são inspiração para todos seus alunos.

Aos professores Dr. Ananias Agostino da Silva, Dra. Isabel Muniz-Lima e Dra. Maria de Lourdes Rossi Remenche, pois suas contribuições foram imprescindíveis na orientação dos melhores caminhos para seguimento da pesquisa.

À UTFPR por ter me dado a oportunidade de fazer o mestrado e por ser uma universidade acolhedora, responsável, humana e de excelência.

Aos professores do PPGEI por todo o conhecimento compartilhado durante as aulas, contribuíram imensamente para meu desenvolvimento intelectual, humano e profissional.

Aos amigos que compreenderam minha ausência e foram alento para os momentos de dificuldade nesse período de mestrado.

Aos amigos/colegas de mestrado, por compartilhar conhecimento, pelas discussões, pelas conversas em sala de aula, pelos momentos de agonia e por todo apoio e incentivo durante esse período.

Às instituições de ensino que frequentei, das escolas públicas do ensino básico até a PUC-PR, onde tive a oportunidade de bolsa social e pude realizar o curso de Letras.

A todos que, por algum motivo, contribuíram para esta conquista.

Apenas a violência pode servir onde reina a
violência, e apenas os homens podem servir onde
existem homens (Bertolt Brecht, 1931).

RESUMO

Esta pesquisa, de caráter descritivo/interpretativo, tem como tema a ciberviolência nas interações em ecossistemas *chans*. Embora esses ecossistemas sejam destinados a diversos assuntos, o interesse nesta pesquisa recai sobre interações que carregam ciberviolência. Como objetivo geral, busca-se analisar as interações de usuários em *chans* da *deep web*, em que pese a manifestação de ciberviolência em seus tecnodiscursos, com o intuito de explorar as características desse tipo de enunciador digital. De maneira específica, pretende-se: a) descrever o contexto e a composição das interações no *chan*; b) analisar as representações dos *ethé* nas interações, tendo em vista a ciberviolência presente nesses discursos; e c) explanar sobre a categoria de enunciador digital em questão a partir da relação entre homem e máquina. Para isso, o *corpus* de análise é constituído de publicação e comentários no *chan 84ch* presente no meio ambiente da *deep web*, cujo conteúdo apresenta violência verbal. Para tanto, são usados como pontos de apoio as noções de texto como evento comunicativo, contexto e interação, da Linguística Textual (LT), do *ethos* de análises provenientes da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), bem como as noções de composição, enunciador digital e ciberviolência da Análise do Discurso Digital (ADD). Por fim, compreendemos o locutor do *chan* como um enunciador digital ciberviolento, o qual só existe no meio ambiente digital, e é somente neste meio que consegue produzir e reproduzir violência verbal, motivado pela condição de ausência e de *cockpit* imaginário atrelado aos *ethé* de conservador e kamikaze.

Palavras-chave: Linguística textual; ciberviolência; enunciador digital; *ethé*.

ABSTRACT

This research, of a descriptive/interpretive nature, has as its theme 'cyberviolence in interactions in chan ecosystems. Although these ecosystems are aimed at different subjects, the interest in this research focuses on interactions that carry cyberviolence. As a general objective, we seek to analyze user interactions in deep web channels, despite the manifestation of cyberviolence in their techno-discourses, to identify the characteristics of this type of digital enunciator. Specifically, it is intended to: a) describe the context and composition of interactions in chan; b) analyze the representations of *ethé* in interactions, considering the cyberviolence present in these discourses; and c) identify the category of digital enunciator based on the relationship between man and machine. For this, the analysis corpus consists of publications and comments on chan 84ch in the deep web environment, whose content presents verbal violence. To this end, the notions of text as a communicative event, context, and interaction from Textual Linguistics (TL), the ethos of analysis from the Theory of Argumentation in Discourse (TAD), as well as the notions of composition, are used as support points. digital enunciator and cyberviolence from Digital Discourse Analysis (DDA). Finally, we understand the chan speaker as a cyberviolent digital enunciator who only exists in the digital environment, and it is only in this environment that he can produce and reproduce verbal violence, motivated by the condition of absence and imaginary cockpit linked to the *ethé* conservative and kamikaze.

Keywords: Text Linguistics; cyberviolence; digital enunciator; *ethé*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Recorte de publicação no <i>chan</i>	24
Figura 2 - Interações no <i>55chan</i>	28
Figura 3 – <i>Ethos</i> MGTOW no <i>chan</i>	40
Figura 4 - print de interação no <i>4chan</i> , no tópico mangá	49
Figura 5 - Tela inicial do <i>4chan</i>	63
Figura 6 - Continuação da tela inicial do <i>4chan</i>	64
Figura 7 - Tela inicial do <i>55chan</i>	64
Figura 8 - Tela de elaboração de tópicos do <i>board Random</i>	65
Figura 9 - Tópico no <i>board Random</i> do <i>55chan</i>	66
Figura 10 - Organograma de análise da pesquisa	70
Figura 11 – Quadro para postagem de <i>thread</i> no <i>chan 84ch</i>	72
Figura 12 – <i>Thread</i> de ataque no <i>chan</i>	74
Figura 13 - Comentários acerca do tópico da figura 12	77
Figura 14 - Comentários acerca do tópico da figura 12	80
Figura 15 - Comentários acerca do tópico da figura 13	82
Figura 16 - Esquema dos enunciados do <i>ethos</i> conservador e suas imagens de si	85
Figura 17 – Esquema dos enunciados do <i>ethos</i> do kamikaze e suas imagens de si	89
Figura 18 - Esquema da composição do enunciador digital ciberviolento	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LT	Linguística Textual
ADD	Análise do discurso digital
TAD.	Teoria da argumentação no discurso
RC	Retórica Clássica
NR	Nova Retórica
AD	Análise do discurso

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A CONSTRUÇÃO DO TEXTO E O EMERGIR DO <i>ETHOS</i>	18
2.1	Texto e(é) discurso?	18
2.1.1	Contexto: o ambiente ecológico do <i>Chan</i>	22
2.2	Interação na perspectiva digital	26
2.3	Interfaces entre Linguística textual e Argumentação no discurso ..	30
2.3.1	Os <i>ethé</i> dos <i>channers</i>	36
3	A EMERGÊNCIA DO DISCURSO DIGITAL E A CIBERVIOLÊNCIA....	43
3.1	Análise do discurso digital.....	43
3.1.1	Sobre a relação entre a composição e a relacionalidade	47
3.1.2	O tecnogênero de discurso no ecossistema do <i>chan</i>	50
3.1.3	A ciberviolência discursiva	52
3.1.4	O enunciador digital dos <i>chans</i>	56
4	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	60
4.1	Natureza da pesquisa.....	60
4.2	Descrição da fonte de dados: o ecossistema <i>chans</i>.....	61
4.3	Procedimento de coleta de <i>corpus</i> e de análise.....	67
4.3.1	Seleção do <i>corpus</i>	67
4.3.2	Procedimentos de análise	69
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO	71
5.1	A ciberviolência no contexto e na composição.....	72
5.1.1	<i>Thread</i> e suas relações compósitas	74
5.1.2	O confronto nas interações dos comentários	79
5.2	A construção dos <i>Ethés</i> em meio a ciberviolência	83
5.2.1	O <i>ethos</i> do conservador	84
5.2.2	O <i>ethos</i> do Kamikaze	89
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
	REFERÊNCIAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a ciberviolência nas interações em ecossistemas *chans*¹, e nossa preocupação com o discurso de violência remete à observação de constantes notícias veiculadas nas principais mídias de imprensa do país, desde os tradicionais jornais impressos aos portais on-line, os quais apresentam frequentemente recortes de interações, em que há a presença de ciberviolência para atacar a determinados indivíduos e/ou grupos. Sobretudo, o ecossistema utilizado para esses ataques trata-se dos *chans*, que são encontrados principalmente na *deep web*², e devido a sua pouca rastreabilidade, facilitam a disseminação de ataques a diferentes tipos de pessoas e de grupos.

Essas notícias ou os próprios textos/tecnotextos derivados desses ecossistemas são lançados em plataformas de redes sociais ou nos próprios *chans* e recebem diferentes tipos de interação, inclusive proporcionando várias formas de ciberviolência. Essas interações provocam o imaginário das pessoas e ao mesmo tempo ampliam o debate a respeito do papel desses tipos de ecossistemas na divulgação e/ou mobilização de conteúdo de ciberviolência. Inclusive, a forma como as pessoas compartilham e marcam sua opinião nesses *chans* provoca inúmeros questionamentos. Entre eles, o que despertou nosso interesse para a presente pesquisa, por exemplo, são os estudos de fenômenos textuais/discursivos nas interações dos usuários desses ecossistemas para propagar a violência e a repulsa a determinados grupos sociais e/ou a sua forma de pensar. Dessa forma, nossa maior indagação com esta pesquisa é de que forma a propagação de ciberviolência nesses *chans* pode ser facilitada pelos aspectos tecnodiscursivos inerentes a esse discurso nativo digital.

Fundamentamos então nossa proposta em uma análise textual e discursiva de interações produzidas no meio ambiente da *deep web*, cujos locutores utilizaram do ecossistema dos *chans* para a disseminação de discursos de ódio, como ameaças de morte, enaltecimentos de homicídios e mensagens violentas contra determinados

¹ Os *chans*, abreviação da palavra inglesa *channel* (canal), são fóruns de discussões on-line, em que qualquer indivíduo pode postar textos e imagens de forma anônima, sem ter um usuário, podendo criar tópicos e fios de discussões sobre temas variados.

² A *Deep Web*, que tem como significado “internet profunda”, é a parte da Internet que não se encontra registrada, e que não é possível acessá-la pelos buscadores tradicionais. Recorre-se, portanto, a um *software* que permite preservar a identidade dos utilizadores, como por exemplo o *Tor*, o qual utilizamos nesta pesquisa para obtenção do *corpus*.

indivíduos ou grupos sociais. Nesse sentido, o trabalho problematiza de que maneira essas interações são construídas em termos argumentativos, em especial na construção do *ethos* desses sujeitos. Pretendemos responder aos seguintes questionamentos: tendo em vista a interação dos sujeitos, como é construída a ciberviolência nas interações dentro do ecossistema *chan*? Quais *ethé* estão presentes nos discursos desses usuários? Como podemos identificar a categoria desse enunciador digital, a exemplo do *troll*³ e do *Grammar Nazi*⁴?

Em relação ao uso dos *chans*, conforme o tratamento dos principais meios de comunicação on-line⁵ do país, no que se refere à prática de ciberviolência, recorrentemente noticiam que esses ecossistemas são palcos para discussões e ameaças a indivíduos ou grupos, bem como para ameaça de ataques a escolas e a ambientes públicos. As notícias apontam que os massacres a colégios com ampla exposição midiática no Brasil tiveram como autores indivíduos que utilizaram desses ecossistemas para discutir, ameaçar e até planejar formas de como seriam realizados massacres e atentados, bem como usariam dessas ferramentas para enaltecer e dar seguimento a essa ciberviolência.

Nesse sentido, uma pesquisa preliminar em bases de busca da internet sobre notícias vinculadas tanto a massacres ocorridos em escolas brasileiras quanto de ameaças a pessoas com posicionamentos em defesa de grupos socialmente vulneráveis, permitiu verificar o alinhamento entre os crimes cometidos e o uso dos *chans* como ecossistema para discutir, ameaçar e planejar ataques. Ao nos depararmos com essa articulação entre o cometimento de atentados e o uso dos *chans* é que o nosso interesse de pesquisa recai sobre os aspectos tecnodiscursivos que podem ser facilitados para que essa relação seja mais facilmente estabelecida.

³ Aqui nos referimos ao enunciador digital que tem a característica de minar ou desestabilizar discussões, como veremos no transcorrer da dissertação, conforme Paveau (2021).

⁴ Aqui, trata-se de um enunciador digital que produz discursos de intolerância a erros gramaticais, o qual veremos detalhado no desenvolvimento da dissertação.

⁵Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/03/chans-o-que-se-sabe-sobre-os-canais-que-espalham-odio-pela-internet-e-comemoraram-o-atentado-em-suzano.html>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/05/28/4chan-quem-esta-por-tras-do-forum-onde-massacres-sao-organizados.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/a-origem-dos-bytes/o-submundo-da-internet-que-celebra-o-ataque-em-suzano/>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

Disponível em: <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2019/03/homens-armas-e-chans-a-receita-para-os-massacres/>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/11/26/por-que-ataques-a-escolas-tem-se-repetido-no-brasil.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

Desde o ataque e assassinato em série a uma escola em Realengo/RJ⁶, no ano de 2011, os veículos de comunicação como os que relatamos acima noticiaram o uso de interações virtuais para a articulação desse tipo de crime; nesse caso, apresentam que, em vários ataques ocorridos nos últimos anos, os criminosos utilizariam os *chans* e mostrariam ainda se espelhar em massacres anteriores, como o de Columbine⁷, nos EUA, por exemplo. No Brasil, há o assassinato em série conhecido como Massacre de Suzano⁸, ocorrido na região metropolitana de São Paulo, o qual apresenta semelhança com os outros dois casos e que os autores utilizaram dos *chans* para anunciar os atentados, e posteriormente os autores teriam sido enaltecidos por mensagens de usuários anônimos desses fóruns.

Em relação ao nosso recorte temático, buscamos encontrar no *chan* analisado publicações e comentários que carregassem ciberviolência e que tivessem sincronia com a data de elaboração desta pesquisa. Sendo assim, durante o presente texto traremos exemplos de várias formas de interação e ciberviolência em ecossistemas *chans*, mas para a análise localizamos e delimitamos o recorte do *chan 84ch*, que traz uma publicação de ataque à deputada federal Duda Salabert, a qual recebeu ameaças e teve seus dados expostos pelos usuários dos *chans*, sendo coletados esses dados diretamente na fonte – no *84ch* – e posteriormente analisados neste estudo. Metodologicamente, a coleta de dados foi por meio de infiltração nos *chans* da *deep web* utilizando o acesso através de um software *tor*⁹.

Nesse sentido, ao estudarmos os *chans* nesta pesquisa, buscamos analisar as interações de usuários em *chans* da *deep web*, em que pese a manifestação de ciberviolência em seus tecnodiscursos, com o intuito de explorar as características

⁶ O Massacre de Realengo trata-se de um assassinato em série ocorrido na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, no município do Rio de Janeiro, na data de 7 de abril de 2011. Neste dia, um indivíduo de 23 anos invadiu a escola armado com dois revólveres e realizou disparos contra os alunos presentes, o que resultou na morte de doze crianças e deixou mais de 22 feridos. O autor cometeu suicídio antes de ser detido.

⁷ O Massacre de Columbine trata-se de um assassinato em série ocorrido na Columbine High School, em Columbine, Colorado/EUA, na data de 20 de abril de 1999. Dois indivíduos foram responsáveis por executaram 12 alunos e um professor e deixaram feridas outras 24 pessoas. A dupla cometeu suicídio na biblioteca da escola, após troca de tiro com a polícia.

⁸ O Massacre de Suzano trata-se de um assassinato em série ocorrido na Escola Estadual Professor Raul Brasil, no município de Suzano, estado de São Paulo, na data de 13 de março de 2019. Na ocasião, dois ex-alunos entraram na escola e realizaram disparos de arma de fogo, resultando na execução de 5 estudantes e 2 funcionárias da escola. Após o atentado, um dos atiradores matou o comparsa e em seguida cometeu suicídio.

⁹ *Tor* é um *software* livre e de código aberto que possibilita a comunicação anônima ao navegar na *Internet* e ao realizar atividades on-line, em que não há censura e mantém a privacidade e oculta a ID do usuário.

desse tipo de enunciador digital. Esse objetivo se traduz nos objetivos específicos: a) descrever o contexto e a composição das interações no *chan*; b) analisar as representações dos *ethé* nas interações, tendo em vista a ciberviolência presente nesses discursos; e c) explanar sobre a categoria de enunciador digital em questão a partir da relação entre homem e máquina.

Para as análises, o estudo empregará noções de texto e de interação da Linguística Textual (LT), de Cavalcante *et al.* (2022) e Muniz-Lima (2022), a noção de *ethos* da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), de Amossy (2020); e, além disso, os conceitos de compósito, ciberviolência e enunciador digital com base na Análise do Discurso Digital proposta por Paveau (2021). Ao abordarmos esses teóricos, visamos articular a LT aos estudos da argumentação no discurso e a interação nos discursos nativos digitais, para então compreender o modo como esses sujeitos praticam ciberviolência, em especial, no que tange ao tipo de análise realizada pela linguística de texto no Brasil (Cavalcante *et al.*, 2020, 2022; Muniz-Lima, 2022).

O estudo vai ao encontro de pesquisas como a de Brito, Cabral e Silva (2022), Recuero e Soares (2019) e a de Cabral e Guaranha (2021) que analisam o discurso da violência e a ciberviolência no ambiente digital, bem como representa uma articulação com a análise do texto apresentada na tese de Catelan (2013), em que estudou sobre cartas de suicidas. Em relação ao nosso tema de pesquisa, entendemos a necessidade de debruçar-nos sobre o discurso de ciberviolência e a interação nesses ecossistemas para compreendermos sua influência na propagação dessas violências verbais. Ressaltamos aqui que nosso interesse é estudar um recorte desse enunciador digital, em um ecossistema específico, que carrega ciberviolência em suas interações, pois sabemos que existem várias formas de manifestação desse tipo de violência nos ecossistemas digitais, mas para que possamos iniciar uma análise em um meio ambiente digital pouco acessado, escolhemos uma amostra para explorar esse enunciador.

Como divisão desta pesquisa, elaboramos cinco capítulos: no primeiro, apresentamos a introdução do nosso estudo; no segundo, tratamos sobre as noções de texto e argumentação no discurso, em que estreitamos os estudos do texto/discurso à argumentação; no terceiro, discutimos sobre as noções que envolvem a análise do discurso digital e as questões de ciberviolência, com vistas a compreender o discurso e a interação no ambiente digital; e, no quarto, delimitamos o que se trata do nosso objeto de análise, ao trazermos todo o aparato metodológico da

pesquisa; e, no quinto, realizamos a discussão sobre a análise do corpus selecionado, para refletirmos sobre a manifestação discursiva e a propagação de ciberviolência no ecossistema do *84ch*. Por último, refletimos por intermédio das considerações finais os resultados alcançados nesta pesquisa, com as características elementares do enunciador digital ciberviolento.

2 A CONSTRUÇÃO DO TEXTO E O EMERGIR DO *ETHOS*

Para a nossa pesquisa, mobilizamos as principais discussões sobre texto no campo das análises textuais e discursivas, principalmente desenvolvidas no plano da linguística textual, as quais delimitamos neste capítulo e que são especialmente baseadas nos trabalhos de autores que tomam o texto como um evento comunicativo (Cavalcante *et al.*, 2022; Muniz-Lima, 2021; Adam, 2011).

Primeiramente, destacamos os estudos de Cavalcante *et al.* (2022), que elaboram uma esquematização de análise textual e consideram o discurso em sua perspectiva de análise. Os autores utilizam dos conceitos de contexto, de interatividade, de atitude responsiva, bem como consideram os recursos tecnológicos para defender que o texto é um evento comunicativo, conceito que será explanado ao longo deste capítulo. Para nossa pesquisa, dentro da perspectiva da análise textual, delimitamos o contexto e os recursos tecnológicos como conceitos a serem mais bem explorados, considerando as questões discursivas, de interação e de argumentação.

No segundo tópico, como segmento da perspectiva utilizada por Cavalcante *et al.* (2022), utilizamos o conceito de interação proposta por Muniz Lima (2022) para refletirmos sobre essa noção nos meios digitais, estabelecendo uma relação com a nossa pesquisa, que tem como objeto interações no meio digital. Para estabelecer relação entre texto e discurso, nos dois últimos tópicos do capítulo discutimos a argumentatividade no discurso, tomando como base os conceitos estabelecidos por Amossy (2021), que considera todo discurso argumentativo e leva em consideração *pathos* e *ethos*.

A discussão dessas noções será importante para compreendermos o texto na perspectiva digital, apoiando-nos na compreensão do texto como evento comunicativo para utilizar como base ao capítulo 3, pois, ao ampliarmos a discussão do texto e do discurso, buscamos mobilizar teorias sobre o modo de organização do texto em contexto digital.

2.1 Texto e(é) discurso?

Os teóricos da área dos estudos de linguagem trazem os conceitos de texto e discurso de maneiras distintas, ainda que essas noções sejam usadas, muitas vezes,

para descrever os mesmos objetos, as diferentes formas de análise apontam para noções de gêneros discursivos (ou gêneros textuais). Com essas diversas formas de conceber o texto, compreendemos a importância desde a concepção estrutural materializada em enunciado, tanto quanto a discursiva.

Dessa forma, para que possamos realizar uma discussão sobre o tema, tomamos como ponto de partida a noção de texto de Adam (2019, p. 33), de modo a articulá-la à noção de texto defendida pela Linguística Textual, conforme Cavalcante *et al.* (2022). Adam (2019) compreende o texto como “o traço languageiro de uma interação social, a materialização semiótica de uma ação sócio-histórica da fala”. Em outras palavras, o autor entende que o texto partilha da interação dos indivíduos em sociedade, levando em consideração o momento sócio-histórico, resultando em uma materialidade semiótica e toma forma a partir de regimes sequenciais dominantes ou sua combinação, pelas sequências: narrativa, dialogal, argumentativa, explicativa e descritiva.

Conforme a concepção defendida por Adam (2019) e já atualizada em Adam (2020), o texto é uma série verbal ou ao que ele chama de verbo-icônica, ou seja, uma sequência de verbo-imagética (também acrescidas as diferentes formas de textualidade digital (*textiel* [infotexto])), que resulta em uma unidade de comunicação, e é nesse sentido que há o “efeito de genericidade”. Segundo o autor, as séries de enunciados de um texto estão inscritos em uma classe do discurso, dessa forma texto e discursos são dependentes um do outro para o ato de uma unidade comunicativa.

Nesse sentido, Adam (2019) considera também em sua leitura do processo de atribuição de sentidos as questões que envolvem os gêneros discursivos e que entendemos ser importantes para esta pesquisa. Consoante ao exposto pelo linguista, o evento do texto só é possível quando está inscrito em um gênero discursivo e em uma formação sócio-histórica, pois são nos gêneros que a textualidade atinge a discursividade. Adam (2019) defende que o discurso é necessário para ocorrer o evento do texto, sendo assim, ele classifica a eventualidade do texto em três estâncias: os protótipos de sequência, que são as sequências textuais predominantes nos textos, divididos em argumentativo, narrativo, explicativo, dialogal e descritivo; os gêneros do discurso, que são formações sociodiscursivas e práticas em que o autor categoriza, a exemplo do discurso jornalístico e religioso; e, por último, os gêneros do texto, que se trata do entrelaçamento entre as duas primeiras categorias, tendo como exemplo as fábulas, o conto, o ensaio e a entrevista.

Dessa forma, compactuamos com a visão do autor quando ele propõe que o discurso é necessário para o evento do texto e que aquele se materializa no texto por meio dos gêneros discursivos, ficando apenas de fora sua distinção de gênero de texto, vez que compartilhamos a ideia de Bezerra (2017) sobre a não dicotomia entre gêneros textuais/discursivos. Assim, nesse âmbito, consideramos também a ampliação da noção de texto defendida por Cavalcante *et al.* (2022), conforme explanamos a seguir.

Cavalcante *et al.* (2019, p. 26-27) consideram o texto como enunciado “que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos”. Dessa forma, os autores partilham da noção de Bakhtin em relação ao dialogismo em que o texto ocorre como evento enunciativo e acreditam que “as relações de sentido que instituem o texto como unidade de coerência são construídas numa situação enunciativa imediata simulada, porque não se trata de sujeitos empíricos, num tempo e espaço físico real, mas de uma encenação criada pelo universo textual a cada vez”.

Os autores defendem que, ao compartilharem dos pressupostos da análise discursiva bakhtiniana, em que pese o texto acontecer entre o espaço e a cena de enunciação¹⁰, levam em consideração que o texto ocorre a cada vez que é enunciado, de forma única, não se repete e se comporta em um contexto sócio-histórico “necessário para que os participantes envolvidos na interação recortem o que lhes parece relevante para negociar sentidos entre eles e se comunicar, até darem por encerrada aquela unidade de sentido em contexto” (CAVALCANTE *et al.* 2022, p.16). Em Cavalcante *et al.* (2022, p.16), os autores atualizam a noção de texto em relação à tecnologia ao mencionar Paveau (2021), que “um texto, em qualquer modelo de gênero, é elaborado por locutores com recursos tecnológicos em algum momento envolvidos nas ações humanas”. Ainda, conforme os autores, o texto visa provocar interatividade (Muniz-Lima, 2022), e engendrar uma atitude responsiva ativa (Bakhtin, 1992) ao provocar alguma forma de reação.

Para os autores, a noção de texto vai além dos aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos, deve, portanto, considerar “os condicionamentos sociais

¹⁰ Compreendemos enunciação, neste contexto, conforme os pressupostos de Bakhtin e Volóshinov (2006, p. 126), que consideram ser “um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística”.

das práticas discursivas que envolvem o enunciado”, pois este é um evento instável e irrepetível. O texto então se realiza a cada nova interação e, dessa forma, cabe à linguística textual descrever e explicar as estratégias usadas no texto e nas tentativas de argumentação dos interlocutores que se utilizam de práticas discursivas por meio dos gêneros do discurso.

Para um dos aspectos a serem explorados nesta pesquisa e que os autores explanam sobre a análise textual, começamos aqui a tratar sobre o contexto do enunciado. Dessa forma, para que possamos ter a clara relação da dependência entre discurso e texto, cabe aqui abordar a noção de discurso, pois entendemos, nesta pesquisa, que, sendo o texto um evento comunicativo, o discurso então se torna inseparável do texto. Da mesma forma, quando buscamos compreender as características de enunciador digital, estudamos os efeitos de sentido que seus textos produzem, com isso, os discursos produzidos por este enunciador são fundamentais para a nossa análise.

Destacamos aqui a importância de tratarmos sobre o discurso, Cavalcante *et al.* (2022) partem da noção de discurso segundo Charaudeau (2001), o qual em sua obra explica não definir o conceito de discurso, mas sim delimitar o território pelo qual ele (o discurso) pode se mover. Nesse sentido, o autor explica que o discurso pode ser utilizado em dois sentidos:

Em um primeiro sentido, discurso está relacionado ao fenômeno da encenação do ato de linguagem. Esta encenação depende de um dispositivo que compreende dois circuitos: um circuito externo, que representa o lugar do fazer psicossocial (o situacional) e o circuito interno que representa o lugar da organização do dizer. Reservaremos o termo discurso ao domínio do dizer (...) Em um segundo sentido, discurso pode ser relacionado a um conjunto de saberes partilhados, construído, na maior parte das vezes, de modo inconsciente, pelos indivíduos pertencentes a um dado grupo social (Charaudeau, 2001, p. 26).

Conforme esta asserção, apesar do autor defender que não se deve confundir texto e discurso, expondo ser o texto a materialização da encenação do ato da linguagem, ou seja, a materialização do discurso. Ele considera que os discursos atravessam o texto, como o exemplo trazido pelo autor de que os discursos didático e de humor podem entrecruzar o gênero político. Portanto, considerando o texto atravessado pelo discurso, como exposto por Charaudeau (2001), e entendendo o texto como um evento comunicativo é que na próxima seção trabalhamos com o

contexto, que consiste em uma importante noção da nossa pesquisa, pois traz aspectos estruturais de análise para nosso corpus.

2.1.1 Contexto: o ambiente ecológico do *Chan*

Para trabalharmos com o texto, o qual definimos na seção anterior como um evento singular que compõe uma unidade comunicativa e de sentido em contexto, observamos a necessidade de nos debruçarmos sobre esta última noção, o contexto. Nesse sentido, Cavalcante *et al.* (2022, p. 17) debatem sobre a noção de contexto e consideram que: “o acontecimento do texto comporta todo o contexto social (e histórico, portanto), necessário para que os participantes envolvidos na interação recortem o que lhes parece relevante para negociar sentidos entre eles e se comunicar”. Por isso, ao tratarmos de interações em que a ciberviolência predomina, entendemos ser fundamental atermos ao contexto/ambiente digital em que esse discurso está envolvido, observando como a ciberviolência é retomada e perpetuada através das interações.

Para uma visão pré-digital do contexto, os autores expõem uma relação de dependência entre contexto e texto, e para isso dissertaremos aqui sobre a noção de “co(n)texto”, explicitada por Adam (2011, p. 52-53):

Escrevemos “co(n)texto” para dizer que a interpretação de enunciados isolados apoia-se tanto na (re)construção de enunciados à esquerda e/ou à direita (cotexto) como na operação de contextualização, que consiste em imaginar uma situação de enunciação que torne possível o enunciado considerado. Essa (re)construção de um co(n)texto pertinente parte, economicamente, do mais diretamente acessível: o cotexto verbal e/ ou o contexto situacional de interação. Se, em uma interação oral, pode haver concorrência entre cotexto e contexto da enunciação, na escrita, o cotexto é o dado mais imediatamente acessível. Se o cotexto está disponível e se ele se mostra suficiente, o interpretante não vai procurar em outro lugar.

O autor, ao rechaçar a noção de condições de produção do discurso da Análise do discurso francesa, a qual coloca em oposição texto e discurso, considera que o contexto é a construção de sentido dos enunciados, em que “as informações do contexto são tratadas com base nos conhecimentos enciclopédicos do sujeito, nos seus pré-construídos culturais e nos lugares comuns argumentativos”. Sendo assim, ele emprega cotexto para se referir ao ambiente linguístico imediato, ou seja, a materialidade languageira, e contexto para se referir ao extralinguístico, portanto o co(n)texto é usado para se referir à dependência dessas noções na formação do texto.

Adam (2011, p. 54-56) nos aponta que a “contextualização se dá a partir da memória do texto que se acaba de ler e, na sua falta, da memória dos textos lidos”, ou seja, os enunciados são constituídos de outros enunciados e da retomada desses, sendo que o “contexto está ligado à memória intertextual”. Ou seja, o linguista ressalta a importância do contexto para a compreensão (ou a falta) de compreensão dos textos, visto que o dialogismo presente nos textos está relacionado à memória intertextual, responsável por retomar outros textos.

Em relação ao contexto no meio tecnológico, que é o caso do nosso material de análise, Cavalcante *et al.* (2022, p. 24) associam-se à noção de ambiente ecológico, empregada por Paveau (2021), e expõem que no meio digital o contexto se relaciona às “ações e reações humano-tecnológicas com os objetos e materiais com que possam estar relacionados na interação, os valores, os estereótipos e as crenças que possam ser evocados”. É dessa maneira que os autores entendem que o contexto comporta também as identidades sociais e os saberes compartilhados que os sujeitos assumem nas interações.

Conforme Paveau (2022, p. 159), na perspectiva discursiva, o contexto no meio tecnológico é nomeado como ambiente ecológico, ou a ecologia do discurso, que toma como objeto o conjunto de ambiente em que os elementos languageiros se inscrevem. A autora faz uma analogia com termos da biologia: o meio ambiente e o ecossistema, em que o ambiente sendo o espaço onde vivem os organismos, no âmbito on-line o ambiente digital se trata da *web 2.0*, por exemplo, onde estão presentes os ecossistemas; já o ecossistema, um sistema ambiental formado por uma comunidade, relaciona-se com os ecossistemas digitais, ou seja, conjunto de usuários inseridos e que interagem em uma plataforma no ambiente digital. Nesse sentido, ela considera que os discursos não devem ser analisados de forma a considerar apenas a matéria languageira, mas também como compósito, o qual integra “o languageiro e o tecnológico, e igualmente o cultural, o social, o político, o ético, etc.”:

as formas tecnolinguageiras possuem componentes tecnológicos que uma análise logocentrada descartaria; a produção e a recepção discursivas on-line implicam gestos de escrita do usuário inseparáveis dos enunciados (cliquear, rolar, tocar); os tecnodiscursos possuem uma dimensão relacional, sendo todos, em graus variados e em variadas configurações, ligações técnicas para outros enunciados (Paveau, 2022, p. 159).

Nesse sentido, para ilustrar esses conceitos apresentados por Paveau (2022), observamos a seguir uma postagem no *chan*, em que o meio ambiente digital da

postagem se trata da *deep web* e o ecossistema *chan*. Observamos que o usuário se identifica como *Anonymous* e usa uma imagem provavelmente de um jogo de videogame em que aparece um indivíduo com uma certa reação, de posição como se estivesse esquivando de algo ou arremessando uma pedra. Ao fundo, há um castelo e o clima do todo da imagem é de desolação. A imagem segue com a frase: “Anões, existir por si só é doloroso. Eu só queria ter mais coragem.”, como podemos observar a seguir.

Figura 1 - Recorte de publicação no *chan*



Fonte: 55chan

Pela observação desse compósito¹¹, em um primeiro momento, lembramos que estamos no meio ambiente digital da *deep web*, e que nesse local é onde há a camada mais nebulosa da internet, em que comumente há conteúdos considerados como ilícitos ou antiéticos pelo tipo de recorte ou visada. Nesse sentido, dentro desse ambiente digital há o ecossistema do *chan*, que pode ser um local de troca de mensagens e debates tanto de cunho de animes, desenhos e jogos, como a nível homicida, preconceituoso, pornográfico e entre outros. Portanto, para compreendermos a mensagem desse locutor é necessário conhecermos desse contexto digital, pois é um local onde as pessoas conseguem mais facilmente proferir mensagens que não conseguiriam no ambiente da *web 2.0*, por meio de comentários, postagens de imagens, hiperlinks e demais interações típicas do ambiente on-line.

¹¹ Trataremos da noção de compósito um pouco mais à frente no texto.

Quando observamos o contexto linguageiro da postagem, notamos primeiramente a palavra “Anões”, termo que comumente é utilizado nos *chans* para se referir aos outros usuários, especificamente os “*channers*¹²” brasileiros. Em seguida, informa que a causa “existir por si só é doloroso” tem como consequência “Eu só queria ter mais coragem”, ou seja, aparentemente o contexto que poderia ser construído nessa publicação leva a crer que o locutor apresenta uma mensagem suicida, de que se tivesse coragem deixaria de existir, tiraria a própria vida, por existir ser doloroso. Outro fator que poderia explicar o texto seria o de que o autor possui a imagem de que o suicídio é um ato de coragem, a qual ele não tem. Portanto, ao compreendermos todo esse contexto do suicídio em um ambiente digital, o evento do texto passa a acontecer nessa postagem.

Com este recorte, podemos observar parte da influência do contexto, especialmente pois o ecossistema da postagem está inserido no ambiente ecológico digital da *deep web*, ou seja, em local propício para esse tipo de discurso. Esses fatores são necessários para compreender o sentido do texto, que por si só é também uma amostra do evento comunicativo, pois a figura possui uma combinação de sistemas semióticos, aconteceu como evento único que compôs uma unidade de comunicação e de sentido em um contexto/ambiente ecológico digital.

Dessa forma, em continuidade ao tratado sobre o contexto, para concebermos o texto como um evento comunicativo, Cavalcante *et al.* (2019) consideram o texto composto por indícios cotextuais e contextuais, próximo ao tratado por Adam (2011; 2020), determinado pelo gênero, com ligações intertextuais e pelo confronto argumentativo, compreendendo também como uma atividade interativa. Com isso, Cavalcante *et al.* (2022, p. 15) convidam-nos a refletirmos sobre interação; eles apontam que os locutores ao interagirem assumem papéis sociais dentro de um contrato social presumido em que condições discursivas são postas em funcionamento e, além disso, “relacionam-se a motivações argumentativas definidoras dos efeitos possíveis que um locutor pretende gerar em seus interlocutores diretos e, por vezes, em participantes indiretos”. Como consequência, no próximo item observamos as questões de interação, tendo como base Cavalcante *et al.* (2022).

¹² Como geralmente são chamados os usuários dos *chans*.

2.2 Interação na perspectiva digital

Em primeiro momento, lembramos que a interação é debatida por diversas áreas de conhecimento, como a filosofia, a sociologia, a antropologia, as ciências da comunicação e pelas ciências da linguagem. Contudo, devido nosso *corpus* de análise e o interesse desta pesquisa ser direcionado à perspectiva textual-discursiva digital, nesta seção, abordamos a interação pelo viés da Linguística Textual em que pese o direcionamento ao discurso digital. Sendo assim, quando lidamos com a interação, estamos direcionando o olhar para a forma como os interlocutores se relacionam por meio da linguagem.

Para compreendermos inicialmente a noção de interação, Cavalcante *et al.* (2022, p. 33) apontam-nos que “lidar com a interação em que o texto se realiza é, portanto, tratar de um contrato de comunicação, que se desenvolve em um circuito comunicativo no qual os participantes agem como falantes e destinatários, mas que também se posicionam socialmente”. Eles ainda explicam que esse contrato requer uma relação de hierarquia e respeito entre os sujeitos, a exemplo de um julgamento em que o juiz assume o papel do poder de julgar, enquanto o réu assume o papel subalterno de se defender, criando-se assim suas identidades sociais.

Citando Charaudeau (2009), os autores delimitam que o círculo comunicativo é formado por dois níveis, o interno, que está relacionado com um dizer; e o externo, que se vincula a um fazer. Nesse sentido, apontam que toda interação é dotada de um círculo comunicativo, cuja interação se dispõe de quatro participantes: o locutor, o interlocutor, o enunciador e o outro enunciador. Esses participantes ocupam papéis sociais e identidades que são demarcados pelo contrato de comunicação, como observamos a seguir.

Charaudeau (2011, p. 2) explicita que existe uma espécie de regulação da interação comunicativa cotidiana, na qual “os membros de uma mesma comunidade cultural se reconhecem”. Dessa maneira, ele destaca que, para a existência do interlocutor, em uma situação de troca comunicacional, o locutor, em determinadas situações, deve satisfazer em palavras, enquanto o interlocutor mostra em seu comportamento estar satisfeito com as condições propostas pelo locutor: “o reconhecimento do ‘direito à palavra’ e o reconhecimento da ‘identidade’ do sujeito falante representam então duas faces de uma mesma moeda, moeda de troca que circula entre os parceiros de um ato de comunicação”.

Ao relacionarmos a interação a um contrato de comunicação, como explicam Cavalcante *et al.* (2022), e a regulação da interação comunicativa, por Charaudeau (2011), notamos que a interação respeita uma espécie de acordo com os membros de uma mesma comunidade, e o que observamos é que os *chans* são espaços seletos de internautas, o acordo (prévio) então é necessário para que haja diálogo e continuidade nos comentários das postagens. Destacamos que, em complemento a essas noções, vale trazermos aqui uma noção que leve em consideração as interações on-line. Como nosso interesse nesta pesquisa é voltado ao conteúdo presente na *web* e a mediação entre o usuário e a máquina, torna-se fundamental a noção formulada por Muniz-Lima (2022, p. 82), a qual entende que:

a interação seja compreendida como um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores humanos e/ou não humanos, sempre encenado, e que acontece de diferentes modos em função de uma combinação de aspectos. No caso das interações em contexto digital, propomos que seja considerado um conjunto de fatores tecnolinguageiros, que envolva, entre outros elementos, o tipo de mídia, o tipo de suporte, os níveis de interatividade e os sistemas semióticos.

Dessa forma, compactuamos com a noção proposta por Muniz-Lima (2022) quando ela apresenta os fatores tecnolinguageiros para explicar a interação, em que leva em consideração o processo interacional de construção de sentidos entre elementos humanos e não humanos, ou seja, abarca em sua concepção de interação os aspectos do campo tecnológico. Ademais, a autora chama a atenção para que a análise deva considerar os fatores particulares de cada interação, respeitando as características de texto e de gênero.

Para o nosso corpus de análise, também atribuímos importância à nossa pesquisa quando a autora defende que toda interação sempre se assume como um processo de encenação em sua existência empírica, visto que não se vincula a um ser no mundo real. Nesse sentido, nos *chans*, essa encenação é assumida pelos usuários quando se escondem no anonimato e assumem personagens que violam as práticas legais e optam pela ciberviolência.

Ademais, Muniz-Lima (2022, p. 123-164) expressa que nas interações em contexto digital orbitam-se quatro aspectos: os sistemas semióticos, os níveis de interatividade, o tipo de suporte e o tipo de mídia. Em relação aos níveis de interatividade, a autora classifica em três aspectos: controle de conteúdo, caráter dialogal e sincronicidade, constituindo assim em “aspecto tecnolinguageiro da

interação que se refere aos diferentes modos de engajamento ativo entre interlocutores no processo de construção de sentidos, inclusive quando a máquina assume esse papel interlocutivo”. Em relação aos *chans*, notamos que o caráter dialogal está preponderantemente presente, e que o controle de conteúdo e a sincronicidade não possuem predominância nesse ecossistema.

Em face dos sistemas semióticos, a pesquisadora divide em quatro vertentes: oral (que seriam as realizações linguísticas: os sons da fala), gestuais (“os movimentos corporais, identificados nas expressões faciais, inflexões, olhares e mímicas dos interlocutores”), imagético (qualquer representação visual) e escrito (“toda produção tecnolinguageira que se revele por meio da utilização de grafemas, tanto do sistema alfabético quanto de outros tipos”).

Para o tipo de mídia, a autora expõe que se trata de um elemento integrante à interação, no qual compõe o processo de construção de sentidos em que os interlocutores desenvolvem, a exemplo das redes sociais *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. No nosso caso, o ecossistema em questão é o *chan*, e na Figura 2 a seguir podemos notar os aspectos da interação explanados até aqui.

Figura 2 - Interações no 55chan



Fonte: 55chan

Conforme a Figura 2, em relação aos quatro aspectos da interação, temos aqui os sistemas semióticos, em que o imagético, através do arquivo *1644922230000.png*, o qual também apresenta características gestuais, com expressões faciais e olhar do que parece uma representação animal de um sujeito estático, sem muita animação, e com vestes religiosas; ainda, há o da escrita, em que representa o conjunto de grafemas da postagem e dos comentários, além dos fatores

tecnolinguageiros, como os clicáveis: *hiperlinks* da fotografia, de resposta dos comentários, de caixa de ocultação do comentário e de tópicos que remetem a outras discussões.

Quanto a postagem, notamos uma relação de complementação entre a imagem descrita acima e o elemento linguageiro: *Mal posso esperar para que o Catolicismo Grego e a Ortodoxia do Patriarcado de Kiev sejam introduzidos na Ucrânia como religião do Estado. Morte aos hereges e ateus! Deus Vult!*. Em seguida, as respostas em formato de comentário geram desacordo e acordo, como: *Ucranianos são uma cambada de degenerados de merda. e também gostaria que isso acontecesse, lutaria ao lado de azov e castanha*. Dessa forma, a interação ciberviolenta é facilitada pela relação de anonimato, pelo ecossistema do *chan* e pelos *hiperlinks* de fácil resposta.

Em relação aos níveis de interatividade, o controle de conteúdo está atrelado ao moderador e aos próprios usuários, além de os fatores tecnológicos, como a obrigatoriedade de colocar uma imagem para realizar uma postagem, além da possibilidade de se identificar como anônimo ao realizar as postagens. Ademais, observamos o caráter dialogal do *chan*, pois as postagens são realizadas em busca da discussão através dos comentários. Já em relação à sincronicidade, é possível afirmar que a relação é assíncrona, pois a disposição do horário dos comentários se apresenta de modo não paralelo à realização da postagem, ocorrendo em horários e dias diferentes.

Em face da noção de suporte, Muniz-Lima (2022, p. 111) aponta ser o “lócus físico ou a parte mais material dos elementos da interação”; ele adquire a “função tecnolinguageira” no âmbito digital e, além de ser composto por mídias digitais, também é constituído por material com várias formas de fazer sentido, que pode conter “interferência da luminosidade, dos recursos de toque/*touch screen* e do modo como o layout ou a estrutura dos elementos se organiza na tela”, a exemplo de *smartphone*, tablete e computador. Nesse sentido, na Figura 2, pelos aspectos de imagem na horizontal, opções de barra de deslizamento visível e opções de clique na parte lateral esquerda, foi utilizado um computador para acesso à mídia, e não um *smartphone*. Sendo assim, a pesquisadora expõe que mídia e suporte devem ser analisados juntos, em integração com as características dos aspectos linguageiros da interação.

Por fim, nessa seção observamos através do exemplo da Figura 2, a interação entre homem e máquina, além disso destacamos os fatores tecnolinguageiros que influenciam na interação. A partir do gesto de análise desta seção, nas análises ao final desta pesquisa aplicaremos de forma mais detalhada os quatro aspectos da interação que alteram a relação entre o humano e a máquina. Dessa forma, compreendemos que os fatores de texto e discurso estão interligados à interação, e, no próximo item, averiguamos que o caráter argumentativo está ligado ao discurso, a partir dos pressupostos da teoria de Amossy (2021).

2.3 Interfaces entre Linguística textual e Argumentação no discurso

Para dar sequência aos nossos estudos sobre os *chans*, consideramos a necessidade de discutirmos sobre a argumentação presente nos discursos. Sabemos que a argumentação sempre foi um tema de interesse em diferentes áreas da linguística, mas seu estudo ficou por muito tempo relacionado à produção de um determinado gênero ou mesmo à organização do discurso oral. Para a Linguística Textual (LT), o tema obteve repercussão especialmente na obra sobre sequências textuais de Jean-Michel Adam (Textos, tipos e protótipos), primeiramente publicado nos anos 1990), delineado no protótipo composicional da sequência argumentativa. Desde então, no seu papel de descrição do texto e seu objeto de análise, as pesquisas em LT, especialmente no Brasil, passaram a observar outros usos ou estratégias de organização textual tendo em vista a argumentação. Segundo Cavalcante *et al.* (2022), a Linguística Textual pôde assim contribuir para uma análise da argumentação visto que é na dimensão do texto que ela, de fato, se evidencia.

O princípio de argumentatividade nos textos como um aspecto constitutivo da construção da textualidade foi então, particularmente, ancorado pelos postulados de Ruth Amossy (2017, 2020). A Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), que vê a argumentação como constitutiva de todo discurso, também possibilitou partilhar que todo texto é argumentativo, uma vez que nele há sempre pontos de vista gerenciados por um locutor/enunciador principal (o orador) que vai buscar agir ou procurar adesão de um interlocutor (auditório). É nesse sentido que novamente buscamos apoio nessas duas áreas para a pesquisa em questão. Vemos, como Cavalcante *et al.* (2022), a argumentatividade em todos os textos, como dimensão argumentativa ou como visada argumentativa (textos de sequencialidade predominantemente argumentativa).

A associação da argumentação e da análise do discurso realizada por Amossy (2020, p. 42) compreende que “todo enunciado confirma, refuta, problematiza posições anteriores, quer tenha sido expressas de modo preciso por um dado interlocutor, ou de modo difuso no interdiscurso contemporâneo”. Dessa forma, a autora compreende que a dimensão argumentativa é uma consequência do dialogismo próprio do discurso, considerando assim que os discursos são atravessados pela argumentação e que os sujeitos utilizam a linguagem com objetivo de influenciar o outro, seja para apresentar uma visão, para adesão de uma posição ou para gerir conflito.

Para estabelecer uma diferença da argumentação intrínseca à linguagem aos usos que possuem intenção clara de argumentação, Amossy (2020, p. 44) distingue a dimensão argumentativa da visada argumentativa, entendendo que

a simples transmissão de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende expressamente modificar as posições do alocutário, não se confunde com uma empreitada de persuasão sustentada por uma intensão consciente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo.

Nessa transmissão de um ponto de vista, que a autora defende ser algo intrínseco ao discurso, ela compreende como dimensão argumentativa, já a intensão consciente, o uso do discurso com o objetivo pleno de argumentar, de persuadir o outro de forma intencional, a autora caracteriza como visada argumentativa.

Para um aparato teórico que possa dar conta do aspecto da argumentação e de seu contexto discursivo, Amossy (2020, p. 274-276) expõe que “a união da argumentação com a análise do discurso põe em evidência o fato de que o discurso se desenvolve necessariamente em um espaço-tempo delimitado, cujos valores, regras e normas ele respeita”. Dessa forma, a autora ressalta que a capacidade de promover adesão é em decorrência do acordo entre as estratégias verbais, a organização textual e a situação discursiva. E é em face disso que, em relação aos aspectos de organização teórica, a TAD considera as seguintes abordagens: linguageira, comunicacional, dialógica, textual e de gênero do discurso.

Sendo assim, quando levamos em conta a exploração da dimensão argumentativa, podemos explanar diversos procedimentos que fazem evocar a persuasão, pois:

discursos diferentes podem implementar meios diferentes, ora utilizando as técnicas argumentativas clássicas – como o entimema, a analogia, a

definição, as figuras de estilo etc. —, ora empregando meios particulares, de acordo com o que um quadro genérico propõe ou autoriza — com o ritmo, os parênteses, a polifonia, a retomada do discurso do outro, o ponto de vista, as vozes narrativas etc (Amossy, 2020, p. 275).

Em sua delimitação, a autora parte primeiramente da noção de argumentação segundo os encaminhamentos dos campos teóricos da Retórica Clássica e da Nova Retórica. Amossy (2020) apresenta, assim, que ambas as abordagens se interessam somente pela visada argumentativa, ou seja, os textos cujo autor tem a plena intenção de argumentar. A TAD vem justamente para explanar sobre a dimensão argumentativa, considerando a argumentação como algo próprio do discurso. A autora destaca ainda a capacidade discursiva do orador, pois quando ele possui a intenção de gerar acordo encontra a adequação necessária para cada situação.

Para delimitarmos a figura do orador conforme explanado pela autora, utilizamos a definição de Perelman (1993), que compreende o orador como a pessoa que utiliza a fala ou a escrita:

Quando se trata, não de factos, mas de opiniões, e sobretudo de apreciação, não só a pessoa do orador, mas também a função que ele exerce, o papel que assume, influenciam inegavelmente a maneira como o auditório acolhe as suas palavras: as mesmas observações, pronunciadas pelo advogado, pelo procurador ou pelo juiz serão recebidas e compreendidas de forma muito diferente (Perelman, 1993, p.112).

Nesse sentido, analisamos aqui o que consideramos por função do orador, levando em conta seu papel social e a quem ele pretende atingir, persuadir, convencer. A escolha retórica para cada um deles é selecionada e direcionada a auditórios distintos, como Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 21) afirmam: “há funções que autorizam — e só elas — a tomar a palavra em certos casos, ou perante certos auditórios”, um juiz, por exemplo, é dotado de uma autoridade absoluta em um julgamento e sua função junto àqueles que o ouvem lhe credencia essa autoridade no discurso, “como a argumentação visa a obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar”.

Como seguimento, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 22) definem o auditório como “conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação”. Por conseguinte, explica que nem sempre o auditório é aquele que o orador inquirir pelo nome e exemplifica com a função-orador de um parlamentar que se dirige ao presidente e tem como plateia os outros parlamentares. Assim, ao realizar

um discurso pode não estar tentando convencer apenas a plateia do plenário, mas a oposição, a sua bancada ou/e a população, contemplando um auditório mais amplo. É importante refletirmos aqui que o auditório nos *chans*, como veremos nas análises, em atividades de ciberviolência, retrata-se ou nos *channers* ou nos alvos de ciberviolência, pois os ataques muitas vezes têm intuito de gerar acordo entre os usuários ou de desestabilizar o alvo pelo viés desse discurso de violência.

Antes de discutirmos sobre os tipos de auditórios, apontamos aqui sobre a dicotomia entre convencer e persuadir utilizada pelos autores, em que compreendem o convencimento como um caráter racional, enquanto a persuasão seria a ação de mobilizar os sentimentos do auditório: “propomo-nos chamar *persuasiva* a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar *convigente* àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional” (1996, p. 31). Observando esses aspectos, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 23) dicotomizam o auditório em duas facetas: o particular e o heterogêneo. Para contemplar o primeiro, é imprescindível que o orador, cuja intenção seja persuadir, se adapte ao auditório, ao levar em questão “considerações sociológicas úteis ao orador” as quais “podem versar sobre um objeto particularmente preciso, a saber, as funções sociais cumpridas pelo ouvinte”. Para o auditório heterogêneo, os autores expõem que na argumentação, quando o orador leva em consideração esse tipo de auditório, busca-se convencer, assegurar e mensurar seu condicionamento, sendo assim possível a construção do grande orador com contínua adaptação a esse outro no discurso. Nesse sentido, o orador ao se moldar ao auditório acaba se auto moldurando e, diferentemente do auditório particular, não basta apenas persuadir o interlocutor, no auditório heterogêneo e universal é necessário convencer o interlocutor.

Por conseguinte, os autores (1996, p. 37) conceituam o que, para eles, seria o auditório universal. Esse tipo de auditório contemplaria todo indivíduo que “é constituído por cada qual a partir do que se sabe de seus semelhantes, de modo a transcender as poucas oposições de que tem consciência”. Dessa forma, acreditam que cada sujeito e cada cultura possui a própria conceituação de auditório universal e que a apreciação das variações desse auditório entre sociedades no decorrer da história é esclarecedora para compreender o que o sujeito orador acreditava ser realidade, verídico e válido em determinada época histórica.

Além disso, em relação ao auditório, Reboul (2004, p. XIV) traz a noção de acordo prévio, pois segundo ele só há diálogo e argumentação quando há um

entendimento mínimo dos fatos e dos valores entre os interlocutores. Ainda, o filósofo explica que só existe dissenso quando há um acordo comum, pois para haver controvérsia há de se ter um acordo inicial, caso contrário o resultado é a violência e a ignorância recíproca. É, portanto, a partir do auditório que construímos nosso *eu* do discurso, ponto que também tomamos para a discussão dos compósitos textuais desse artigo, visto que nos *chans* podemos ver a construção desse *eu* discursivo tanto pelo acordo prévio, quanto pelo dissenso.

Para seguirmos a exploração do tema, Amossy (2020, p. 54-55) explica dois pontos da NR de Perelman e Olbrechts-Tyteca em relação ao acordo que, para ela, merecem destaque: a) deve ser sempre levado em consideração a *doxa* no que se refere à adaptação ao auditório (os lugares-comuns em que se encontra o discurso argumentativo); b) o “auditório é sempre uma ‘construção do orador’”, ainda, a autora expõe que “o locutor deve elaborar uma imagem de seu público se quiser ter como referência as ‘opiniões dominante’, ‘as convicções indiscutíveis’, as premissas admitidas que fazem parte de sua bagagem cultural”.

Amossy (2020, p. 55) explica que para efeitos argumentativos o locutor deve partir das premissas: saber “o nível de educação de seus interlocutores, o meio social do qual fazem parte, as funções que eles assumem na sociedade”, com isso, quando o orador compreende seu interlocutor é possível a aproximação de pontos de vista. A autora expõe que a imagem que o orador tem de seu interlocutor é diferente da realidade e que “a distância entre a imagem do auditório elaborada pelo orador e o público efetivo determina a eficácia da argumentação”, assim quando há distância entre o imaginário e a realidade, a argumentação é prejudicada.

Para os nossos estudos relativos aos pressupostos da TAD, com uma abordagem argumentativa voltada ao discurso, e que pretendemos abordar neste estudo, Amossy (2020) usa em limites próximos o termo alocutário para se referir ao auditório e leva em consideração não somente as questões argumentativas intrínsecas ao texto, mas também as externas, as do discurso. Quando utilizamos a figura do alocutário, Amossy (2020, p. 56) indaga se “é preciso, de fato, perguntar-se se estamos diante de uma representação mental ou de uma imagem verbal”, ou seja, quando um locutor se dirige ao seu interlocutor sobre um determinado assunto, qual imagem ele estaria projetando? A imagem que tem em mente sobre esse assunto ou a imagem que produz com sua alocução, com o seu discurso?

Como forma de respondermos essas perguntas, podemos usar o exemplo que a autora traz em seu livro: do jornalista que, quando mobiliza uma notícia, não percebe apenas o movimento dos dados estatísticos referentes ao interlocutor, mas também os dados sociológicos, bem como os pensamentos e as intenções do locutor:

Não é suficiente, entretanto, coletar dados estatísticos para compreender a imagem do alocutário que modela a empreitada da persuasão. É no texto que ela se deixa plenamente apreender; a representação que o locutor tem de seu público não pode ser percebida fora do discurso no qual se inscreve. É somente quando se materializa na troca verbal que ela toma consciência e pode ser relacionada a dados ou a imagens exteriores preexistentes (Amossy, 2020, p. 57).

Amossy (2020, p. 77-78) concebe, então, o auditório como a construção do orador, para ela “a representação que o orador tem de seu público, se inscreve no texto determinando modalidades argumentativas”. Sendo assim, o orador elaboraria uma imagem do auditório ao qual visaria se reconhecer, buscando influenciar por meio de condutas e opiniões para que então fosse um espelho desse auditório.

Para a autora, “a construção do auditório, que permite adaptar-se às competências e aos valores do alocutário, é paralela à construção de uma imagem em que o auditório deve se reconhecer e com a qual ele é levado a se identificar”. Dessa maneira, ela acredita que para a construção do auditório há o paralelismo entre a adaptação aos valores e competências e a construção da imagem do interlocutor, visto que é por meio de técnicas argumentativas que será construído o auditório no discurso. Ainda, “trata-se de fazer o alocutário aderir a uma tese ou adotar um comportamento por se identificar a uma imagem de si que lhe é agradável”.

Nesta pesquisa, entendemos que os usuários dos *chans* se valem de técnicas argumentativas pelas quais buscam agir sobre o outro, muitas vezes utilizando da ciberviolência para gerar acordo. A adesão aos argumentos compreende também o uso de valores e emoção, recorrendo ao *pathos* e ao entendimento da noção de auditório e seus desmembramentos. Segundo Amossy (2020), Aristóteles acreditava que o *páthos* estaria ligado às paixões e às emoções, as quais o orador, ao propor seu discurso, deve levar em consideração para atingir emocionalmente seu interlocutor, estando assim no campo da visada argumentativa. Meyer (2017, p. 40) usa o termo *páthos* para se referir ao auditório e, para ele, essa é a dimensão retórica que suporta: “(1) as perguntas do auditório; (2) as emoções que ele experimenta diante dessas perguntas e suas respostas; (3) os valores que justificam a seus olhos

essas respostas a essas perguntas”. Apesar de essas serem também noções caras ao estudo que propomos aqui, concentrar-nos-emos na noção de *ethos*, vislumbrando que em nossa pesquisa o *ethos*, ou a imagem de si, é fator predominante para a exploração de nossa análise.

2.3.1 Os *ethé* dos *channers*

No tipo de análise aqui pretendida, a compreensão da noção de *ethos* contribui aos aspectos relativos ao discurso e à argumentação, e dessa forma acreditamos ser importante tratarmos dessa noção desde suas primeiras perspectivas, com a Retórica Clássica (RC) e a Nova Retórica (NR), para que então explanemos sobre o *ethos* para Amossy (2020), a qual utiliza da RC e da NR para elaborar sua noção que será base da análise desta pesquisa. Primeiramente, iniciamos aqui com a noção de *ethos* elaborada por Aristóteles na RC, em que Eggs (2005) expõe que o entendimento dessa vertente é que o *ethos* é a parte mais importante do discurso, e apresenta ainda o exemplo de um orador que ao demonstrar honestidade possui maior probabilidade de créditos com seu auditório. O autor, nesse sentido, aponta dois campos semânticos que Aristóteles utiliza para exemplificar o *ethos*:

Encontramo-nos, portanto, na Retórica de Aristóteles, diante de dois campos semânticos opostos ligados ao termo *ethos*: um, de sentido moral e fundado na *epiélkeia*, engloba atitudes e virtudes como *honestidade y benevolência* ou *equidade*; outro, de sentido neutro ou “objetivo” de *héxis*, reúne termos como hábitos, modos e costumes ou caráter (Eggs, 2005, p. 30).

Segundo o autor, Aristóteles compreendia a formação do *ethos* pelo sentido moral e das características pessoais do orador, embora sejam campos semânticos opostos, o filósofo considera complementares em uma atividade argumentativa. Ademais, Eggs (2005, p. 32) explica que o filósofo grego enumerou três qualidades do *ethos* que seriam capazes de inspirar confiança: possuir temperamento ponderado, a *phónesis*; mostrar sinceridade e simplicidade, o *areté*; e, por último, transmitir uma imagem agradável de si, a *eúnoia*.

Conforme Amossy (2020), na RC o locutor trabalha em torno das três provas geradas pelo discurso: *ethos*, *logos* e *páthos*, e é de acordo com a representação que faz de seu público que se engendra a imagem de si, dessa forma será mais fácil a aproximação e identificação ao se fazer a imagem e semelhança de seu público. Para

a autora, a RC considera o auditório uma entidade variável e que o locutor o determina quando elege como persuasão a um público, grupo ou pessoa o modo de argumentar.

Após brevemente compreendermos o *ethos* para a RC, observamos agora essa noção pela NR, primeiramente evocamos aqui a diferenciação que Perelman (1999, p. 39) faz ao utilizar orador e auditório em detrimento de *ethos* e de *páthos*, que ele informa substituir como “mera exposição”. Dessa maneira, Perelman (1999, p. 113) compreende que o orador representa “qualquer um que apresenta uma argumentação”, e auditório, “àqueles a quem é destinado” esse argumento. Com isso, o *ethos* exposto por Aristóteles – e orador de Perelman (1999) –, nessa perspectiva, tem a intenção de convencer, de argumentar, passa a compreender como parte inerente ao orador.

Para Amossy (2020), a NR considera que o orador escolhe seus argumentos por meio de técnicas discursivas, e tem como intencionalidade buscar a adesão ao seu auditório, o qual sofre impacto do discurso, independente se é convencido ou não. É também nesse sentido que consideramos o impacto da argumentação no discurso, a qual explanamos nos próximos parágrafos.

A compreensão da noção de *ethos* contribui também aos aspectos relativos ao sentido e à argumentação no discurso. Como vimos anteriormente, Amossy (2020, p. 79-80) expõe, primeiramente que a RC entende o *ethos* como “a imagem que o orador constrói de si em seu discurso, com o objetivo de contribuir para a eficácia de seu dizer”. Como relata a autora, para o filósofo grego, *ethos* seria “o caráter, a imagem de si que o orador projeta em sua fala ou, antes, a imagem que deriva de um conhecimento prévio de sua pessoa”. A visão de *ethos* adotada por ela para a TAD, filia-se à noção de sujeito (orador) também como um orquestrador de seu discurso, que seleciona elementos para buscar pontos de adesão, ou seja, é um estrategista, que necessita ter controle sobre suas escolhas na construção do discurso.

Para abrangermos os estudos atuais da concepção de *ethos*, em uma visão diversa da imagem de si apresentada por Amossy (2020), debatemos os postulados apresentados por Maingueneau (2020) que encara o *ethos* como incorporação. Ainda no âmbito discursivo, Maingueneau (2020, p.14) reflete sobre as dimensões do *ethos*, o qual ele considera como uma forma de incorporação, que em âmbito geral “o poder de persuasão de um discurso resulta, então, em boa parte, do fato de ele levar o destinatário a se identificar com o movimento de um corpo, mesmo muito esquemático, investido de valores historicamente especificados”, e a possibilidade da

adesão de discursos por parte do leitor acarretaria uma “maneira de ser”. Nesse sentido, o autor expõe que o *ethos* “simples” atuaria em três níveis diferentes:

– a enunciação da obra confere uma “corporalidade” ao fiador, ela lhe dá corpo; – o destinatário incorpora, assimila assim um conjunto de esquemas correspondentes a uma maneira específica de se relacionar com o mundo habitando seu próprio corpo; – essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso (Maingueneau, 2020, p. 14-15).

O autor considera o texto também na perspectiva textual, a maneira de dizer, para ele, seria a maneira de ser. O aspecto de corporalidade do *ethos* representa uma forma comportamental, de movimentação em um espaço social, apoiando-se em representações sociais de estereótipos, tanto valorizadas quanto desvalorizadas, cuja enunciação contribui para reforço desse estereótipo ou para sua transformação. Nesse sentido, a incorporação do *ethos* por parte de um leitor de uma revista, por exemplo, só é possível a partir do reconhecimento dos estereótipos que emanam sobre a revista no espaço onde é circulado o texto.

Notamos que Maingueneau (2020) também leva em conta o *ethos* na perspectiva textual, por esse motivo trazemos então a interpretação desse autor que, embora possua diferenças em relação à imagem de si proposta por Amossy (2005), trata-se de estudos recentes sobre o *ethos*, motivo pelo qual acreditamos ser importante mencionarmos o referido conceito do autor nesta pesquisa. Para a nossa análise, filiaremos então ao *ethos* concebido pela TAD, e que Amossy (2005, p. 126-127) utiliza como conceito o termo imagem de si, o qual “O orador adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público-alvo”. Essa apresentação de si, segundo a autora, não está somente vinculada à própria apresentação, mas sim às modalidades de sua enunciação. Em consequência, considera a construção de si como o “conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e a situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem”.

Dessa forma, segundo a autora, o discurso predispõe da totalidade de elementos necessários para estabelecer a imagem do locutor, contudo faz isso de forma “indireta, dispersa, frequentemente lacunar ou implícita”, não configurando a imagem de si o que o locutor diz sobre si mesmo. Para isso, Amossy (2020) traz o exemplo de um estilo de uso de exclamações por parte do locutor, a quem pode indicar um caráter “impetuoso e colérico do locutor”, enquanto uma fala mais concisa e

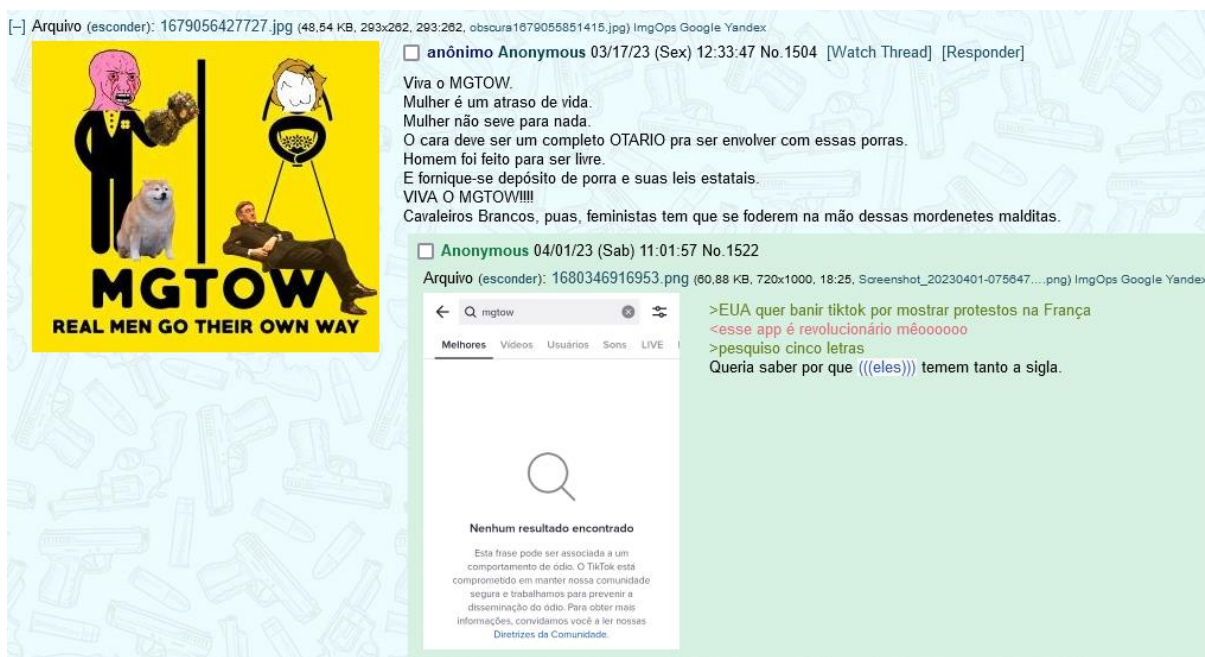
ríspida, que não objetiva a polidez, poderia indicar alguém que preza pela integridade e que diz a verdade sem “meias palavras”. Com isso, segundo a autora, trata-se de um “conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e a situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem”.

No presente trabalho, tomaremos como âncora de nossa análise o *ethos* exposto por Amossy (2005), cuja intenção é trabalhar a dimensão discursiva das determinadas funções-orador que nosso sujeito de análise apresenta. Sendo assim, tratamos de observar essa dimensão conforme o auditório de cada função, examinando as questões discursivas e argumentativas conforme o assunto e a argumentação disposta para estabelecer acordo, persuadir ou convencer.

Com a visão do *ethos* no âmbito discursivo, apoiado pela noção da argumentação como constitutiva dos discursos, assim como defendida pela TAD, ancoramos essa perspectiva também a de que todo texto também é argumentativo, conforme Cavalcante *et al.* (2022), visto que sempre há pontos de vista gerenciados por um locutor/enunciador principal (o orador) que visará agir ou procurar adesão de um interlocutor (auditório). E nesse sentido, o *ethos*, a imagem de si, faz parte dessa adaptação argumentativa para o convencimento do seu interlocutor.

Nesse sentido, para fazermos uma breve avaliação dos usos argumentativos nos *chans*, trazemos na Figura 3 um exemplo de *ethos* misógino presente nos *chans*:

Figura 3 – Ethos MGTOW no chan



Fonte: 55chan

Nesta Figura 3, temos a publicação de um usuário que se identifica como *anônimo Anonymous*, na data exposta na figura como *03/17/23*, em que na publicação há uma imagem predominantemente amarela e do lado esquerdo há uma figura que representa um homem com um rosto de uma animação e feição de raiva/ódio, o qual segura um boneco de pelúcia e abaixo um cachorro; ao lado esquerdo, há uma figura que representa uma mulher, seu rosto é uma ilustração com feição de alguém receptível, submisso. Abaixo dessa ilustração, há um homem deitado aparentemente sobre as palavras MGTOW, seguido pela frase: *REAL MEN GO THEIR OWN WAY*. O texto escrito ao lado da imagem é: *Viva o MGTOW. Mulher é um atraso de vida. Mulher não seve para nada. O cara deve ser um completo OTARIO pra ser envolver com essas porras. Homem foi feito para ser livre. E fornique-se depósito de porra e suas leis estatais. VIVA O MGTOW!!! Cavaleiros Brancos, puas, feministas tem que se foderem na mão dessas mordenetes malditas.*

Primeiramente, a sigla MGTOW significa em inglês *Men Going Their Own Way*, cuja tradução é: “homens que seguem seu próprio caminho”, nesse sentido, é um movimento antifeminista que, como nos aponta Lin (2017), trata-se de uma reação de um grupo de homens ao feminismo, os quais defendem o antifeminismo, o radicalismo e o anarquismo. Para ela, a internet propicia a esses sujeitos que se

identificam com o MGTOW, um espaço anônimo, em que alguns homens se valem desse anonimato para repulsar a assimetria da teoria do papel sexual, destilando raiva ao feminismo e as conquistas das mulheres ao longo dos anos.

Nesse contexto, observamos que a figura do *ethos* é construída pelo enunciador pela raiva/ódio à representação social em que a mulher conquistou ao longo dos anos, *ethos* muito presente nos diálogos dos *chans*, onde impera esses discursos de misoginia junto a outros discursos de ódio a grupos socialmente vulneráveis. Como veremos nas nossas análises, há fio de discussão com textos longos que acompanham tanto esse *ethos* misógino quanto homofóbico, racista, xenofóbico, entre outros. Dessa forma, na nossa análise utilizamos o termo *ethé* para designar o plural dessas imagens de si.

Para tratarmos do *ethos*, concebemos que socialmente são criadas imagens de si cristalizadas, como a figura do papel da mulher, do homem, da mãe, dos avós, em que cada um desses papéis possuem uma imagem coletiva do que é designar cada uma dessas funções. Como visto anteriormente, Amossy (2005) relaciona o *ethos* aos esquemas coletivos interiorizados e valorizados pelo público-alvo, para isso ela adverte sobre a possibilidade de estereotipagem, noção essa que também está presente em nossas análises e que cabe aqui uma maior explanação. Para tanto, Amossy (2020, p. 59) define a estereotipagem como “imagem coletiva fixa, que se pode descrever atribuindo um conjunto de predicados a um tema”, o que permite encontrar o “grupo-alvo, ideias, crenças, evidências, preconceitos que o orador deve levar em conta”, também pensando no tipo de auditório, se homogêneo ou compósito.

De forma mais específica, Amossy (2005, p. 125) detalha o conceito de estereotipagem, apontando que a ideia prévia feita do locutor e a imagem de si que ele cria em seu discurso não devem ser totalmente particulares: “para serem reconhecidas pelo auditório, para parecerem legítimas, é preciso que sejam assumidas em uma doxa, isso é, que se indexem em representações partilhadas”. É na adesão da argumentação e nas representações partilhadas de um determinado orador que ela acredita estar a estereotipagem, trata-se da “operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado”.

Sendo assim, Amossy (2005, p. 126) explica que a comunidade elabora um modelo pré-construído de determinado orador conforme as particularidades onde ele está inserido, mas quando se trata de pessoa pública, ele será reconhecido pela

imagem pública que as mídias lhe engendram. No âmbito argumentativo, exprime que “o estereótipo permite designar os modos de raciocínio próprios a um grupo e os conteúdos globais do setor da doxa na qual ele se situa. O locutor só pode representar seus locutores se os relacionar a uma categoria social, étnica, política ou outra”. Nesse sentido, é pela concepção de imagem do auditório, independente se errônea ou exata, que o locutor orienta seus esforços para adaptar-se a ele.

Ainda, ao atrelar o estereótipo ao orador, ela acredita que a construção do auditório também perpassa um processo de estereotipagem, pois quando o orador se dirige a um público de esquerda ou de direita, por exemplo, ele estabelece um imaginário de uma representação cultural preexistente daqueles interlocutores, o que permite direcionar seu discurso conforme aquele público.

Com o fim deste capítulo, compreendemos o texto como evento comunicativo e como essa noção é reflexo do contexto, do discurso, da interação e da argumentação. No próximo capítulo, discutimos os aspectos próprios do meio ambiente digital, assim como é construída a ciberviolência nos ecossistemas conectados e como são formadas as características do enunciador digital, visando, portanto, observar como são as interações nos *chans*.

3 A EMERGÊNCIA DO DISCURSO DIGITAL E A CIBERVIOLÊNCIA

Conforme explanamos no capítulo anterior, texto e discurso são problematizados em nossa pesquisa por diferentes autores e consideramos a concepção de texto por Cavalcante *et al.* (2022), e a argumentação no discurso por Amossy (2020), sendo agora oportuno concentrarmos os estudos sobre o que envolve o discurso digital, visto ser o meio onde está o *corpus* (o ecossistema) desta pesquisa. Devido a amplitude que o digital oferece, acreditamos ser necessário utilizar uma teoria que abranja não somente o uso da análise do discurso pré-digital para o digital, mas também uma teoria que estude os discursos nativos do meio ambiente digital.

Para darmos sequência aos nossos estudos, utilizamos a teoria criada por Marie-Anne Paveau, e esta realiza estudos sobre a teoria do discurso em uma perspectiva transdisciplinar, envolvendo tanto a linguística, quanto a filosofia e as ciências sociais, voltados a uma análise atual dos discursos dispostos na internet. É no entrelaçar das diferentes vertentes teóricas que a pesquisadora elabora uma abordagem chamada de Análise do Discurso Digital, e leva em conta os usos languageiros como um compósito heterogêneo, tanto envolto pelas questões socioculturais e históricas, quanto pelo tecnológico e material.

Dessa maneira, Paveau (2021, p. 57) teoriza a respeito dos critérios de uma análise dos discursos digitais nativos e classifica essa análise como “baseada em uma noção simétrica que tem por objetivo discutir as concepções logocêntricas da linguística”, elencando seis características desses discursos, são elas: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Com isso, abordamos as questões do tecnodiscurso, da ciberviolência discursiva e do enunciador digital, trazendo a discussão de outros autores para dialogar sobre o tema.

3.1 Análise do discurso digital

Em primeiro momento, lembramos que o objeto de análise desta pesquisa é o texto, e a este entendemos como um evento comunicativo, sendo assim, ao observarmos que o local onde estão dispostos esses textos é o meio ambiente digital, é fundamental que apliquemos uma teoria que leve em consideração esse fator. Dessa forma, consideramos a teoria da Análise do Discurso Digital (ADD) proposta por Paveau (2021), que analisa as produções languageiras nativas da internet, mais precisamente a *web 2.0*, lembrando que na nossa análise tratamos de um

ecossistema que está presente no meio ambiente digital da *deep web*, dessa maneira, também problematizamos as questões pertinentes a esse ambiente em contraponto à *web* convencional.

Para entendermos o que consiste a ADD, definimos e descrevemos aqui o que são os discursos nativos da internet, pois não se trata de discursos transpostos do meio pré-digital ao digital, mas elaborados necessariamente utilizando os recursos dispostos na *web*, com ferramentas pertencentes à *web*. Sendo assim, para dar conta das especificidades desse conteúdo, Paveau (2021, p. 57) desenvolve procedimentos teóricos e metodológicos para a análise desse objeto, e define a ADD como a “descrição e análise do funcionamento das produções languageiras nativas da internet, particularmente da *web* 2.0, em seus ambientes de produção, mobilizando os recursos languageiros e não languageiros dos enunciados elaborados”.

Segundo Paveau (2021, p. 57), esses discursos possuem características linguísticas particulares, “nomeadamente morfográficas, lexicais, discursivas e semióticas em geral”, sendo a análise do discurso pré-digital insuficiente para sua análise, pois, conforme nos explica a autora, esse estudo não considera por exemplo as *hashtag*, a caracterização das URL, o tecnodiscurso relatado, bem como a classificação automática dos buscadores on-line.

Em uma perspectiva estritamente teórica, Paveau (2021) considera a ADD em uma concepção pós-dualista dos fenômenos languageiros, o que seria uma linguística simétrica. Em resumo, a autora propõe que os estudos linguísticos e extralinguísticos sejam trabalhados de forma compósita entre língua e discurso, e não de forma separada. Para a autora, esse estudo representa um contínuo, consistindo a ADD em uma “ecologia do discurso”, que estuda os discursos nos ecossistemas em seu meio ambiente digital.

Para essa análise, Paveau (2021, p. 58-60) descreve seis características dos discursos nativos digitais que serão discriminados a seguir. A primeira elencada pela autora é a composição: “uma matéria mista que reúne indiscernivelmente o languageiro e o tecnológico de natureza informática”, que pode ser tanto manifesta quanto não manifesta. Esta última consiste em “todos os tecnodiscursos on-line que dependem dos programas informáticos”; já a manifesta segue o exemplo das *hashtags*, do pseudônimo do *Twitter*, entre outros. Outro fator exposto é que a composição desses discursos é compreendida sob um “hibridismo semiótico”, pois os tecnodiscursos podem “mobilizar simultaneamente e na mesma semiose, texto,

imagem fixa ou animada, som”, entre outros. Para o ecossistema do chan, esse fator é substancial para análise, visto que a ciberviolência pode ser aguçada justamente por esse propósito.

O segundo elemento apresentado pela estudiosa é da deslinearização, na qual os discursos on-line não se desenvolvem em um eixo sintagmático específico, ou seja, através dos *links* hipertextuais são capazes de deslinearizar e direcionar o leitor a outro discurso, em outro espaço das mídias ou para outra situação de enunciação. Conforme acrescentam Giering e Pinto (2021, p. 39) “Na deslinearização, os elementos clicáveis (por exemplo, *hyperlinks*, *hashtags*, URLs) direcionam o leitor de um texto de origem a um texto de destino, estabelecendo-se uma conexão relacional entre os dois”, para as autoras essa deslinearização remete à dimensão hipertextual do meio ambiente digital, ou seja, agrega outras informações em um texto e a decisão de clicar do autor pode levar a outros discursos. Um exemplo atrelado aos *chans*, é quando acessamos um link de um fio de discussão, porém, quando visualizamos a tela notamos a quantidade de *hyperlinks* que remetem a outros fios de discussão, ou seja, a outros discursos, como é possível visualizar no canto superior e canto lateral esquerdo das Figuras 1 e 2 desta pesquisa.

Em seguida, Paveau (2021, p. 58-60) apresenta o terceiro: a ampliação (ou o aumento), a autora expõe ser os discursos digitais uma “enunciação ampliada”, divididos em conversacionalidade e em ferramentas de escrita ubíquas. O primeiro é o exemplo do *blog*, no qual seu uso é ampliado pelos comentários; já o segundo são as ferramentas que possibilitam uma “escrita coletiva num espaço enunciativo único”, com a identificação de cada enunciador. Trazendo para o nosso ecossistema, nos *chans* há tanto a possibilidade da conversacionalidade dos comentários, quanto pelas ferramentas que possibilitam produzir textos de forma simultânea, criar fios de discussão novos, comentar ou acessar outros tópicos de discussão.

A quarta característica é da relacionalidade, que, para a autora, os discursos digitais estariam em uma relação com outros discursos; os enunciados seriam então “coproduzidos com a máquina, com os escritores e os (escri)leitores”. A exemplo do próprio *chan*, que carrega em sua dependência a coprodução do usuário com a *deep web*, com os debates que fomentam através de discussões de outros ecossistemas, e a relação com o locutor e seus interlocutores por meio dos comentários, estes que também são possíveis pelo advento da máquina, muitas vezes pode acarretar desvio parcial ou total do que se apresenta no texto-fonte. Desta forma, pela possibilidade de

relacionalidade nos *chans* terem influência na propagação da ciberviolência, exploramos essa característica no próximo tópico.

Adiante, a quinta característica se trata da investigabilidade e esta significa que os discursos nativos digitais são investigáveis, pois os metadados são inscritos em códigos passíveis de localização e coleta para eventuais “menções, utilizações, repetições”. Em relação a esta característica, Duarte e Muniz-Lima (2021) apresentam o exemplo de um artista que em 2019 fez uma postagem contra o racismo em suas redes sociais, mas que devido aos internautas terem rastreado uma publicação feita em 2011, em que a mesma figura realizou uma piada racista em suas redes, é possível então notar que a rastreabilidade é algo inerente da *web 2.0*. Neste caso, problematizamos aqui a investigabilidade na *deep web*, pois notamos que ela não é um fator natural desse meio ambiente digital, visto se tratar de ambiente onde abrigam mídias não indexadas, cuja investigação não é de acesso comum, e o conteúdo não permanece por um longo período. O conteúdo de nossa análise, por exemplo, em semanas já não poderá ser visto na mídia fonte, bem como não é possível solicitar os metadados excluídos pelo conteúdo não ser rastreável.

Por último, Paveau (2021, p. 58-60) elenca a imprevisibilidade como a sexta característica, pois como esses dispositivos são elaborados por programas e algoritmos, torna-se imprevisível aos enunciadores humanos tanto pela questão da forma, quanto pelo conteúdo. Neste quesito, Duarte e Muniz-Lima (2021, p. 60) mostram o exemplo de quando um “autor-internauta” realiza uma busca de uma lente de câmera fotográfica em um site de compras, e em seguida, ao acessar outro site (*Instagram*), aparece no *feed* de notícias um anúncio patrocinado sobre curso de cinema. Como relatam os autores, o algoritmo direcionou o referido anúncio pois concebe que provavelmente quem tem interesse em lentes fotográficas também pode lhe interessar curso de filmagem cinematográfica. Ainda ressaltam que tanto como leitor como produtor estamos alocados em um sistema imprevisível. Trazendo para o contexto dos *chans*, a imprevisibilidade se apresenta quando os fios de discussão são lançados dentro de um tópico de discussão de forma aleatória, sobrepondo outras discussões.

Dessa forma, é a partir dessas características que Paveau (2021) cria sua metodologia para análise apropriada aos discursos nativos digitais. Como faremos uma análise de um ecossistema presente na *deep web*, e pelo nosso objetivo refletir na compreensão do desenvolvimento da ciberviolência nesses ecossistemas,

selecionamos a composição e a relacionalidade para aprofundarmos os estudos no próximo item, visto acreditarmos que tanto os aspectos característicos da composição do ecossistema disposto na *deep web*, quanto suas possibilidades de interação, são fatores que propiciam os discursos nos *chans*, e mais especificamente, os que envolvem ciberviolência.

3.1.1 Sobre a relação entre a composição e a relacionalidade

Para uma definição e exemplificação mais abrangente da noção de composição que Paveau (2021) traz em sua teoria e metodologia, levamos em consideração a premissa de que nos discursos nativos da internet o termo compósito trata-se de uma mescla entre o técnico e o languageiro. Segundo a autora, essa concepção se traduz em uma abordagem pós-dualista em que outros autores apontam para as interações multimodais ao considerar a incorporação entre linguístico, técnico e semiótico, na coexistência de composições gráficas, fixas, animadas e icônicas, e funções assíncronas e síncronas de interação.

Como exemplo desses elementos compósitos, Paveau (2021, p. 120-121) reflete sobre o uso da *hashtag* e do *hiperlink* nas redes sociais. Conforme a autora, as *hashtag* utilizam tanto o elemento languageiro quanto o elemento técnico, ao associar “siglas, palavras, expressões ou frases inteiras” aos elementos clicáveis representados pelo símbolo “#”. Já o *hiperlink* representa “palavra ou segmento discursivo e suporte de hipertexto”. O primeiro caso, das *hashtag*, não costuma estar presente nos *chans*, visto que no meio ambiente da *deep web* não é objetivo viralizar postagens, como acontece na *web 2.0*. Já em relação ao *hiperlink*, está sempre presente nos *chans* justamente para criar um ambiente de interação entre os usuários.

Além disso, como a autora exemplifica, tanto os nomes das contas dos usuários das redes sociais quanto qualquer elemento clicável que dispõe de sentido e técnica são compósitos. São exemplos as possibilidades de compartilhar, curtir, seguir, entre outros que formam uma composição de oportunidades de operações técnicas e enunciativas. Gonçalves e Muniz-Lima (2021, p. 312), ao estudarem os elementos compósitos do *Instagram*, defendem que esse gesto tecnolinguageiro do elemento clicável possibilita expandir o nível de interatividade ou de engajamento do interlocutor, visto que ao interlocutor é permitido maior controle do conteúdo, o que elas consideram ser uma das variáveis da interatividade. Dessa forma, as autoras expõem que “ao escolher seu percurso com base num conjunto de opções fornecidas

pela mídia, o interlocutor passa a ter maior domínio sobre aquilo que será lido, o que torna seu engajamento mais efetivo na interação. Como veremos na Figura 4, os elementos clicáveis são fatores que possibilitam comentários ou respostas a determinado comentário ou ao tópico, e a possibilidade de abrir imagens em outra tela e determinar a visualização ou não de um comentário.

Consideramos aqui, em uma relação paralela ao compósito, a noção de relacionalidade, como exposta pela autora, é originária de noções da análise do discurso, como a intertextualidade, a memória discursiva e o dialogismo bakhtiniano. Contudo, ela defende que enquanto na AD essas noções são construídas e reconstruídas a partir da interpretação do analista do discurso com seu objeto, a relacionalidade no meio on-line é material, de natureza informática, pois a escrita nesse meio não é totalmente realizada por sujeitos. De acordo com Paveau (2021, p. 119-120), a associação entre humano e não humano vai “além do simples uso de objetos para levar em conta realidades sociais verdadeiramente híbridas; o compósito tecnolinguageiro é uma delas”. Conforme a linguista, para darmos conta dos discursos nativos da internet, não podemos separar os aspectos linguísticos de seus exteriores, sobretudo, do aspecto técnico, e devemos abranger uma concepção de língua que se constitui entre o linguageiro e o técnico.

Ao relacionarmos as características do compósito e da relacionalidade, Paveau (2021, p. 311) afirma que os discursos presentes em ambientes on-line conectados são inscritos em uma relação material, cuja manifestação se dá em vários níveis, e a autora apresenta três deles: o primeiro é a relação material “com outros tecnodiscursos em decorrência da estrutura hipertextual”. Nos *chans*, observamos frequentemente recortes verbo-visuais oriundos de outras redes sociais, os quais trazem outros discursos para somar às publicações. O segundo, trata-se da relação material “com os aparelhos em decorrência da natureza compósita dos tecnodiscursos”, neste caso, notamos os *hyperlinks* e elementos clicáveis que são fundamentais na intermediação homem e máquina para a geração de interação no ecossistema em questão. E, por último, vislumbramos a relação material “com os escritores e os escreiteiros, que passa pela subjetividade da configuração das interfaces de escrita e de leitura, e que torna os tecnodiscursos ideodigitais, isto é, dependentes do ponto de vista único do internauta”, neste aspecto é evidenciado pela possibilidade de comentários nos *chans*, os quais também são permitidos pela máquina através de seus elementos compósitos.

Para relacionar ao nosso objeto de análise, trazemos aqui um recorte de interação no *4chan*, do *board* (tópico de discussões) sobre mangá, em que o autor do tópico solicita papéis de parede de jogos japoneses aos usuários, cuja tradução seria *Poste papel de parede/plano de fundo de games, desde que seja de jogos originários do Japão. Isso inclui romances visuais*. Em seguida, aparece a sequência de comentários e resposta de comentários, cujas traduções são: *Legal, De qual jogo é isso?, Gravity Rush* e, por fim, a imagem de um papel de parede/plano de fundo provavelmente de um jogo de videogame.



Fonte: - <<https://boards.4channel.org/w/thread/2217822/japanese-games>>

Ao observarmos o recorte, notamos a imagem em formato *jpg*, com *hiperlink* que é possível abrir em modo macro, em outra janela, com tamanho e dimensão maiores, bem como o tópico de nome *jogos Japoneses (Japanese games)* e todos os nomes dos usuários, na publicação e nos comentários, escritos como *Anonymous*. Ainda, ao lado aparece o que presume ser o respectivo número de publicação (2217822, 2246393, 2246462, 2246470 e 2246853) - o próprio site renomeia as imagens segundo a sequência das publicações - que também se transformam em *hiperlinks* que remetem uns aos outros. Ao lado há a *hiperlink* [Reply], o qual permite comentários ao tópico criado. Ademais, esses recursos de resposta são elementos técnicos que possibilitam os comentários e que em seu conteúdo também permite a

utilização de *links*, mensagens de texto, *gifs*, imagens, entre outros elementos semióticos (tecnopalavras/tecnotextos), que interligam o languageiro e o técnico.

Além disso, quando observamos esses aspectos técnicos, confirmamos que sua característica de composição propicia a interação entre os interlocutores, e conforme vimos nos parágrafos acima, a relacionalidade é possível pela possibilidade de diálogo entre os usuários, pois a eles são permitidos comentar e o autor lhe é possibilitado responder os comentários. Ademais, notamos que como é característico da relacionalidade, os desvios estão presentes nesses discursos, vemos que o autor da postagem ao pedir papéis de parede de jogos japoneses é interpelado por um usuário que realiza a pergunta de qual jogo é a imagem que ele postou, gerando um pequeno desvio. Ou seja, a interação por meio desse ecossistema permite atravessamentos e desvios que caracterizam relacionalidade.

Acreditamos então que essas características estão presentes nos *chans* e são nos tecnotextos que elas se manifestam, sendo assim, discutimos a seguir sobre os tecnotextos presentes nesse ecossistema e como são articulados os tecnogêneros de discurso, noção esta que será explorada conforme os pressupostos de Paveau (2021).

3.1.2 O tecnogênero de discurso no ecossistema do *chan*

Para a definição de tecnogênero de discurso, Paveau (2021, p. 324-329) reflete sobre a noção de gêneros de discurso, cita, inclusive, Adam (2011) e Mainqueneau (2013) e seus conceitos sobre gênero no âmbito pré-digital, assim como dissertamos no primeiro capítulo deste estudo. Em seguida, ela define tecnodiscurso “como um gênero de discurso dotado de uma dimensão compósita, derivada de uma coconstituição do languageiro e do tecnológico”. Para isso, como complementa a autora, o tecnogênero pode derivar dos gêneros dispostos nos ambientes pré-digitais, mas que se adapta ao ambiente virtual (ela exemplifica por meio dos comentários online), e também pode aparecer como um gênero digital nativo, a exemplo dos tuites.

Para explicar sobre os tecnogêneros de discurso, Paveau (2021, p. 331) classifica em três tipologias tecnodiscursivas: prescritivos, negociados e produzados. Começando pela última classificação, os tecnogêneros produzados seriam gêneros do discurso nativos da internet, mas que sua produção é “fora das restrições dos tecnogêneros prescritos e das rotinas dos tecnogêneros negociados”. O exemplo que a linguista apresenta é o cartaz digital de um militante segurando um cartaz manuscrito com uma *hashtag* cujo teor remete a uma determinada causa. Nesse sentido, os

tecnogêneros produzidos são aqueles nativos do meio ambiente digital, mas que são utilizados no meio não digital.

Em relação à segunda classificação, Paveau (2021, p. 330-331) expõe que “o tecnogênero negociado é um gênero de discurso preexistente e estabilizado ou não nas produções pré-digitais, mas que adquire on-line traços propriamente tecnolinguageiros e tecnodiscursivos”. Com isso, esse tipo de tecnogênero não depende inteiramente das ferramentas digitais e pode circular em ambiente on-line quanto off-line. Um exemplo explorado pela linguista é a produção dos “*trolls*”, que se desenvolveu nos discursos pré-digitais antes mesmo do advento da internet.

Conforme destaca Paveau (2021, p. 329-330), os tecnogêneros prescritivos, embora possam herdar o passado pré-digital, não existem off-line, pois dependem “inteiramente das ferramentas digitais e circula quase exclusivamente on-line”. Dessa forma, a estudiosa aponta como exemplos o *blog*, o *vlog*, o tuite e o comentário on-line, e que a racionalidade é responsável por orientar a maneira de leitura e de produção de sentidos. São comentários on-line os tecnogêneros que aparecem nos *chans*, esse ecossistema abrange comentários e postagens, o que são praticamente exclusivos do meio ambiente digital.

Para identificar um tecnogênero de discurso, Paveau (2021, p. 327) utiliza seis traços propostos por Beaudoin (2014), são eles:

restrições de quadros sociotécnicos, existência de socioletos ligados a ecossistemas particulares, linhagens genéricas reconhecíveis para além das inovações tecnológicas, explicitação das normas (onipresença dos guias de uso), proximidade entre a prática e norma, interação leitura-escrita e ritmos da escrita.

Em relação a esses seis traços de identificação do tecnogênero, destacamos ao menos três que estão presentes nos *chans*: observamos que a restrição de quadros sociotécnicos se manifesta na articulação entre homem e máquina para realizar os comentários. Outro fator é a existência de socioletos ligados ao nosso ecossistema em questão, como já visualizamos até aqui na Figura 1, com o uso de “Anões” por parte do interlocutor para delimitar os usuários brasileiros dos *chans*. Ainda, a presença dos comentários garante a interação leitura-escrita.

Ao problematizarmos as questões que envolvem o tecnogênero de discurso, entramos na questão da ciberviolência na internet, ao que consideramos um dos pontos basilares desta pesquisa, visto que é pela sua manifestação nos tecnodiscursos

que nos interessamos aqui. Ao relacionar o técnico e o languageiro é que acreditamos facilitar a reprodução e propagação da ciberviolência, para isso, a seguir debatemos sobre o tema.

3.1.3 A ciberviolência discursiva

Para iniciarmos esse item sobre ciberviolência, cabe primeiramente definirmos e problematizar o prefixo e o sufixo dessa palavra. A palavra ciber, como nos aponta Paveau (2021) remete aos estudos sobre internet nos anos de 1980-1990, e a autora usa esse termo para inscrever a violência no ambiente on-line. Já quando explanamos sobre a violência, Brito, Cabral e Silva (2021, p.58) explicam que “é o uso da força que resulta em agressão, ferimentos, tortura ou até morte, ou uso de palavras e ações que machucam ou até constroem as pessoas, ou, ainda, o abuso do poder numa relação quase sempre hierárquica”. Sendo assim, segundo os autores, a violência pode haver variados graus, a depender se a agressão afeta os direitos ou a integridade física e/ou moral do indivíduo. Ainda, os autores afirmam que ela varia ao longo da história, visto que cada sociedade, conforme seu tempo, possui normas sociais que indicam o que é violência, agressão e insulto.

Como forma de teorizar a ciberviolência discursiva, Paveau (2021, p. 61) contrapõe esse termo com a decência tecnodiscursiva, e expõe que a decência, cujo significado é a não humilhação mútua entre agentes, está ligada às épocas, aos espaços e às culturas. Nessa perspectiva, a autora compreende ciberviolência como “acontecimentos discursivos morais desencadeados por enunciados violentos” que acontecessem em uma ecologia discursiva. Com o estudo da ciberviolência, a autora tem como objetivo “identificar o que é específico da transgressão dos valores de decência nos ecossistemas conectados”, e em nosso caso, nosso objetivo é também identificar as especificidades da ciberviolência no ecossistema dos *chan*.

Conforme Brito, Cabral e Silva (2021, p. 58), um enunciado é considerado violento quando provoca um sentimento de humilhação no interlocutor e que “os gestos ciberviolentos dependem das características do auditório, do gênero, do contrato comunicativo, das modalidades argumentativas e de todos os modos de organização textual”. Sendo assim, a relação desses fatores dependentes da ciberviolência é que observamos no ecossistema dos *chans*, pois existem auditório e gênero específicos, contrato comunicativo restrito para aqueles usuários, presença

incessante da argumentação e modo de organização entre texto e máquina que acabam sendo cruciais na geração dos discursos ciberviolentos.

Como modo de detalharmos as características da ciberviolência, Paveau (2021, p. 62-63) expõe outras noções correlacionadas, como o *ciberagressão*, o *ciberprovocação*, o *ciberdiscussão*, o *ciberataque* e o *ciberassédio*. Ela emprega o termo *ciberviolência verbal* para designar “o conjunto desses fenômenos agressivos sob o ângulo dos discursos, atendo mais particularmente ao exemplo do *ciberbullying*”. Em relação ao *ciberbullying*, percebemos que se trata de uma noção relacionada aos usuários dos *chans*, fazendo uma ponte direta com a nossa pesquisa:

A noção de *ciberbullying* foi proposta no início dos anos 2000 por Bill Belsey, professor canadense, após o massacre de Columbine nos Estados Unidos, que desencadeia nele uma reflexão sobre o assédio e o abuso dos e para os adolescentes na escola (PAVEAU, 2021, p. 62).

Desde os anos 2000 já temos debates sobre os aspectos de violência na internet, e no caso relatado por Paveau (2021), mais precisamente sobre o Massacre de Columbine, que se trata dos primeiros relatos de uso do *chan* para disseminação de *ciberbullying* e manifestação de *ciberviolência*. Destaca-se que a violência no meio digital da época contribuiu para o resultado da tragédia em uma escola de Columbine, nos Estados Unidos, mostrando que os resultados dessa *ciberviolência* podem transpor ao mundo fora das redes.

Para categorizar a tipologia linguística da *ciberviolência verbal*, Paveau (2021, p. 66-68) propõe sete grandes categorias: o *ciberassédio verbal* (ou *flaming*), a farsa, o assédio social, a difamação, o *outing* (ou revelação), a usurpação de identidade e os sites de ódio. O *ciberassédio verbal* ou *flaming* acontece quando “mensagens de ódio e insultos passam por endereçamentos diretos em segunda pessoa; a questão tecnológica é de ordem pragmática (...) e sociodiscursivo”. Como exposto pela autora, caracteriza-se o *ciberassédio* na ordem do linguageiro e do anonimato, com caráter “face a face” e com difusão massiva endereçado direto a uma segunda pessoa. As características apontadas pela autora levam em conta o assédio a personalidades ou a pessoas comuns utilizando-se dos meios digitais, o que ocorre amplamente no ecossistema do *chan*, presente em nossa análise, cujo assédio tem como objetivo desestabilizar indivíduos com posicionamentos políticos e ideológicos que defendem minorias e grupos socialmente vulneráveis.

Ao averiguarmos o aspecto da farsa, a autora propõe ser a falsa identidade de um usuário, pela qual ele se esconde para proferir seus discursos, compreendido por pseudoanonimato/anonimato, que cria um efeito de ausência. Em relação ao nosso objeto de pesquisa, os *chans*, observamos que esse é um aspecto sempre utilizado pelos usuários, que ao se esconderem atrás do anonimato desse ecossistema, proferem discursos desestabilizadores, notícias de cunho falso e ataques a determinadas pessoas. Por consequência, o efeito de ausência completa-se pela ocultação dos IPs e pela inexistência de rastreabilidade nos *chans*, portanto nesse ecossistema não se trata de pseudoanonimato, mas sim o anonimato por completo.

A terceira noção é de assédio social, que Paveau (2021, p. 65) considera ocorrer quando “um internauta é banido de um site ou de um fórum, ou reduzido ao silêncio por discursos de intimidação, de ódio ou de ameaça”, de silêncio ou silenciamento (silenciamento). A autora utiliza o segundo termo conforme Orlandi (2007, p. 13-14), a qual compreende silenciamento como qualquer processo que “limite o sujeito no percurso de sentido”, como censura ou impedimento a um debate de um grupo ou de determinada pessoa, como acontece no ecossistema dos *chans*, onde as acusações e ataques são feitas geralmente sem a presença dos alvos. Já o silêncio, Paveau (2021) compreende como o resultado de discursos de ameaça, ódio ou intimidação que levam a esse silêncio.

A quarta noção é de difamação, que Paveau (2021) explica representar desde uma “simples fofoca ao boato maldoso”, dessa forma, ela expõe ser uma questão de ordem ética e tecno-enunciativa. É uma questão ética visto que se trata de uma verdade discursiva visando a aceitabilidade coletiva, bem como é de ordem tecno-enunciativa, pois remetem a “dispositivos de circulação viral e efeitos de ausência”. Nos *chans*, os usuários visam, em primeiro momento, atingir questões éticas dos seus alvos para convencer os demais *channers*; já a questão tecno-enunciativa, é praticável quando o autor está inserido nos efeitos de ausência e compartilha as postagens e comentários de ataque com o seu alvo através de outros ecossistemas digitais, que assim acabam tornando possível a circulação viral.

Além dessas noções, a estudiosa apresenta o *outing*, ou revelação, em que o internauta revela arbitrariamente fatores da vida privada de um certo indivíduo, que lhe é sensível ou que lhe comprometem socialmente. Fator corriqueiramente apresentado nos *chans*, como veremos na análise, o modo de ataque é direcionado

tanto a pessoa alvo como a familiares e, dessa forma, utilizam de outros ecossistemas digitais para a coleta dos dados pessoais do indivíduo e de seus entes, como endereço, telefone e documentos pessoais, para realizar ameaças, o que gera um aspecto de maior legitimidade na ação criminosa.

A sexta noção refere-se à usurpação de identidade, segundo Paveau (2021, p. 67-68) consiste no “hackeamento de uma conta de troca de mensagens ou de rede social”, trata-se então de uma usurpação enunciativa, em que certa pessoa assume o discurso do outro. Embora não visualizemos até o momento interferência direta nos *chans*, observamos em algumas mensagens nesse ecossistema, que os usuários sempre estão em diálogos visando promover o hackeamento dos perfis em redes sociais de seus alvos, com modo de desestabilizar seus alvos.

Por último, temos os sites de ódio, que, conforme a explanado por Paveau (2021, p. 68), são “grupos ou páginas dedicados a caluniar um indivíduo, são espaços organizados para receber os enunciados de difamação, apresentando-se às vezes, como livros de visita do aquele contra alguém”. Em relação ao ecossistema dos *chans*, não é possível afirmar que todos eles são sites de ódio, visto que muitos têm a intencionalidade de discussão de situações envolvendo games, animações, entre outros, e somente em alguns tópicos de discussão ocorre a *ciberviolência*. Contudo, algumas dessas páginas são criadas justamente na configuração de site de ódio, em que deixam explícitos desde a página inicial até os *hiperlinks* de acesso dentro do ecossistema.

A autora ainda propõe parâmetros tecnodiscursivos de análise, que seriam: os efeitos de ausência e cultura de quarto, esses efeitos provocam os adolescentes a terem suas relações sociais por meio de seus aparelhos, de forma isolada e confinada em determinados espaços. Um outro parâmetro é o efeito *cockpit*, em que o internauta dirige discursos a um interlocutor ausente e presente ao mesmo tempo, sem estabelecer empatia e sem notar os perigos devido ao efeito de “*cockpit* imaginário”, ou seja pela percepção de que está em anonimato ou pelo que a autora chama de pseudoanonimato.

Além desses, há o deslocamento da relação de poder, em que “o detentor do poder discursivo é aquele que detém o saber-fazer tecnológico, informático e digital, as práticas de publicação, de difusão, de indexação e de compartilhamento”, ou seja, as relações de poderes tradicionais como de classe, gênero e econômico passam a dar lugar àquele que tem o poder tecnológico, que sabe utilizar do meio ambiente

digital e, no caso em questão, atingir quem deseja independente da classe ou do poder no mundo não-digital que o alvo possui. Um outro parâmetro é a inseparabilidade, que é a ligação indispensável com o aparelho, a autora então chama a atenção da ligação de dependência dos indivíduos com o aparelho, que para ela é crucial para os jovens e adolescentes, faixa-etária esta que mais utiliza os *chans*. Por conseguinte, ainda temos a viralidade, representando a capacidade dos discursos serem compartilhados rapidamente, o que embora não seja possível no meio ambiente da *deep web*, os discursos são muitas vezes expostos em ecossistemas da *web 2.0*.

Para finalizar a discussão deste item, ao analisarmos o internauta que utiliza desses elementos de violência para propagar ciberviolência nos *chans*, retomamos o conceito de enunciação, mais precisamente do sujeito enunciador no meio digital, o qual a autora compreende como enunciador digital e que representa a personificação desse sujeito por meio de seus enunciados no ecossistema, e para explanarmos sobre esse enunciador, descreveremos a noção no próximo item.

3.1.4 O enunciador digital dos *chans*

Recordamos aqui que no primeiro capítulo trabalhamos com a enunciação e o enunciador conforme os pressupostos de Bakhtin e Voloshinov (2006), diferenciando enunciação que compreende o produto da interação social entre os sujeitos, no qual a língua é posta em funcionamento; e o enunciador que é o sujeito da enunciação, aquele que fala ou escreve a um enunciatário. Como seguimento dessas noções, Cavalcante *et al.* (2019) consideram o texto a ocorrência do enunciado como evento comunicativo, e tratamos em seguida sobre o *ethos*, o qual Amossy (2021) defende ser uma apresentação de si do enunciador e estaria ligado às modalidades de enunciação. Pois, agora, nosso desafio é explorar o agente enunciativo que se encontra no ecossistema digital, o qual é compreendido por Paveau (2021) como enunciador digital, sendo este o objetivo central desta pesquisa com o nosso ecossistema analisado, visto a intencionalidade de conhecer as peculiaridades dos usuários dos *chans*. Nesse sentido:

Os enunciadorees digitais são figuras de locutores nascidos na internet, e não possuem equivalente fora da rede: não são figuras transportadas nem adaptadas dos universos não digitais para os universos digitais, mesmo se suas produções discursivas ecoem evidentemente discursos sociais já conhecidos e, às vezes, bem antigos (PAVEAU, 2021, p.163).

Para Paveau (2021), os enunciadores digitais são figuras cuja origem se dá no meio on-line, e são marcadas por traços linguísticos próprios da internet e reverberam discursos sociais conhecidos. Observamos esses marcadores nos *chans* quando notamos que possuem traços linguísticos próprios do meio digital, como a dependência do anonimato ou o uso linguageiro restrito ao ecossistema, bem como os discursos que perpassam os *chans* muitas vezes remetem a discriminações a grupos minoritários ou socialmente excluídos, retrato do meio não digital. Segundo a autora, os discursos desses enunciadores digitais são organizados conforme as possibilidades sociotécnicas da *web*, e são nomeados de acordo com seu comportamento linguageiro on-line, que é o caso do *Grammar Nazi* e o *Troll* como veremos a seguir.

Para exemplificar sobre o termo, Paveau (2021) descreve dois tipos de enunciadores digitais: o *Grammar Nazi* e o *Troll*. O primeiro é caracterizado pela autora como um internauta que produz discursos corretivos e normativos com veemência em âmbito gramatical, possui intolerância aos erros de ortografia, o que a linguista aponta constituir um estereótipo desse enunciator digital. Conforme Paveau (2021, p. 164), o termo *Grammar Nazi*, cuja junção Grammar + Nazi, nesse contexto, o sufixo “designa uma pessoa fanática ou imoderadamente apaixonada por um assunto”, e, em relação ao prefixo, por consequência, reflete em um internauta que demonstra seu fanatismo pela gramática através das redes. Consoante ao explanado pela autora, “o termo se populariza nos fóruns *Usenet* entre os anos 1990 e meados dos anos 2000, quando os usuários do fórum usam essa designação de maneira negativa nas polêmicas”.

Para a estudiosa, muitos internautas se autodesignam como *Grammar Nazi*, orgulham-se de pertencer às características desse enunciator digital, mas por outro lado circula diversos tipos de memes na internet de forma negativa sobre esses enunciadores. Como exemplo disso, propaga-se pela *web* uma bandeira que representa esse movimento cujo símbolo e cores remetem à bandeira nazista, constituindo em uma bandeira vermelha, com uma circunferência branca e em seu interior a letra G escrita em linhas retas, na cor preta. Por motivo de similaridade com a bandeira nazista, escolhemos por não a colocar como exemplo nesta pesquisa, mas o que difere da bandeira *Grammar Nazi* para a nazista é o G escrito em formato quadrangular ao invés da suástica nazista.

Em relação ao outro enunciador digital em questão, o chamado *troll*, Paveau (2021, p. 170-171) afirma que “é uma figura do locutor on-line cujo objetivo é minar as conversas intervindo nas discussões, seja dos fóruns, das redes sociais, dos blogs, ou de outra plataforma conversacional”. Dessa forma, segundo a autora, a palavra *troll* vem do inglês e designa o enunciador e seu discurso produzido, sendo o *troll* o produtor de *trolls*, ou seja, mensagens consideradas nefastas entre trocas verbais-visuais no meio on-line.

Conforme explica a autora, os estudos de alguns sociólogos designam o enunciador digital mal-intencionado e intempestivo como *troll*. Nesse sentido, ela aponta que o enunciador digital *troll* faz parte da cena tecnodiscursiva da internet, e seus “comentários têm, com efeito, tendência a polarizar a leitura e a radicalizar as posições”. Por consequência, a linguista explica que devido essa visão do *troll* vinculada à violência e à transgressão, há uma cultura nas redes de não o alimentar, ou seja, não dar mais visibilidade a esses enunciadores.

Como aponta Paveau (2021, p. 178) o “*troll* pode trolar o *troll*”, relata que há exemplos de “reviravolta ética de uma prática maldosa em cruzada do bem”, o que significa que a “trollagem” não teria só viés violento e negativo, mas também funções de desfazer a ação maldosa de outros *trolls*. Para atrelar à questão tecnodiscursiva, a autora expõe que essas “intervenções são formas de trolagem e contribuem para mostrar que na internet, e na web, especialmente, as respostas aos discursos agressivos estigmatizadores e destrutivos decorrem das próprias possibilidades do dispositivo tecnodiscursivo”.

Também preocupado com esse fenômeno, Recuero (2014, p. 10) considera o *troll* “como aquele que busca a desestabilização da face alheia”; no entanto, ela nos chama atenção para o uso desses *trolling* como propagação do discurso da violência e da agressividade. A autora explica que, embora vários desses *trolling* estão associados ao humor, esses enunciadores digitais podem buscar “visibilidade e a reputação do bom humor pela desestabilização da face do Outro”. No caso dos *chans*, a característica do usuário que se utiliza da ciberviolência para atacar pessoas ou grupos excedem o nível da “trolagem”, pois como veremos nas análises são enunciadores digitais que provocam violência e constrangimento em seus alvos.

É dessa maneira que neste capítulo buscamos compreender a Análise do Discurso Digital e seus conceitos basilares para que possamos conhecer de forma mais aprimorada quem é esse enunciador digital que desestabiliza através da

violência, do ódio, e quais características de interação apresentam para construir seus *ethé* que acabam se tornando símbolos de violência e muitas vezes passam do digital ao mundo real. Por fim, no próximo capítulo delimitamos a metodologia com a qual utilizamos para analisar a ciberviolência nas interações no ecossistema dos *chans*, em uma tentativa de explorar quem são esses enunciadores digitais violentos e como articulam seus discursos no meio ambiente digital da *deep web*.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

No presente capítulo, apresentamos os caminhos metodológicos que tomamos para a execução deste estudo, iniciando com a exposição do objeto, o caráter e a natureza da pesquisa; em seguida, a descrição da fonte de dados, os ecossistemas *chans*, locais de onde extraímos os textos nativos digitais para a análise; por fim, explanamos sobre nosso *corpus* e os procedimentos de análise.

4.1 Natureza da pesquisa

Para refletirmos sobre o nosso objeto de estudo, o enunciador digital e suas interações nos ecossistemas dos *chans*, partimos da concepção aristotélica de que, conforme Lahr (1958, p.372 *apud* Cervo e Bervian, 2002, p. 9) “o conhecimento só se dá de maneira absoluta quando sabemos qual foi a causa que produziu o fenômeno e o motivo, porque não pode ser de outro modo; é o saber por meio da demonstração”. E quando pensamos no nosso objeto de análise, é através da demonstração das interações dos usuários do ecossistema *chan* que podemos conhecer esse enunciador digital e saber como se manifesta a ciberviolência por meio de seus discursos.

É nesse sentido que a presente pesquisa tem caráter descritivo-interpretativo, pois, conforme Gil (2008, p. 42-79) é descritivo pois tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Ao descrevermos a interação nos *chans* e compreendermos as características do enunciador digital presente nesse ecossistema, é possível estabelecermos relações de como se produz a ciberviolência nesses ecossistemas. Além disso, nossa pesquisa é interpretativa uma vez que pretende “conferir significado mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica”, ou seja, é a partir da interpretação do analista do discurso que visamos ampliar o significado em relação aos discursos presentes no nosso ecossistema em análise, buscando assim uma leitura analítica da característica de seus usuários.

Sobre o procedimento do nosso trabalho, a pesquisa trata-se de uma análise documental, na qual coletamos fontes verbo-visuais e tecnológicas de discursos nativos digitais no ecossistema dos *chans* com o intuito de apreciar o conteúdo das interações dos usuários e compreender suas características como enunciador digital. Dessa forma, de acordo com Lakatos e Marconi (2017, p.193), esse tipo de pesquisa

documental recebe como “fonte de coleta de dados apenas documentos, escritos ou não, que constituem o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ter sido feitas quando o fato ou fenômeno ocorre, ou depois”.

Quanto à sua natureza, escolhemos uma abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (2003, p. 22), “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Partindo desse pressuposto, interpretar as interações e caracterizar os usuários dispostos no nosso *corpus* não seria possível em uma abordagem estritamente quantitativa, visto que as questões ideológicas, conceituais e tecnológicas que permeiam os discursos desse ecossistema requerem o olhar do analista.

Por intermédio do uso das técnicas apresentadas até aqui e da observação analítica do nosso ecossistema em questão, buscamos uma análise textual do *corpus* selecionado com o objetivo de compreender as interações dos usuários do ecossistema *chan*, em que pese a forma como manifestam a ciberviolência em seus discursos e as características desse enunciador digital. Para chegarmos até esse objetivo, pretendemos analisar o contexto produzido nas interações nesse ecossistema e compreender a representação dos *ethés* nas imagens de usuários dos *chans* analisados.

4.2 Descrição da fonte de dados: o ecossistema *chans*

Primeiramente, antes de tratarmos sobre o ecossistema do *chan*, entendemos que desde a propagação inicial da rede de internet são usados fóruns para discussões coletivas, sejam elas sobre produtos, *games*, tecnologia, entretenimento, entre vários outros temas. Atualmente há vários fóruns que possibilitam discussões, como o *Adrenaline*, ecossistema onde propicia interação entre os usuários da internet de maneira facilitada e que possui tópicos de discussão sobre variados assuntos. Um exemplo de plataforma que mantinha estrutura tecnolinguageira similar a esses fóruns e que teve muito sucesso entre os anos de 2005 e 2021 foi o *Yahoo Respostas*, ecossistema em que usuários utilizavam como recurso para fazer perguntas ou comentar sobre variados temas e outros usuários respondiam com comentários dentro daquele tópico de discussão.

Para seguimento da descrição da nossa fonte de dados, compreendemos que os *chans* são ecossistemas presentes no meio ambiente digital da *web 2.0*, da *deep*

web e da *dark web*. Quando tratamos dos *chans* ou *imageboards*, compreendemos que seguem estrutura tecnolinguageira similar ao dos fóruns de discussão presentes na *web 2.0*. Os *chans* e esses fóruns de discussão têm em comum a interface do *layout* em um formato semiótico simples, diferem dos ecossistemas como o *Instagram*, o *Facebook* e o *WhatsApp*, que possuem formato tecnolinguageiro mais elaborado. Tanto os *chans* quanto os fóruns são possíveis a publicação de postagens verbo-visuais em tópicos de discussão e em fios de discussões, bem como a possibilidade dos tecnotextos dos comentários, sendo a interação bem semelhante nos dois ecossistemas.

Quando tratamos dos *chans*, nosso objeto de pesquisa, eles representam um ecossistema que pode estar presente tanto no meio ambiente da *deep web* quanto da *web 2.0* e são baseados em postagens de textos e imagens, quase sempre de maneira anônima. Os *chans* podem apresentar tópicos de discussão de diversos temas, contudo o nosso foco aqui são os *chans* onde há a presença de ciberviolência. Além do mais, os *chans* geralmente não são rastreáveis, pois ficam disponíveis por um curto tempo até ser deletado dos sites, e seus usuários utilizam-se de *softwares* de VPN¹³ que usam o endereço IP¹⁴ diverso do dispositivo tecnológico usado para acesso, além de que muitos desses ecossistemas estão presentes nas camadas mais profundas da internet.

Para conceituarmos os *chans*, acreditamos que:

Um chan se caracteriza por uma lógica específica de interação entre seus participantes: a lógica dos *imageboards*, onde cada usuário precisa postar uma imagem para a criação de cada *thread* (fio) de discussão, sem a necessidade de registro prévio e com sua identidade preservada, sendo o criador da postagem exibido como “*anonymous*” (MEIRA, 2021, p. 25)

Para postagem dentro do ecossistema dos *chans*, o usuário é obrigado a postar uma imagem, por isso, como nos apresenta Meira (2021), são também chamados de *imageboards*. Desses fóruns, existem os que podem ser acessados pela *web 2.0*, como também aqueles cujo acesso se dá somente através de *links* acessados somente por um navegador que possibilite a imersão na *deep web* ou na

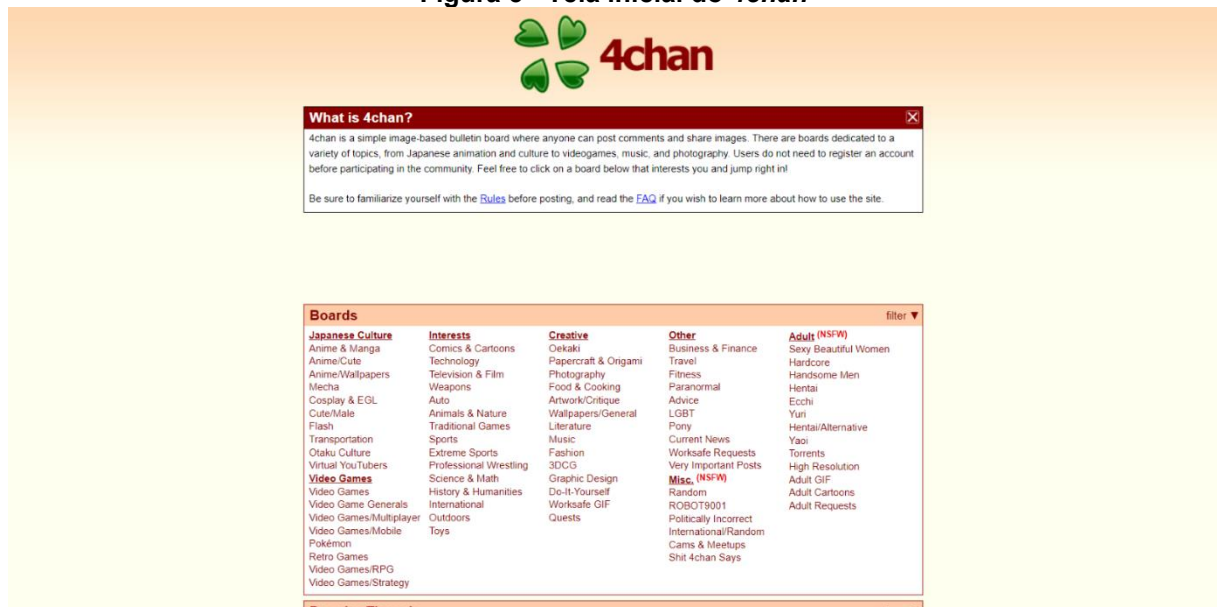
¹³ VPN (Virtual Private Network) trata-se de uma rede privada virtual de comunicações que leva o tráfego de dados para uma rede pública ou compartilhada, criando-se uma conexão com maior privacidade, assegurando uma comunicação segura por meio de redes inseguras.

¹⁴ IP (Internet Protocol) trata-se de um protocolo de internet que é utilizado na identificação e endereçamento das máquinas em rede quando há tráfego de dados, sendo que cada aparelho há um número próprio de IP.

dark web. Independentemente do local de hospedagem, são divididos em *Board* (tópicos de discussão), e seus usuários podem criar um *thread* (fio de discussão - onde há o tema e uma imagem, acompanhado ou não de sentenças tecnolinguageiras), sem precisar identificar-se, e que, a partir desse *thread*, outros usuários fazem comentários, intercalando de forma cronológica e assíncrona com outros fios de discussão.

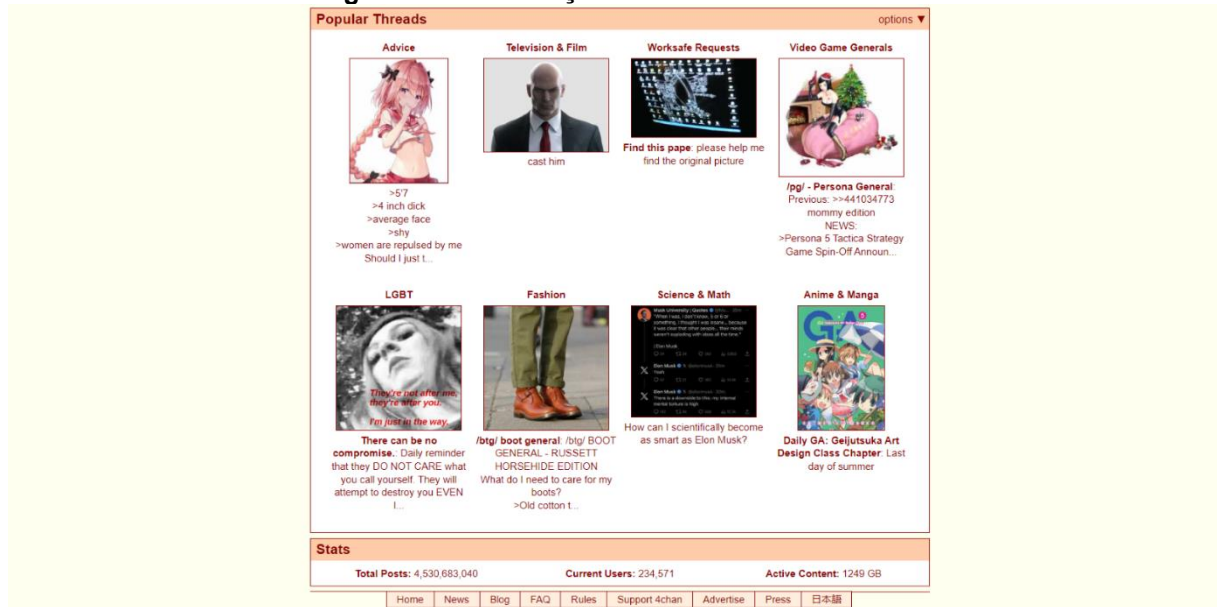
Para entendermos de maneira mais abrangente esse ecossistema, utilizamos aqui recortes do *chan* em língua inglesa disposto na *web 2.0* chamado *4chan*, e do *chan* brasileiro *55chan*, presente na *deep web*, acessado pelo *software tor*. Observamos, abaixo, que a interface dos sites possui certa similaridade:

Figura 5 - Tela inicial do *4chan*



Fonte: <<https://www.4chan.org/index.php>>.

Figura 6 - Continuação da tela inicial do 4chan



Fonte: 4chan

Figura 7 - Tela inicial do 55chan



Fonte: <https://55chan.xyz/>

Com as imagens acima, notamos que, nos dois casos, há chamada em caixa de texto: “What is 4chan?” e “Seja bem-vindo”, ambos explicam sobre esse ecossistema. Enquanto o 4chan apresenta o site em inglês expondo que se trata de uma comunidade na qual se pode utilizar textos verbo-visuais e que possui uma variedade de tópicos de discussão, o 55chan trata-se de relatar que não tem ligação com outro chan homônimo e que menores de idade, mulheres e esquerdistas não são bem-vindos.

Logo abaixo do site *4chan* e ao lado esquerdo do *55chan* estão presentes os *boards*, os tópicos de discussão. Já na parte de baixo do primeiro há outros dois quadros: *Popular Threads*, que são os fios de discussão mais populares, e, em seguida, o *Stats*, que significa o status de postagens e quantidade de usuários. Ainda, na parte superior do segundo *chan*, há letras escritas entre barras [/ /], designando a abreviação de um tópico, sendo um *hiperlink* que leva aos mesmos tópicos dispostos à esquerda – detalhe é que essa funcionalidade também existe no *4chan*, visível logo após o acesso em algum *boards*.

Nesse sentido, como observamos na imagem do *print* da tela do *board /b/ - Random* do *4chan*, qualquer indivíduo pode criar tópicos de forma anônima, sem fazer registro de usuário, como acontece em redes sociais como o *Instagram*, *Twitter (X)* e *Facebook*; de maneira similar ocorre no *55chan* e no *84ch* analisado nesta pesquisa:

Figura 8 - Tela de elaboração de tópicos do *board Random*

The screenshot shows the 4chan website interface for creating a post on the /b/ - Random board. The top navigation bar contains various board abbreviations like /g/, /h/, /k/, /m/, /o/, /p/, /r/, /s/, /t/, /u/, /v/, /vg/, /vm/, /vr/, /vrg/, /vst/, /w/, /wg/, /i/, /ic/, /r9k/, /s4s/, /vip/, /qa/, /cm/, /hm/, /lgbt/, /y/, /3/, /aco/, /adv/, /an/, /bant/, /biz/, /cgl/, /ck/, /co/, /diy/, /fa/, /fit/, /gd/, /hc/, /his/, /int/, /jp/, /lit/, /mip/, /mu/, /n/, /news/, /o/, /sp/, /fg/, /toy/, /tr/, /tv/, /vp/, /vt/, /wsg/, /wst/, /x/, /xs/. The main content area is for the /b/ - Random board, with a warning that posts are fictional. The form includes fields for Name (Anonymous), Options, Subject, Comment, and a Verification section with a captcha. There is also a File upload section. At the bottom, there is a link to the Rules and FAQ, and a notice about crypto payments.

Fonte: *4chan*

A seguir, trazemos um exemplo de interação no ecossistema *55chan*, do *board Random*, mesmo termo usado para um dos tópicos presentes no *4chan*, muito utilizado para criação de memes e apresenta grande volume de pornografia e ciberviolência. A postagem é anônima, sendo apenas marcada como “Bolsominio patriota Anonymous” nega o atrelamento ao discurso fascista e tenta aproximar esse

tipo de discurso à esquerda, dando a ordem para a direita se armar e voltar ao poder do país. Como em todos os tópicos, há a presença de uma imagem *1679590873089.jpeg*, essa postagem gera outras interações, tanto negativas quanto positivas em relação ao tópico.

Figura 9 - Tópico no board Random do 55chan



Fonte: 55chan

Como já mencionado anteriormente, o *55chan* está indexado na *deep web*, e é possível acessá-lo através de um software *tor*, um código aberto que proporciona a comunicação anônima e sem os mecanismos de censura da *web* convencional. Utilizando-se desse *software*, o acesso é através de seu buscador, que ao realizar a pesquisa por *55chan*, aparece como primeiro resultado, possibilitando então acessar sua interface. Já o *4chan* é facilmente acessável pela internet aberta, por qualquer pessoa, a qualquer momento, ainda que seus mecanismos de acesso possam carregar *softwares* maliciosos podendo prejudicar ou explorar os dados do computador/celular do usuário.

Como podemos notar já pelas interfaces da Figura 7 e 9, os *chans* presentes na *deep web* possuem a violência discursiva mais presente desde a página inicial, e os elementos de ciberviolência são facilitados devido estar em um meio ambiente restrito, em que a rastreabilidade exposta por Paveau (2021) é praticamente inexistente e o anonimato é muito mais aplicado. Ainda, os chans presentes na *web 2.0* também possuem manifestações de ciberviolência, mas geralmente são ataques

a grupos minoritários e/ou socialmente vulneráveis, sem a massiva exposição de uma pessoa, como acontece nos *chans* da *deep web*.

No caso do nosso material coletado para a análise, trata-se de postagens e comentários do *chan 84ch*, em que o acesso se dá somente por *link* específico, no qual os usuários compartilham entre si e casualmente é possível acessá-lo em algum site de busca na *web 2.0* ou na *deep web*, seu conteúdo então somente é obtido no meio ambiente da *deep web*. O acesso ao meio ambiente digital da *deep web* se dá através de *software* como o *tor*, mas muitas vezes o ecossistema dos *chans*, ascendido através de *links*, fica restrito a determinados grupos criados a qualquer momento, cujos *links* podem ser rapidamente deletados, sem gerar rastros.

4.3 Procedimento de coleta de *corpus* e de análise

Para procedermos à nossa coleta de *corpus* e posterior análise, delimitamos que, primeiramente, o conteúdo do *corpus* seria retirado de ecossistema *chan* oriundo do meio ambiente digital da *deep web*, pois como visto anteriormente as interações e a dificuldade de rastreabilidade facilitam a propagação de ciberviolência. Dessa forma, trazemos a seguir, de forma mais detalhada, a seleção desse *corpus* e o procedimento de análise, expondo cada passo da nossa coleta junto ao meio ambiente da *deep web*, seguido pelo ecossistema escolhido, a quantidade de postagem e comentário, bem como delimitamos também os passos teóricos para a análise desse objeto.

4.3.1 Seleção do *corpus*

Ao optarmos pelo ecossistema do *chan* como *corpus* de nossa pesquisa, estamos analisando tecnotextos que geralmente não possuem rastros na *web* e ficam disponíveis por um tempo curto até ser deletado do meio ambiente onde está hospedado. Dessa forma, para infiltrarmos nos *chans* e obter nosso objeto de análise, utilizamos o *software tor*, que é um código aberto que proporciona a comunicação anônima e sem os mecanismos de censura da *web* convencional, bem como não permite que o site acessado consiga identificar o IP do usuário, resguardando assim a identificação deste pesquisador.

Primeiramente, buscamos em sites da *web 2.0* por links atualizados de *chans*, encontramos uma série deles, então fizemos o acesso por 5 dias e muitos deles não possuíam conteúdos, o que demonstra a volatilidade dos *chans*. Ao encontrarmos o

chan 84ch, observamos várias interações e vários tópicos de discussões, o que nos mostrou um ecossistema com conteúdo para extrair a nossa pesquisa. Ficamos por três dias infiltrados¹⁵ nesse ecossistema e embora haja diversos fios de discussão e comentários com teor ciberviolento, o que nos chamou atenção foi um *thread* de ataque direcionado a uma pessoa pública, e a violência discursiva no decorrer dos comentários também estava amplamente presente.

Dessa maneira, escolhemos como *corpus* de nossa análise 1 imagem inicial de postagem do *84ch*, 1 fio de discussão e 5 comentários sobre esse *thread*, que ao todo estão dispostos em 5 Figuras. As interações extraídas desse *chan* são datadas do dia 15 de agosto de 2023, cujo conteúdo se materializa em ataques à figura de Duda Salabert Rosa, Deputada Federal por Minas Gerais, transgênero, e se notabiliza no cenário nacional por defender pautas LGBTQIAP+. Com esse *thread* escolhido, a partir das observações nos *chans* pelo pesquisador, verificamos a articulação dos mecanismos de ciberviolência nesse *chan*, tanto no fio de discussão quanto nos comentários, e estarão dispostos conforme nossos objetivos.

Como estamos trabalhando com a análise do discurso digital, a técnica de coleta de dados utilizada teve como objetivo adequar a investigação da interação pela abordagem ecológica, conforme apontado por Paveau (2021), já explicada anteriormente nesta pesquisa, portanto entendemos o *84ch* como um ecossistema presente no meio ambiente digital da *deep web*. Em consequência, consideramos os elementos tecnolinguageiros que configuram o fenômeno da interação em contexto digital, visto que nosso *corpus* se trata de textos nativos digitais.

Para a obtenção das discussões do *chan*, optamos por utilizar o recurso de cópia ou gravação da tela de monitor de computador *desktop*, por meio de extensões dos navegadores, visto que se trata da forma mais fidedigna de representar a visão que o usuário possa ter das interações que observamos em contexto digital. Para aquelas imagens que forem de difícil leitura, faremos a transliteração das frases, com intuito de deixar ainda mais limpo e claro o nosso *corpus*.

Quanto ao conteúdo que nos interessa na análise dos *chans*, a intenção foi usar as discussões em que prevalece a ciberviolência, e que configura discursos

¹⁵ Consideramos que o percurso para coletar os dados nos *chans* foi por intermédio de infiltração, ou seja, utilizamos recursos não convencionais para acessar o meio ambiente da *deep web*, local de difícil acesso, e observamos a atuação no ecossistema de forma a não interferir no andamento do diálogo dos interlocutores.

violentos, geralmente de ameaça e exposição de dados. Esses fatores são reforçados pelo anonimato ou pseudoanonimato, como nos apontou Paveau (2021), que facilita a impunidade desses cibercriminosos e o distanciamento do seu interlocutor:

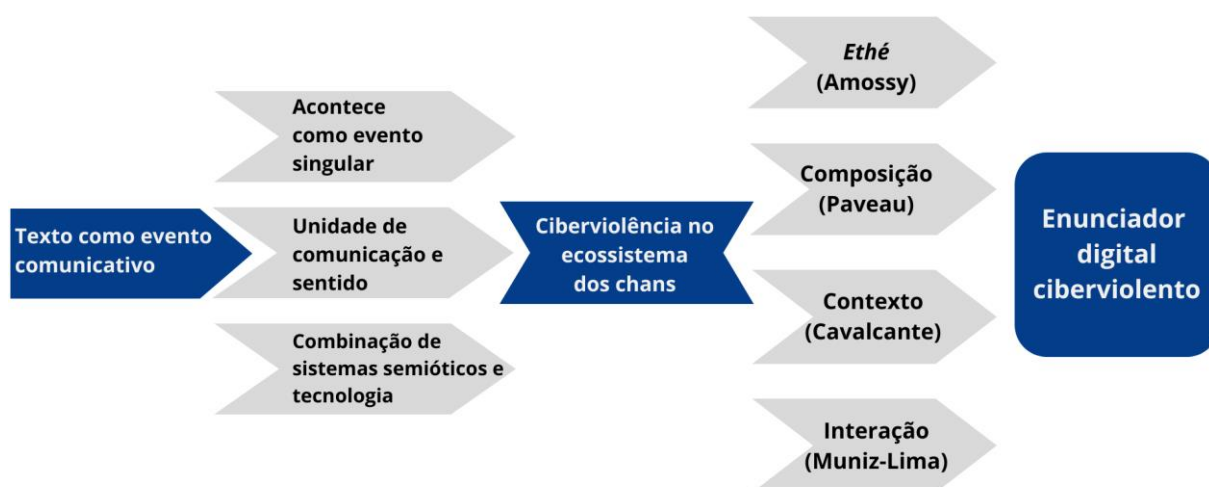
Quanto mais distante o ator se sente dos demais participantes da conversação, menor é seu compromisso, logo, maior a chance de que este cometa um ato de atentado a face contra outro. Por isso, a conversação em rede é um espaço frutuoso para a emergência de discussões inflamadas, discursos agressivos e ofensivos e mesmo, pela propagação da violência (RECUERO, 2013, p. 9).

Por fim, após seleção dos materiais que interessam à pesquisa, será suprimido qualquer fator que identifique imagens e vínculos a pessoas, bem como qualquer fator que possa dar visibilidade, para evitar exposições desnecessárias e riscos à integridade da pessoa alvo da ciberviolência. Em seguida, será realizada uma análise descritiva/interpretativa dessas publicações na *web*, para compreender as questões textuais e discursivas que as formam.

4.3.2 Procedimentos de análise

A partir do que vimos no decorrer dos nossos pressupostos teóricos, aplicamos em nossa análise uma relação entre as características do discurso digital nativo, concebido por Paveau (2021), e o que envolve a argumentação no discurso para Amossy (2020), lembrando que nosso objeto é o texto consoante à Linguística Textual concebida por Cavalcante *et al.* (2022). O objetivo principal com as análises é chegar às características desse enunciador digital por meio de suas interações nos *chans*. Pela imagem a seguir, verificamos de modo visual e mais detalhado como se estabelece nosso percurso de análise:

Figura 10 - Organograma de análise da pesquisa



Fonte: O autor

A partir do que discutimos sobre as noções de texto e discurso, no que tange aos aspectos que envolvem contexto, interação, composição e *ethos* nas interações digitais, procuramos compreender nos tecnotextos criados, como são construídos esses enunciadores digitais inclinados à ciberviolência. Dessa forma, analisamos as características desses ecossistemas, assim como de seus usuários, com a finalidade de diferenciar e/ou associar esse enunciador digital a outros enunciadores, como é o caso do *Grammar Nazi* e do *Troll*, indicados por Paveau (2021) no decorrer da nossa dissertação. Ao tratarmos de um texto nativo digital, levamos em consideração todas as particularidades e complexidades que as redes possuem para realizar uma análise adequada.

A partir dos pressupostos tratados nessa metodologia, no próximo capítulo apresentamos os principais resultados desta pesquisa, tratando de forma detalhada cada ponto apresentado nesse capítulo.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Buscaremos aqui explorar as características do enunciador digital conforme a interação no ecossistema dos *chans*, em que pese o conteúdo de ciberviolência disposto nos tecnotextos. Preliminarmente, compreendemos esse enunciador inclinado a reproduzir ciberviolência, diferenciamos do *Troll* – enunciador digital que busca minar ou desestabilizar discussões on-line – pois acreditamos não ser apenas um enunciador que busca o dissenso nos diálogos, como nos mostrou Paveau (2021) e Recuero (2014), mas que muitas vezes replica através de ameaças, difamação e vazamento de dados, os sentimentos de raiva e ódio a certos indivíduos, a minorias e a grupos socialmente vulneráveis, como parte inerente de um discurso violento impregnado na sociedade.

Em relação a todas essas características elencadas, consideramos também a questão tecnodiscursiva dos *chans*, pois a propagação de ciberviolência é aparentemente facilitada pelos aspectos tecnodiscursivos inerentes a esse discurso nativo digital. Como veremos a seguir, o anonimato, as características do ecossistema dos *chans* e a disposição dos fóruns em camadas obscuras da internet são fatores que podem facilitar a propagação desses discursos.

No que se refere às questões argumentativas, analisamos os *ethés* que formam esse enunciador digital, a partir das imagens de si que os enunciadores estabelecem, ao passo que notamos características que compõem esse enunciador digital inclinado à ciberviolência, consoante ao observado através dos usos das modalidades argumentativas em seus discursos. Dessa forma, averiguamos como as questões argumentativas e tecnodiscursivas dos *chans* são capazes de produzir e propagar ciberviolência.

Nesse panorama, nossa análise está dividida em duas seções: na primeira, buscamos compreender os aspectos da ciberviolência no contexto e na interação dos *chans*; e em seguida, analisamos a construção dos *ethés* desses enunciadores que reproduzem discursos de ciberviolência. Por fim, nas considerações finais, detalhamos as características desse enunciador digital a partir do que foi analisado nas duas seções, no intuito de descrever esse enunciador e observar as similaridades ou não com o *troll*.

5.1 A ciberviolência no contexto e na composição

Conforme observamos em Paveau (2021), a ciberviolência representa circunstâncias discursivas morais provocadas por enunciados violentos e que seu significado varia conforme o entendimento de decência da época em que esses discursos são produzidos, como início de análise, tomamos como referência o quadro inicial de postagens de fios de discussões no *chan 84ch*, em que aparecem tecnotextos importantes para o seguimento das análises:

Figura 11 – Quadro para postagem de *thread* no *chan 84ch*

Fonte: <https://84ch.in>

O *print* da Figura 11 foi realizado por uma tela de computador, o qual representa todo ecossistema inicial do *chan*, inclusive com a busca do navegador *Tor* disposto na parte superior da imagem, compreendendo toda a tela do monitor. O *hiperlink* */b/* inscrito no canto superior esquerdo direciona à página de *threads* (fio de discussão) do *board* (tópico de discussão) *Random*, que na tradução significa aleatório, e geralmente representa o tópico com conteúdo variado, como memes, discussões sobre games e animes, entre outros assuntos, possuindo presença massiva de ciberviolência. Na parte central superior do ecossistema, há uma imagem,

que no *chan* está em formato de *gif*¹⁶, em que aparece a figura de um homem cortando com uma faca a própria língua, no lado esquerdo inferior da imagem há a inscrição *84ch.in*, e logo abaixo da imagem há a descrição */b/ Random*. Além é claro desse ecossistema estar em um meio ambiente digital onde a violência está constantemente presente, a composição da porta de entrada para o *board* possui um elemento tecnodiscursivo passível de ciberviolência, pois conforme o contexto do ambiente onde está o *chan* e os tecnotextos produzidos pelos usuários, alguém se mutilando pode representar incentivo ou dar voz a práticas de ciberviolência.

Na parte inferior do ecossistema há vários quadros para preenchimento do *thread*, locais onde observamos a relação compósita entre o técnico e o linguageiro, visto que há os campos para completar, porém sem a obrigação de preencher todos eles, pois são preenchidos automaticamente, e para gerar significado apenas basta completar os campos *file* e *comment*. *File* é o arquivo, necessariamente uma imagem, que pode trazer o significado completo, ou a partir do campo “comentário” vir o elemento linguageiro que pode complementar o significado do *thread*. Os outros campos são *Name* (nome), *Email* (correio eletrônico), *Subject* (Assunto), *Embed* (integrar) e *Password* (senha).

Notamos que há um campo ao lado de *Subject* escrito *New reply* (nova resposta), que se trata de um elemento compósito clicável, e ao acessá-lo direciona à resposta de um *thread* que já está publicado. Ao lado direito desse tecnodiscurso, há um campo clicável que remete a aceitabilidade do que vem à frente: *Spoiler Image*, possivelmente trata-se de uma pré-visualização da imagem a publicar. Outra observação é que no campo *password* já possui uma senha automática: *jJm75!et*, ainda adiante há a expressão *For file deletion* (para exclusão do arquivo), cujo significado é que aquela senha criada automaticamente é para posterior exclusão da postagem caso o usuário queira. Em todos esses campos, há a presença do anonimato ou pseudoanonimato conforme Paveau (2021).

Como disposto na página inicial do ecossistema *chan*, a relação compósita entre as possibilidades que a máquina apresenta e os fatores tecnolinguageiros são fundamentais para gerar interações, pois inicialmente já aparece um *gif* que induz à violência. Além do mais, o anonimato é facilitado pelo aspecto técnico e é essencial

¹⁶ GIF (*Graphics Interchan Format*) trata-se de um formato de imagem de *bitmap*, que reproduz uma sequência de imagens em um formato compactado de duração curta e repetitiva.

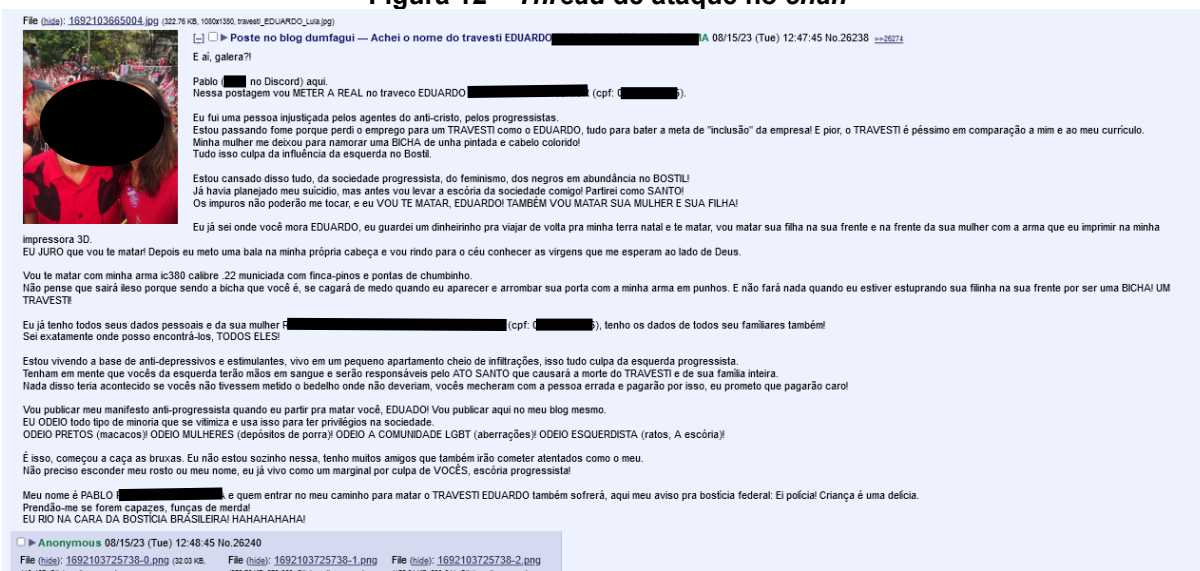
para criar um efeito de ausência e de *cockpit* no enunciador, conforme explanado por Paveau (2021).

A seguir, discutimos o recorte de postagem no *84chan*, no *board Random*, cujo conteúdo do *thread* atacava a deputada federal e ativista Duda Salabert. Com isso, pretendemos averiguar as interações a partir dessa postagem, observando os aspectos tecnodiscursivos para a produção e reprodução de ciberviolência.

5.1.1 *Thread* e suas relações compósitas

Abaixo, na Figura 12, trazemos o recorte de um fio de discussão, do tópico *Random* do *chan 84ch*, o qual comporta o texto de um usuário proferindo ataques à deputada Duda Salabert. O *print* da tela foi realizado através de um computador e a imagem reproduz parcialmente o ecossistema, o que está em tela é a parte do *thread*, com a retirada somente do buscador do *tor* conforme visto na Figura 11. Além disso, a imagem representa o ecossistema de forma parcial, pois ao rolar a página para baixo há os comentários referentes a essa postagem. Como o conteúdo tecnolinguageiro da imagem está em formato pequeno, o que a depender do suporte que o leitor utilize pode dificultar a leitura, realizamos na sequência da Figura 12 a transliteração do conteúdo.

Figura 12 – *Thread* de ataque no *chan*



Fonte: <https://84ch.in>

TF12 (Transliteração da Figura 12) – Ataque a Duda Salabert no *chan 84ch*

Esse primeiro texto trata-se de print do *chan* cujo assunto se refere a um ataque a Duda Salabert. Os nomes e os números de documentos serão substituídos pela letra X e, para organização, cada **linha** do texto será demarcado pela letra L, como sequência de L1 a L27.

Transliteração:

L1 - *E ai, galera?!*

L2 - *PXXX (XXX no Discord) aqui.*

L3 - *Nessa postagem vou METER A REAL no traveco EDUARDO XXX (cpf: XXX).*

L4 - *Eu fui uma pessoa injustiçada pelos agentes do anti-cristo, pelos professistas.*

L5 - *Estou passando fome porque perdi o emprego para um TRAVESTI como o EDUARDO,*

L6 - *tudo para bater a meta de "inclusão" da empresa! E pior, o TRAVESTI é péssimo em comparação a mim e ao meu currículo.*

L7 - *Minha mulher me deixou para namorar uma BICHA de uma pintada e cabelo colorido!*

L8 - *Tudo isso culpa da influência da esquerda no Bostil.*

L9 - *Estou cansado disso tudo, da sociedade progressista, do feminismo, dos negros em abundância no BOSTIL!*

L10 - *Já havia planejado meu suicídio, mas antes vou levar a escória da sociedade comigo! Partirei como Santo!*

L11 - *Os impuros não poderão me tocar, e eu VOU TE MATAR, EXXX! TAMBÉM VOU MATAR SUA MULHER E SUA FILHA!*

L12 - *Eu já sei onde você mora EXXXX, eu guardei um dinheiro pra viajar de volta pra minha terra natal e te matar, vou matar sua filha na frente da sua mulher com a arma que eu imprimir na minha impressora 3D.*

L13 - *EU JURO que vou te matar! Depois eu meto uma bala na minha própria cabeça e vou rindo para o céu conhecer as virgens que me esperam ao lado de Deus.*

L14 - *Vou te matar com minha arma ic380 calibre .22 municiada com finca-pinos e pontas de chumbinho.*

L15 - *Não pense que sairá ileso porque sendo a bicha que é, se cagará de medo quando eu aparecer e arrombar sua porta com a minha arma em punhos. E não fará nada quando eu estiver estuprando sua filhinha na sua frente por ser uma BICHA! UM TRAVESTI!*

L16 - *Eu já tenho todos seus dados pessoais e da sua mulher XXX (cpf: XXX), tenho os dados de todos seu familiares também!*

L17 - *Estou vivendo a base de anti-depressivos e estimulantes, vivo em um pequeno apartamento cheio de infiltrações, isso tudo culpa da esquerda progressista.*

L18 - *Tenham em mente que vocês da esquerda terão mãos em sangue e serão responsáveis pelo ATO SANTO que causará a morte do TRAVESTI e de sua família inteira.*

L19 - *Nada disso teria acontecido se vocês da esquerda não tivessem metido o bedelho onde não deveriam, vocês mecheram com a pessoa errada e pagarão por isso, eu prometo que pagarão caro!*

L20 - *Vou publicar meu manifesto anti-professista quando eu partir pra matar você, EDUADO! Vou publicar aqui no meu blog mesmo.*

L21 - *EU ODEIO todo tipo de minoria que se vitimiza e usa isso para ter privilégios na sociedade*

L22 - *ODEIO PRETOS (macacos)! ODEIO MULHERES (depósitos de porra)! ODEIO A COMUNIDADE LGBT (aberrações)! ODEIO ESQUERDISTA (ratos, A escória)!*

L23 - *É isso, começou a caça as bruxas. Eu não estou sozinho nessa, tenho muitos amigos que também irão cometer atentados como o meu.*

L24 - *Não preciso esconder meu rosto ou meu nome, eu já vivo como um marginal por culpa de VOCÊS, escória progressista!*

L25 - *Meu nome é PXXX XXX e quem entrar no meu caminho para matar o TRAVESTI EDUARDO também sofrerá, aqui meu aviso pra bostícia federal: Ei polícia! Criança é uma delícia.*

L26 - *Prendão-me se forem capazes, funças de merda!*

L27 - EU RIO NA CARA DA BOSTÍCIA BRASILEIRA! HAHHAHAHAHA!

Como observamos na Figura 12, de *thread* postado em 15 de agosto de 2023, de suposto anônimo com identificação “*Poste no blog dXXX – Achei o nome do travesti EXXX...*”. Ao lado direito, há a data da publicação: 08/15/23 (Tue), o horário: 12:47:45; em seguida apresenta o que parece ser o número de postagem daquele *board*: No.26238; ainda ao lado direito, aparece um *hiperlink* que leva ao último comentário daquele *board*: >>26274. Ao lado esquerdo há uma fotografia com a pessoa alvo da ciberviolência, junto com o cantor e compositor Chico Buarque. Devido às características dos elementos compondo a imagem, esta sugere que os indivíduos foram fotografados em uma espécie de comício. Acima desta imagem, há o *hiperlink* [1692103665004.jpg](#), o qual ao clicar direciona a outra página, ampliando a referida imagem. Ainda, ao lado deste *hiperlink* há o tamanho da imagem 322,76 KB, com a dimensão 1080x1350 e a descrição do título da fotografia *travesti_EDUARDO_Lula.jpg*.

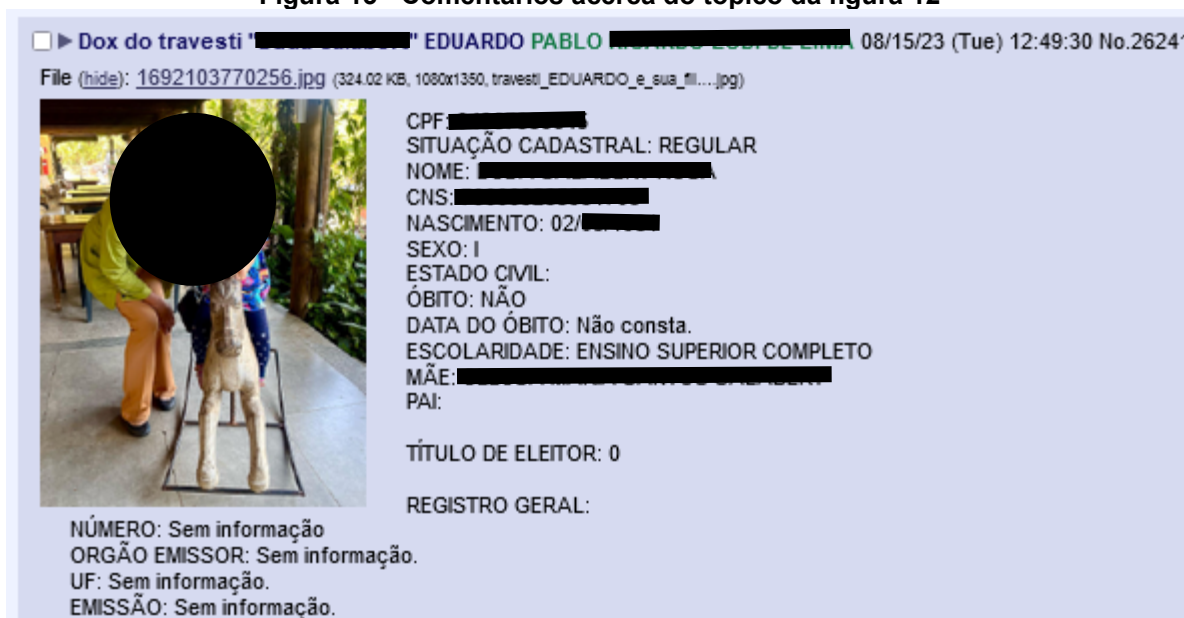
Conforme Paveau (2021), tanto os nomes das contas dos usuários das redes sociais quanto qualquer elemento clicável carregado de sentido e técnica são compósitos, mesmo que o nome apareça como anônimo ou a incerteza de que a descrição do perfil se trata realmente do locutor. Na Figura 12, há a descrição de um nome completo que escolhemos colocar uma tarja preta por questões éticas, mas o nome pode ser tanto uma forma de afronta às autoridades, no sentido de o usuário não temer as consequências, assim como pode ser uma forma de ocultar a identidade verdadeira do locutor, utilizando um codinome. De qualquer forma, o efeito de sentido que o locutor cria é o de chamar atenção e produzir ciberviolência com seu discurso.

Além do mais, nos dispositivos dos *chans* temos elementos que caracterizam a relação de composição, visível pelos *hiperlinks*, pela necessidade de incluir uma imagem para a publicação de um *thread* e pelos elementos de identificação técnica de tamanho, dimensão e identificação da imagem. Nesse sentido, o uso da imagem que integra os tecnotextos presentes sugere a necessidade do fator semiótico para chamar atenção do interlocutor.

Outro fator tecnodiscursivo do *chan* é a possibilidade de comentários nos *threads* (fio de discussão), o que é possível visualizar pela Figura 13, em que aparece o segundo comentário, realizado pelo próprio autor da postagem. No comentário aparece uma fotografia com o sujeito alvo da ciberviolência junto de uma criança,

possivelmente sua filha. Abaixo, o usuário faz um comentário e expõe os dados pessoais do alvo, como número de documentos, nome completo, escolaridade e filiação.

Figura 13 - Comentários acerca do tópico da figura 12



Fonte: 84ch

Ao compreendermos interação como um processo de coconstrução de sentidos entre máquina e humano, como nos aponta Muniz-Lima (2022), buscamos estabelecer uma ponte com as características dos discursos digitais, conforme Paveau (2021), principalmente ao que se refere a composição, ampliação e relacionalidade. No caso da Figura 13, a interação máquina e humano se dá muito antes do comentário, pois pela disposição do tecnotexto, percebe-se que o material utilizado provavelmente foi retirado de um sistema ou *software* de extração de dados pessoais, ecossistemas digitais em que se armazenam dados vazados de empresas públicas e privadas. Nesse sentido, essa interação é dotada do compósito, pois reúne o languageiro e o tecnológico de natureza informática; a ampliação, pois o próprio comentário é uma possibilidade de ampliar o discurso; e a relacionalidade, que traz a relação com outros discursos, neste caso a remissão aos dados pessoais de uma pessoa, como forma de ataque, de ciberviolência.

Nesse sentido, a exposição de dados da deputada e de seus familiares representa uma das sete categorias de ciberviolência expostas por Paveau (2021), o *outing*, ou revelação. Como trabalhado em nossa análise, essa categoria surge quando um internauta revela arbitrariamente fatores da vida privada de um certo

indivíduo, que lhe é sensível ou lhe comprometem socialmente. No caso da revelação por parte do locutor, trata-se tanto do nome completo de Duda Salabert, quanto os dados de documentos e endereços da deputada e de seus familiares, o que diante do contexto em que está inserido pode representar uma espécie de ameaça, com o possível significado de que o autor do post detém o conhecimento de seus dados, portanto exerce poder simbólico sobre ela.

Como exposto em nossa análise, Muniz-Lima (2022) compreende que as interações em contexto digital orbitam em quatro aspectos: os sistemas semióticos, os níveis de interatividade, o tipo de suporte e o tipo de mídia. Em face dos aspectos semióticos, observamos a obrigatoriedade de utilizar imagens para abrir um *thread* nos *chans*, como acontece na Figura 12, bem como a possibilidade de colocar imagens nos comentários, além dos aspectos técnicos, como os *hiperlinks*.

Em relação aos níveis de interatividade, a autora classifica em três aspectos: controle de conteúdo, caráter dialogal e sincronicidade. Em face do controle de conteúdo, o moderador tem o controle de apagar ou não as postagens, como apreciamos o relato do *55chan* (Figura 7), em que na página inicial informa a expulsão daqueles que fizerem comentários conflitantes com os padrões eleitos pelo moderador, os quais restringem menores de idade, mulheres e esquerdistas de postar no referido *chan*. Já no *chan* em análise, o *84ch*, não há menção de normas internas, embora elas possam não estar públicas e somente o moderador escolhe o que seria passível de exclusão dentro do ecossistema. Além disso, conforme a Figura 11, os usuários possuem uma senha que o próprio sistema cria automaticamente para a exclusão do *thread*, caso o usuário queira apagar seus conteúdos. Ainda, sabemos que após algum tempo as mensagens são deletadas automaticamente, programado por quem tem o domínio do *chan*, visando não deixar rastros no ecossistema.

Outro aspecto presente nesses fóruns é o caráter dialogal, visto que os fios de discussão são construídos na busca do consenso ou do dissenso, ou seja, almejam comentários e respostas que podem ser realizados tanto pelo criador do *thread* quanto pelos outros usuários. Ainda, a sincronicidade pode estar presente ou não nos *chans* também pela eminência desses comentários, que podem ser intercalados por outras *thread*, em sincronia ou não em relação ao tempo cronológico das postagens, notáveis por meio dos horários de publicação dos comentários dispostos de maneira espaçada.

Entendemos aqui o *chan* como um ecossistema digital, a depender do suporte que se utiliza para seu acesso poderá alterar alguns fatores técnicos, como acontece

quando se utiliza, por exemplo, um celular e um computador para conectar ao *Facebook*, cada suporte comporá o ecossistema de formas particulares. Dessa maneira, também altera a característica compósita, pois muda o modo de interação entre humano e máquina.

Consoante a ciberviolência explicitado por Paveau (2021), é facilmente identificável o uso por parte dos *channers* do ciberassédio verbal, da farsa, do assédio social e da revelação. O ciberassédio verbal está presente amplamente nas Figuras 12 e 13, no primeiro o texto produzido pelo criador do *thread* é carregado de insultos, ameaças e ataques à deputada, cuja principal motivação é pela orientação sexual do alvo, e tem como objetivo a desestabilização da vítima do ciberassédio.

Em relação às outras três características, a farsa é indicada pela possibilidade da falsa identidade proporcionada pelo *chan*, pois como disposto na Figura 11 o criador do fio de discussão não tem necessidade de criação de conta ou de colocar o verdadeiro nome nas postagens e comentários, compreendendo um anonimato total. Já em relação ao assédio social, tal noção se aplica pois não é possibilitada a defesa aos ataques por parte da vítima da ciberviolência, pois há restrição para acesso tanto ao ecossistema do *chan* quando no meio ambiente digital em que está presente. E, por último, acreditamos que a revelação está atrelada à exposição da esposa e da filha da deputada, tanto para realizar ameaças, como apresentado na Figura 12, quanto para expor os dados pessoais, presentes na Figura 13, o que pelo contexto das duas figuras pode representar uma ameaça mais realista por parte do autor da publicação.

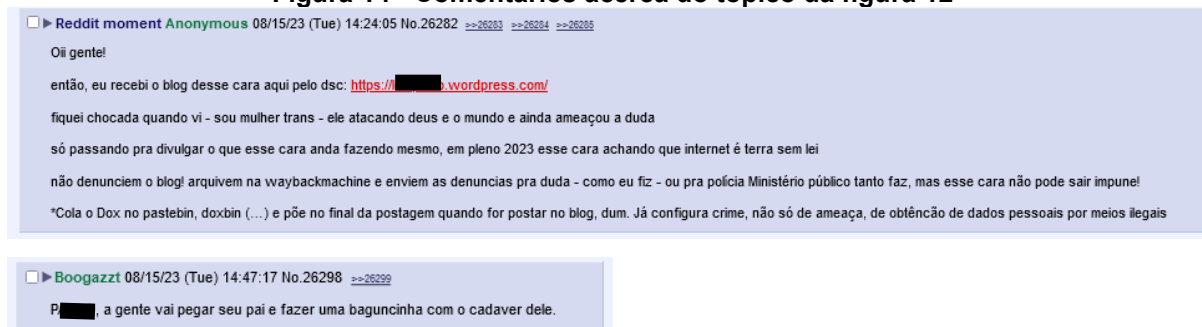
Como apontou Brito, Cabral e Silva (2021), a violência é o uso da força que possa resultar em agressão, ferimentos, tortura e morte, além do uso das palavras para machucar e constranger, no *chan* em análise a violência tem início no *gif* de automutilação, perpassa o fio de discussão e chega aos comentários, em que o técnico e o linguageiro se complementam na reprodução da ciberviolência. Para continuidade, averiguamos a seguir os comentários de ciberviolência criados após a postagem, que também geram outros tecnodiscursos e ataques ao autor da postagem.

5.1.2 O confronto nas interações dos comentários

Nos comentários do *thread* analisado na Figura 12, notamos que há também grande embate nos comentários, a violência prevalece inclusive nos comentários

daqueles que possuem opinião divergente da postagem. A seguir, estão dispostos dois comentários no ecossistema do *84ch*, em que foi realizado *print* parcial da tela, recortando apenas o comentário, com a intenção de deixar mais legível possível o conteúdo.

Figura 14 - Comentários acerca do tópico da figura 12



Fonte: 84ch

TF14 (Transliteração da Figura 14) – Comentários contrários ao autor do thread.

Comentário realizado por um anônimo sobre o conteúdo do fio de discussão. Os nomes e os números de documentos serão substituídos pela letra X e, para organização, cada **linha** do texto será demarcado pela letra L, como sequência de L28 a L34.

Transliteração:

L28 – *Oii gente!*

L29 – *então, eu recebi o blog desse cara aqui pelo dsc: <https://XXX.wordpress.com/>*

L30 – *fiquei chocada quando vi - sou mulher trans - ele atacando deus e o mundo e ainda ameaçou a duda*

L31 – *só passando pra divulgar o que esse cara anda fazendo mesmo, em pleno 2023 esse cara achando que internet é terra sem lei*

L32 – *não denunciem o blog! arquivem na waybackmachine e enviem as denúncias pra duda - como eu fiz - ou pra polícia Ministério público tanto faz, mas esse cara não pode sair impune!*

L33 – **Cola o Dox no pastebin, doxbin (...) e põe no final da postagem quando for postar no blog, dum. Já configura crime, não só de ameaça, de obtenção de dados pessoais por meios ilegais*

L34 – *XXX, a gente vai pegar seu pai e fazer uma baguncinha com o cadaver dele*

Observamos nesses comentários duas diferentes formas de encarar a postagem, em **TF14** o interlocutor realiza o comentário de forma a denunciar o discurso em **TF13** e o blog do mesmo autor do *thread*, visível pelo *hiperlink*: <https://XXX.wordpress.com/>, disposto na L29. É possível observar também a característica desse interlocutor de identificação com a vítima da ciberviolência, quando na L30 escreve “sou mulher trans”. Por conseguinte, dá orientações nas L32

e L33 de como proceder para realizar uma denúncia efetiva do locutor: *não denunciem o blog! arquivem na waybackmachine e Cola o Dox no pastebin, doxbin (...) e põe no final da postagem quando for postar no blog, dum.*

Nesse comentário, a interação se dá de forma a convencer o auditório que não se deve apenas denunciar o blog para o ambiente onde está hospedado, mas sim arquivá-lo e encaminhar às autoridades. Para isso, ela utiliza termos como *waybackmachine*, *Dox*, *pastebin* e *doxbin*, que são próprios do meio ambiente digital. *Waybackmachine* é uma espécie de banco de dados, *Dox* seria os dados de Duda Salabert revelados pelo autor da postagem, *pastebin* e *doxbin* são aplicações que permitem que os usuários façam *upload* de fragmentos de textos. Percebemos que todos esses termos só possuem sentido nas interações on-line, e como nos apontou Paveau (2021), utilizando dos pressupostos de Beaudoin, o tecnogênero do discurso possui socioletos ligados a ecossistemas particulares, além do próprio comentário ser responsável pela interação leitura-escrita.

Ainda nesse comentário, podemos observar que o *84ch* possivelmente não se trata da categoria sites de ódio, conforme estudado em Paveau (2021), pois não são espaços organizados para difamação e ataques, a exemplo do comentário em **TF14** que transmite um posicionamento da forma mais adequada de como denunciar o autor da postagem. Além do mais, há outros *threads* que não carregam as características de ciberviolência.

Ao partirmos para o outro comentário na L34, percebemos a continuidade da ciberviolência, visto que o interlocutor usa o ciberassédio verbal para impactar o autor da postagem, quando escreve que fará uma “baguncinha com o cadáver” do pai do locutor, uma clara exposição de violência gerada pela própria violência do fio da discussão. Ao traçarmos um paralelo com **TF13**, o locutor ameaça a deputada “Vou te matar com minha arma...”, o termo “baguncinha” remete então a um atentado utilizando arma de fogo ou qualquer outro método que cause morte. Percebemos assim que o desejo de matar, ou o desejo metafórico de matar um grupo, ou seja, de apagar suas vozes, aparece como algo muito presente nos discursos dos interlocutores do *chan*, e o meio digital facilita a disseminação desses enunciados ciberviolentos.

Ao compararmos os dois comentários, ambos são negativos à postagem do *thread*, porém enquanto no primeiro comentário em **TF14** o locutor tenta convencer outras pessoas a denunciarem de maneira que compreende ser mais efetivo, no

segundo comentário usa-se do mesmo tipo de ciberassédio do criador do *thread*. Nesse sentido, conforme o primeiro comentário, os *chans* possivelmente não são caracterizados como sites de ódio, e entendemos que a interação estabelecida pelo segundo comentário se dá em continuidade à ciberviolência do fio da discussão.

Como forma de compreender as interações e a manifestação de ciberviolência, a seguir temos outros três comentários, dos quais o primeiro é feito pelo próprio autor do *thread* acusando estar sendo ameaçado, enquanto os outros dois comentários dão sequência à violência e propagam outros tipos de ciberviolência.

Figura 15 - Comentários acerca do tópico da figura 13



Fonte: 84chan

TF15 (Transliteração da Figura 15) – Comentário do autor do *thread* e de interlocutores.

Comentário realizado pelo próprio autor do fio de discussão, acusando de estar sendo ameaçado. Os nomes e os números de documentos serão substituídos pela letra X e, para organização, cada **linha** do texto será demarcado pela letra L, como sequência de L35 a L37.

Transliteração:

L35 – *Liguei pro Conselho e expliquei o que tá rolando. Manda ver. Agora falei claramente que estou sendo ameaçado de morte.*

L36 – *Boa sorte, a gente vai ficar aqui. Não iremos descansar até sua mãe for estuprada, namorada morta, pai com derrame e XXX na cadeia.*

L37 – *Judeu filho da puta.*

Em TF15 encontramos no primeiro comentário do próprio autor do *thread*, na L35, a alegação de estar sofrendo ameaças. Na postagem, ele inclui uma imagem aparentando ser o *print* da página da rede social X, antigo *Twitter*, que apresenta uma postagem com o tecnosigno (@) e traz um *hiperlink* direcionando à página oficial da Polícia Civil de Santa Catarina, e expõe estar sofrendo ameaças por um indivíduo e seus colegas, todos com (@) *hiperlink* que direcionam às suas contas do X. O autor do comentário utiliza recortes de comentários do próprio *thread* em análise para materializar uma suposta ameaça, a exemplo do *print* da L34.

Na L36 e na L37, há a presença do ciberassédio, quando o autor do comentário ameaça os familiares do autor da postagem, de maneira extremamente violenta, além de praticar xenofobia quando se refere ao locutor como “*Judeu filho da puta*”. É possível notar que a violência nesse *chan* se estende pela possibilidade tecnodiscursiva dos comentários, bem como a sensação de ausência e o efeito *cockpit* intensificam a reprodução desses discursos.

O conteúdo presente nesses comentários nos permite entender o *chan* como um ecossistema que não possui a característica de site de ódio, mas que seus elementos tecnodiscursivos e sua composição são propícios para interações que reproduzem ciberviolência. Nesse sentido, para caracterizar o usuário desse ecossistema, no item anterior exploramos os *ethés* – imagens de si –, construídos por esses enunciadores, para que posteriormente possamos conceber as características do enunciador digital presente nesses ecossistemas.

5.2 A construção dos *Ethés* em meio a ciberviolência

Neste item, buscamos compreender as imagens de si que o autor do *thread* do *84ch* constrói ao longo de sua interação, os reflexos nos comentários, e as relações discursivas com postagens de outros *chans* que estão dispostos ao longo desta

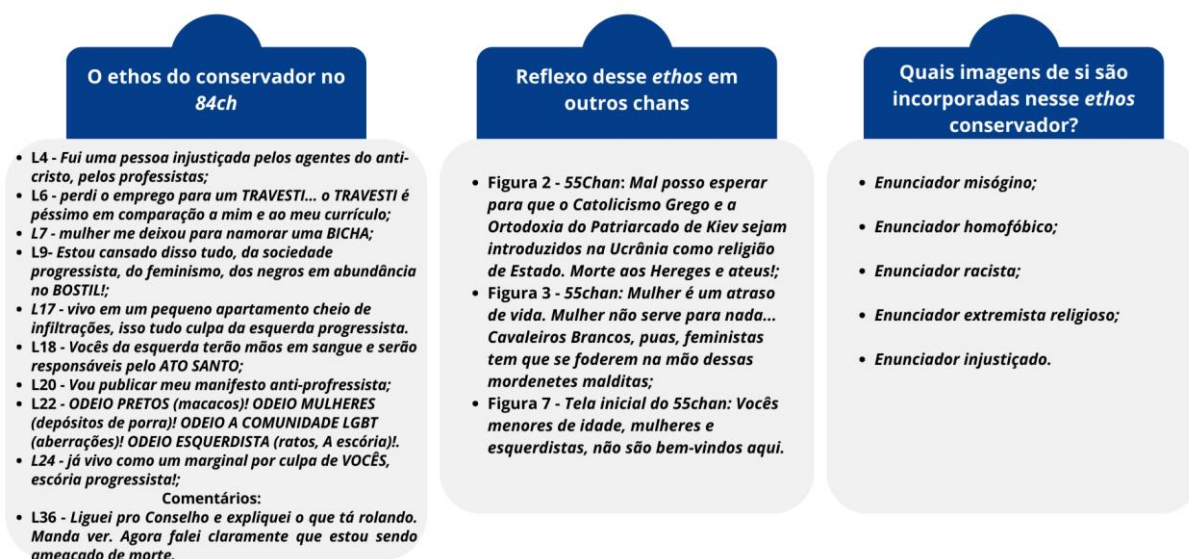
pesquisa. Entendemos que o autor do *thread*, ao elaborar seu texto com características de ciberviolência, incorpora imagens de si compatíveis aos *ethé* já conhecidos em nossa sociedade e se relacionam com enunciados presentes em outros *chans*.

Dessa forma, usamos a noção de *ethos* explorada no 2º capítulo desta pesquisa, segundo a Teoria da Argumentação no Discurso, na qual Amossy (2005, p. 126-127) utiliza como conceito o termo imagem de si, em que “o orador adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público-alvo”. Essa apresentação de si, segundo a autora, não está somente vinculada à própria apresentação, mas sim às modalidades de sua enunciação. É na construção da enunciação dos tecnodiscursos dispostos no *thread* da Figura 12 e suas relações com os comentários e outras publicações de *chans* que analisamos a construção dos *ethé*, cuja interação se dá em meio à ciberviolência.

5.2.1 O *ethos* do conservador

Como forma de organizar nossa análise do *ethos* do conservador, utilizamos a Figura 16 a seguir, em que se trata de um esquema dividido em três colunas das quais, a primeira diz respeito aos enunciados presentes no texto do autor do *thread*, a segunda trata-se do reflexo dessa ciberviolência em interações nos outros *chans* apresentados nesta pesquisa, e, na terceira, seguem as imagens de si incorporadas pelo enunciator da publicação em questão. A partir da análise e reconhecimento dessas imagens de si, compreendemos ser constitutivo da representação do *ethos* conservador desse enunciator. Além disso, destacamos que tanto na Figura 16 quanto na Figura 17, trazemos apenas os aspectos languageiros para uma melhor organização do *corpus*, mas lembrando que também faremos análise dos aspectos semióticos presentes nas postagens e comentários, pois acreditamos que o verbo-visual forma o conjunto que possibilita o evento comunicativo do texto.

Figura 16 - Esquema dos enunciados do *ethos* conservador e suas imagens de si



Fonte: O Autor

Compreendemos que a visão de conservador adotada pelo enunciador se filia de forma aproximada ao conceito exposto por Lacerda (2019, p. 34), citando Kirk (2001), o qual explica que a essência do conservadorismo é a conservação das antigas tradições morais da humanidade, em que valoriza a crença na vontade divina, escolha pela vida tradicional, entendimento de que a sociedade deva ser regida por ordens e classes, propriedade e liberdade estão correlacionadas, tradição e preconceito fundamentados podem controlar o “impulso anárquico do homem”. A partir dessa noção de conservadorismo, entendemos que o enunciador em análise busca transmitir uma imagem de si do *ethos* conservador, reverberando tanto nos enunciados do autor do *thread* quanto em outros enunciados de *chans* carregados de ciberviolência em sua interação.

Para tratarmos do *ethos* do conservador, delimitamos aqui cinco imagens de si incorporadas pelo autor, são elas os enunciadores: misógino, homofóbico, racista, extremista religioso e injustiçado. Ao incorporar essas representações, o enunciador profere enunciados que em seu conteúdo carregam teor semântico e discursivo envolvendo cada um desses enunciadores, forma-se então o *ethos* do conservador.

Ao tratarmos da imagem de si do misógino, acreditamos que em seus enunciados há uma carga semântica de ódio às mulheres, quando na L9 o enunciador informa estar “cansado de tudo”, cansado do feminismo, e em L22 escreve “ODEIO MULHERES (depósitos de porra)!”. Observamos que por esses enunciados, o enunciador elege uma imagem de si tradicional, do patriarcado, e que a ascensão dos

direitos das mulheres, o feminismo, é algo que lhe é reprovável, pois representa uma afronta à ordem tradicional. Ainda, o enunciador afirma odiar as mulheres, em caixa alta, de forma enfática, o que atribui em sua escrita uma concepção preconceituosa e tradicionalista de que mulher serviria para a procriação ou somente para o prazer do homem em uma atitude hierárquica e de submissão. Notamos que o enunciador transmite uma imagem de si de quem odeia mulheres, mas o que parece é que o ódio é a um tipo de imagem de mulher, a mulher feminista, àquela não submissa às ordens tradicionais do patriarcado e de inferioridade diante da figura do homem.

Ao compararmos com a publicação no *55chan*, presente na Figura 3 no início desta dissertação, há o seguinte excerto: *Mulher é um atraso de vida. Mulher não serve para nada... Cavaleiros Brancos, puas, feministas tem que se foderem na mão dessas mordenetes malditas*. Na concepção desse enunciador o progresso da mulher também significa um atraso, como analisamos nos enunciados do *thread* do *84ch*. Quando o enunciador utiliza “*Cavaleiros Brancos*” é um termo usado por indivíduos que se intitulam *Redpill* (homens defensores de que a mulher deva ser submissa ao homem), e que o referido termo genericamente significa homens submissos às mulheres. Nesse sentido, o enunciador ataca aos homens com essa característica, pois na concepção do enunciador esses sujeitos seriam menos homens. Percebemos assim que a apresentação de si como misógino está presente nas interações do nosso ecossistema e está atrelado ao *ethos* conservador devido à defesa das ordens tradicionais da sociedade.

Em relação ao enunciador homofóbico, os enunciados que representam essa imagem de si são: L6 “*perdi o emprego para um TRAVESTI*”, “*o TRAVESTI é péssimo em comparação a mim*” e L22 “*ODEIO A COMUNIDADE LGBT (aberrações)*”. Concluimos desses fragmentos que o enunciador está a todo momento se comparando ao outro de orientação homossexual, o que para ele é o diferente, acredita ser “aberrações”, isto a quem é possivelmente diferente da orientação sexual do enunciador. Essa imagem de si, além de se relacionar com o enunciador homofóbico, também pode estar ligado a imagem do extremista religioso, pois a concepção da existência apenas dos gêneros feminino e masculino é típico de um tipo de discurso religioso. Dessa forma, o *ethos* conservador reverbera na fundamentação de preconceitos enraizados em nossa sociedade brasileira e na busca pela manutenção da ordem tradicional de gênero.

Em face do enunciador racista, percebemos essa imagem de si pelos enunciados: L9 “*Estou cansado disso tudo, da sociedade progressista, do feminismo, dos negros em abundância no BOSTIL!*” e em L22 “*ODEIO PRETOS (macacos)!*”. Ao ressaltar a predominância de negros no Brasil e compará-los a macacos, há a dominância do discurso racista, em que pessoas de cor de pele tradicionalmente marginalizadas no Brasil são tidas como ancestrais, inferiores, típico do pensamento do racismo científico do século XIX, que compreendia as pessoas de pele branca como mais evoluídas e apresentavam cérebros maiores que as pessoas de pele negra. A imagem que o enunciador incorpora do *ethos* conservador também pode se relacionar a essa teoria do século XIX, de que o branco seria superior ao negro, e que a sociedade deva permanecer regida pelas mesmas ordens e classes, e esse tipo de pensamento parece reverberar em todo o discurso do enunciador.

Ao tratarmos do enunciador extremista religioso, entendemos que ele incorpora uma imagem de si extremista devido seu contexto de ódio a todos aqueles diferentes de seu discurso pautado na religião. Ao depararmos com os enunciados L4 “*Fui uma pessoa injustiçada pelos agentes do anti-cristo*”, L18 “*serão responsáveis pelo ATO SANTO*”, notamos que o enunciador incorpora uma imagem de injustiçado pelas pessoas “*anticristo*”, não tementes ao seu deus, e que essas pessoas seriam responsáveis pelo “*Ato santo*”. O significado desse ato é aparentemente a morte de seu oponente por não possuir suas características conservadoras, de alguém religioso, de “*deus*”, adepto à religião cristã, pois o contexto leva a crer que o enunciador é inclinado ao discurso cristão, até pelo “*anti-cristo*” mencionado em seu texto.

Conforme visualizamos no 55Chan, pela Figura 2 disposta no início desta dissertação, o autor da postagem expõe: “*Mal posso esperar para que o Catolicismo Grego e a Ortodoxia do Patriarcado de Kiev sejam introduzidos na Ucrânia como religião de Estado. Morte aos Hereges e ateus!*”. Com esse fragmento, verificamos a imagem de si incorporada do extremista religioso, em que o enunciador, além de utilizar de um discurso político presente atualmente em relação à guerra entre Ucrânia e Rússia, ele defende a imposição da religião Católica Ortodoxa, e a morte aos ateus e aos que não possuem religião. Portanto, nesses fragmentos citados, a imagem de si do extremista religioso aparenta estar incorporada ao *ethos* do conservador, pois a crença na vontade divina aliada ao determinismo de supostamente tudo que é avesso

à ordem tradicional e conservadora é oposto a Deus, à religião, contraria então a imagem do enunciador.

Quando tratamos da imagem de si do injustiçado, entendemos que o autor justifica a ameaça, o ódio e toda ciberviolência presente em seu texto devido ser alguém injustiçado, que perde lugar para quem não é conservador, quem está, segundo ele, em um campo progressista da sociedade. Podemos identificar esses sentidos pelas sentenças: L4 *“injustiçado pelos agentes do anti-cristo, pelos professistas”*, L5 *“Estou passando fome porque perdi o emprego para um TRAVESTI”*, L7 *“minha mulher me deixou para namorar uma BICHA”*, entre outros enunciados que trazem a injustiça como motivo de toda ciberviolência praticada pelo enunciador.

O enunciador demonstra a imagem de alguém desprezado, deixado de lado e substituído, e essas características estão presentes ao longo da publicação, a exemplo dos excertos seguintes: L5 *“perdi o emprego para um TRAVESTI”*, L6 *“tudo para bater a meta de “inclusão” da empresa! E pior, o TRAVESTI é péssimo em comparação a mim e ao meu currículo”* e L7 *“minha mulher me deixou para namorar uma BICHA”*. Nesses enunciados há um sentimento por parte do enunciador de ser substituído por alguém menos preparado, o qual não faz parte do reduto que ele acredita merecer valorização, e só está ali pelo motivo da orientação sexual. Para o enunciador, a injustiça prevalece quando é substituído por alguém inferior e, por esta razão, é o motivo de toda violência discursiva presente no texto.

Da mesma forma, o enunciador se sente em estado de humilhação pelas injustiças que supostamente sofrera, o que são observáveis por meio dos enunciados: L5 *“Estou passando fome porque perdi o emprego para um TRAVESTI”*, L7 *“minha mulher me deixou para namorar uma BICHA”*, L17 *“Estou vivendo a base de anti-depressivos e estimulantes, vivo em um pequeno apartamento cheio de infiltrações”*, L24 *“já vivo como um marginal por culpa de VOCÊS”*. Esse sentimento de ser humilhado pelo progresso do diferente é constante em seu texto, gerando o sentimento de vingança por parte do enunciador. Ele objetiva transmitir a imagem de que todo mal vivido é em virtude da ascensão dos progressistas, e ele seria vítima de um sistema humilhante para o tradicional, o conservador.

A imagem do injustiçado traz também a imagem de vítima, mais precisamente quando nos comentários o enunciador defende-se das ameaças de outro usuário, proferindo o seguinte enunciado: L36 – *“Liguei pro Conselho e expliquei o que tá rolando. Manda ver. Agora falei claramente que estou sendo ameaçado de morte”*. O

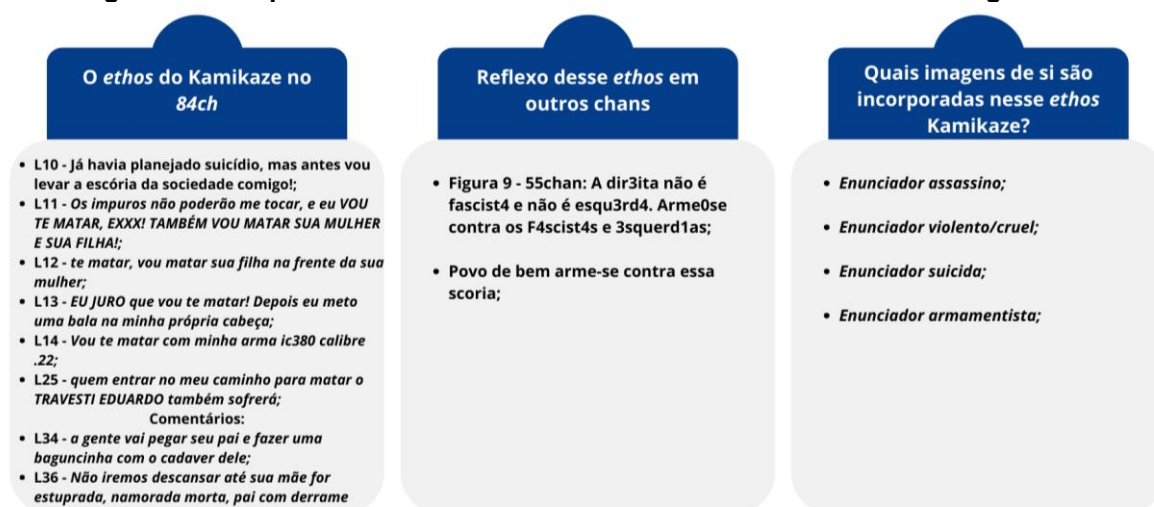
enunciador se defende de uma postagem informando que estaria sofrendo ameaça de morte e encaminhou tal denúncia às autoridades, mas claramente sua noção de decência não lhe permite conceber que os enunciados proferidos em sua postagem também são ameaças. Além desse enunciado, em todo o texto o autor da postagem se considera vítima e por toda essa injustiça acredita ser justo uma eventual vingança.

Observamos, por fim, que o enunciador incorpora o *ethos* conservador e transmite as imagens de misoginia, homofobia, racismo, extremismo religioso e injustiça aos seus interlocutores. Essas imagens presentes na nossa análise do *thread* do chan *84ch*, também aparece nos excertos dos usuários do *55Chan*, discutidos no início desta pesquisa. Para seguimento de nossa análise, a seguir, dissecamos sobre o *ethos* do Kamikaze, do homicida, que atrelado ao *ethos* conservador e aos aspectos de ciberviolência próprios do ecossistema do *chan* podem representar propulsão à violência verbal.

5.2.2 O *ethos* do Kamikaze

Para nossa análise do *ethos* do kamikaze, utilizamos a Figura 17 a seguir, que segue a mesma divisão realizada na Figura 16, um esquema que conta com três colunas representando respectivamente os enunciados do *thread*, a ciberviolência em outros *chans* e as imagens de si pelo enunciador. Ao reconhecermos as imagens de si de enunciador assassino, violento/cruel, suicida e armamentista, acreditamos ser constitutivo da representação do *ethos* kamikaze.

Figura 17 – Esquema dos enunciados do *ethos* do kamikaze e suas imagens de si



Fonte: O Autor

Sobre o *ethos* de Kamikaze, consideramos a concepção de que o enunciador transmite a imagem de si de que poderá fazer de tudo para matar seu alvo, matar a todos e a si mesmo, como o exemplo de aviadores militares do exército japonês na 2ª Guerra Mundial, chamados de Kamikaze. A morte em que nos referimos no contexto das publicações pode estar relacionada tanto à morte física, como ao apagamento discursivo, ao silenciamento de um determinado grupo de pessoas. O *ethos* Kamikaze é notável por meio dos fragmentos: L10 “*Já havia planejado suicídio, mas antes vou levar a escória da sociedade comigo!*” e L13 “*EU JURO que vou te matar! Depois eu meto uma bala na minha própria cabeça e vou rindo para o céu conhecer as virgens que me esperam ao lado de Deus*”.

Quando apontamos para o enunciador assassino e direcionamos o olhar para os enunciados presentes na primeira coluna do esquema acima, o autor do *thread*, ao ameaçar de morte seu alvo, transmite essa imagem de si de assassino a todo momento em seus enunciados. Dessa forma, a imagem de si do assassino está presente majoritariamente no texto da publicação, e ainda reflete nos comentários, embora sejam opostos ao conteúdo do enunciador, carregam a mesma violência: “*a gente vai pegar seu pai e fazer uma baguncinha com o cadáver dele*” e “*não iremos descansar até sua mãe for estuprada, namorada morta, pai com derrame*”. Neste caso, podemos constatar que os elementos estudados até aqui sobre as características do discurso nativo digital e os elementos de ciberviolência estão intrínsecos a essa construção da imagem de si do assassino. Mesmo que o enunciador não seja um assassino, pelo efeito de ausência e do *cockpit* imaginário, ele se apresenta e vincula sua imagem a um homicida.

Ao analisarmos o enunciador violento/cruel, verificamos as várias vezes que incorpora a imagem de si de assassino e assume também a crueldade, conforme os enunciados: L11 “*TAMBÉM VOU MATAR SUA MULHER E SUA FILHA!*” e L12 “*matar sua filha na frente da sua mulher*”. Além dos enunciados do *thread*, nos comentários também há crueldade: L34 “*a gente vai pegar seu pai e fazer uma baguncinha no cadáver dele*” e L36 “*não iremos descansar até sua mãe for estuprada, namorada morta, pai com derrame*”. Tanto na postagem quanto nos comentários, há presença massiva de crueldade e violência, o que parece é que os enunciadores carecem de vingança, de retribuir uma ofensa, como se o simples fato do outro ser diferente lhe ofendesse.

Em face do enunciador suicida, entendemos que o ecossistema dos *chans* aparenta ser favorável à contaminação do suicídio, visto que por ele permeiam vários discursos de incentivo a tal prática. No *thread* em análise, observamos nos enunciados a presença da imagem de si do suicida: L10 “*já havia planejado suicídio*”, L13 “*Depois eu meto uma bala na minha própria cabeça*”, ambos trazem consigo o *ethos* do Kamikaze, que seria matar aos outros e depois se matar. É importante recordar aqui, que esses discursos guardam relação com os fatos ocorridos fora do ambiente digital, muitos atentados a escolas do Brasil tiveram como autores jovens usuários desses *chans*, utilizavam o mesmo modo de operação, executavam várias pessoas e posteriormente cometiam suicídio. Pela facilidade de disseminação desses discursos de violência no ambiente da *deep web*, pela composição do ecossistema *chan* e pelo sentimento de ausência, o locutor se sente mais à vontade em propagar ciberviolência.

Por último, classificamos o enunciador armamentista, que é observável quando o enunciador usa enunciados como: L13 “*vou matar sua filha na frente da sua mulher com a arma que eu imprimir na minha impressora 3D*” e L14 “*Vou te matar com minha arma ic380 Calibre .22*”. No primeiro enunciado, observamos que o autor utiliza de um recurso tecnológico que é a impressora 3D para ameaçar construir uma arma a partir desse objeto. Inclusive, há informações em jornais on-line¹⁷ cujas notícias remetem à construção de armas caseiras por este dispositivo, e isso já vem acontecendo em outros países. Em relação ao outro enunciado, quando o autor cita nome de arma e calibre, é notável que já está inserido no discurso armamentista, sobre calibre e espécie de arma de fogo.

Nos outros *chans* analisados, observamos no *55chan*, Figura 9, outros dois enunciados: “*A dir3ita não é fascist4 e não é esqu3rd4. Arme0se contra os F4scist4s e 3squerd1as*” e “*Povo de bem arme-se contra essa scoria*”. Ambos dão a ordem de seu interlocutor se armar, ou seja, o enunciador armamentista reverbera não somente no *chan* em análise, mas também em enunciados de outros *chans*.

Ao chegarmos até aqui, constatamos que a violência anônima é praticamente indiscriminada no ambiente digital da *deep web*, em conjunto com as facilidades

¹⁷ Fabricação de armas em impressoras 3D por extremistas de direita preocupa polícia europeia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/06/16/fabricacao-de-armas-em-impressoras-3d-por-extremistas-de-direita-preocupa-policia-europeia.ghtml>>. Acesso em: 5 fev. 24.

compósitas próprias do ecossistema dos *chans*, em que pese a interação entre máquina e homem, é capaz de criar um tipo de enunciador digital inclinado à ciberviolência, permeando vários *ethé* que carregam produções discursivas já conhecidas no meio ambiente fora das redes. Como forma de ilustrarmos esse conjunto de teorias que formam o enunciador digital ciberviolento, na Figura 19 há um infográfico desse enunciador, o qual está no centro, representando ser o resultado da composição que há em sua volta, onde estão as representações dos fatores técnicos e discursivos que proporcionam a insurgência desse enunciador. Nessa parte circundante ao enunciador digital aparece o resultado dos aspectos digitais do ecossistema dos *chans*, como o efeito de ausência, a composição, a ciberviolência, bem como o enunciador digital e a representação dos *ethé*, que no caso de nossa análise há a presença dos *ethé*: conservador e kamikaze.

Figura 18 - Esquema da composição do enunciador digital ciberviolento



Fonte: O autor

Para finalizar esse item, notamos que o enunciador incorpora os *ethé* conservador e kamikaze, transmitindo as imagens de misógino, homofóbico, racista, extremista religioso, injustiçado, assassino, violento/cruel, suicida e armamentista. Essas imagens presentes na nossa análise do *thread* do chan *84ch*, também aparece nos excertos dos usuários do *55Chan*. É importante considerarmos que esse enunciador digital é circundado pela ciberviolência, como notamos a exposição ao

ciberassédio verbal de ataque aos familiares da deputada e à própria deputada, com extrema violência verbal, a exposição de dados pessoais, a farsa refletida pela possível falsa identidade dos enunciadores dos *chans*, e as possibilidades compósitas dos *chans* que facilitam o usuário a estabelecer anonimato total, cria-se então um efeito de ausência e *cockpit* imaginário, conforme Paveau (2021).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, partimos da preocupação com a ciberviolência no meio ambiente digital e, ao constatarmos ser os *chans* um ecossistema propício para disseminação de violência, escolhemos estudá-lo para compreender como são formadas suas interações verbais violentas e quais características possuem os enunciadores digitais presentes nesse ecossistema. Para isso, traçamos nosso caminho primeiramente descrevendo o contexto e a composição nas interações dos *chans*, e em seguida analisamos os *ethé* presentes nos discursos desse ecossistema, por fim, categorizamos o enunciador digital como ciberviolento, devido os aspectos inerentes ao meio ambiente digital e a disposição dos *ethé*.

Compreendemos o texto nesta pesquisa consoante a Cavalcante *et al.* (2022), pois no ecossistema do *chan* acreditamos ser um conjunto de combinações semióticas, conforme a disposição dos tecnotextos, das imagens e outras composições. No conteúdo analisado, há a expressão de uma unidade de comunicação e sentido de ataque a um indivíduo, ocorrido na forma de evento singular, pois só possui sentido de acordo com o contexto em que o texto está inserido. Além do mais, esse texto está imerso ao meio ambiente digital, cujas características próprias, como apontou Paveau (2021), são responsáveis por produzir sentido, e a noção de texto como evento comunicativo é reforçada de forma material no ecossistema dos *chans*, a exemplo do curto período de hospedagem do conteúdo na base da *deep web*.

A partir de nossas análises do enunciador do *chan 84ch*, averiguamos que o enunciador digital nas interações dos usuários desse ecossistema carrega características da ciberviolência apontada por Paveau (2021). O enunciador digital ciberviolento só é possível no meio ambiente digital, pois somente neste meio ele consegue produzir e reproduzir violência verbal, motivado pela condição de ausência e de *cockpit* imaginário.

O enunciador digital possui peculiaridades tecnolinguageiras que só o ambiente digital é capaz de lhe proporcionar. Diferente do enunciador da era pré-digital, o da era digital não só carrega produções discursivas já conhecidas, mas também é assujeitado ao que o meio ambiente da internet lhe proporciona, as condições de interação do ecossistema e a possibilidade do anonimato, como nos apontou Paveau (2021). Esse anonimato aliado a um ambiente propício à

disseminação de ciberviolência, torna-se uma mescla para que o enunciador reproduza imagens de si de estereótipos não nativos da internet, mas ao se complementarem e se submeterem a interações dentro do ecossistema dos *chans*, acabam por produzir características próprias de um enunciador digital ciberviolento.

Para denotarmos esse enunciador digital ciberviolento, primeiramente recordemos Paveau (2021), a qual nos trouxe as características do enunciador digital, e entre elas a que o locutor nascido na internet não possui equivalência fora dela, é o caso analisado nesta pesquisa. Nosso enunciador do *thread* do *84ch*, embora traga discursos sociais já conhecidos, a violência em suas interações só é possível pelos aspectos inerentes do discurso nativo digital. E essas características tanto de interação digital quanto discursivas também estão presentes em locutores de outros *chans*, como vimos em nossa análise.

Dessa forma, acreditamos que o enunciador digital ciberviolento é inerente ao *chan*, pois trata-se de um ecossistema presente em um ambiente digital que lhe garante o anonimato, circunstâncias compósitas de incentivo e facilitação à ciberviolência, como os casos do *gif* de automutilação observado na análise, a não necessidade de contas para publicação no ecossistema e as diversas possibilidades de inclusão ou não de tecnotextos nos campos para publicação. Além de tudo, ressaltamos que o meio ambiente digital dos *chans* é de fácil reprodução e disseminação de ciberassédio, em que os usos linguageiros muitas vezes são restritos a esse ecossistema.

Sendo assim, o enunciador digital ciberviolento é o sujeito da enunciação e tem primeiramente como interlocutor os outros membros dos *chans*, carrega em seus discursos aspectos de violência verbal direcionadas a um terceiro, que muitas vezes não está presente, e pode ser tanto uma pessoa quanto grupos sociais e políticos. Assim como acontece no nosso recorte de análise, geralmente os discursos desse enunciador digital remetem a discriminações a grupos minoritários ou socialmente excluídos, apesar de ser um retrato do meio não-digital, reforça a violência discursiva por meio das interações do meio ambiente digital.

Apesar de sabermos que pode haver outros *ethé*, tanto no enunciador analisado quanto em outros discursos de violência nos demais *chans*, acreditamos que a dupla entre conservador e kamikaze são exemplos complementares na formação do enunciador digital ciberviolento. O *ethos* conservador incorpora imagens de si de alguém oposto ao mundo atual, o qual rechaça as novas formas de

relacionamento afetivo, aborrece com a condição da mulher ter os mesmos direitos que os homens, abomina que as pessoas de pele negra ocupem espaços iguais a pessoas de pele branca, atribuindo a essas mudanças todo o mal acometido. Dentro do *ethos* conservador, há a presença da imagem do injustiçado, o qual o locutor atribui todo mal sofrido pela ascensão do campo progressista.

Em consequência, discutimos sobre o *ethos* Kamikaze, como estudado em nossa análise, é um termo utilizado para delimitar quem poderá fazer de tudo para matar seu alvo, matar a todos e a si, e nosso interlocutor incorpora imagens de si de assassino, violento/cruel, suicida e armamentista, em uma relação de resposta à sua imagem de injustiçado.

Dessa maneira, como forma de respondermos aos nossos objetivos específicos, sobre descrever o contexto e a composição das interações no *chan*, verificamos que a ciberviolência nos *chans* é aprimorada e propagada pela interação entre homem e máquina, em um processo de coconstrução de sentidos, contemplando os fatores de interação que compõe o ecossistema do *chan*, como observamos em Muniz-Lima (2022). Outros aspectos que favorecem esse tipo de interação dizem respeito à composição desses *chans*, como a possibilidade do anonimato, os fatores tecnotextuais inerentes ao ecossistema, além dos efeitos de ausência, cultura de quarto e *cockpit*, apresentados por Paveau (2021).

Por conseguinte, buscamos responder ao segundo objetivo, que era analisar as representações dos *ethé* nas interações, tendo em vista a ciberviolência presente nos discursos. Conforme noção proposta por Amossy (2020) as representações dos *ethé* tem em vista valores pessoais do indivíduo e razões ideológicas. Na nossa análise, notamos que o enunciador digital ciberviolento do *84ch* incorporou imagens de si a partir de representações de *ethé*, como o *ethos* conservador, visto que se mostra avesso ao diferente, prefere o tradicional, repudia outras possibilidades de orientação sexual e se considera injustiçado; e o *ethos* kamikaze, pois por ser diferente busca incorporar imagens de si de assassino e de quem após executar pessoas seria capaz de ceifar a própria vida.

Em resposta ao nosso terceiro objetivo, de explanar sobre a categoria de enunciador digital a partir da relação entre homem e máquina, constatamos ser o enunciador digital ciberviolento aquele que só é possível no meio ambiente digital, visto que depende das relações compósitas do ecossistema para a propagação de ciberviolência. O enunciador utiliza de discursos trazidos do ambiente off-line e

incorpora os *ethé* de conservador e kamikaze, em complemento, ele está em um ecossistema inclinado à ciberviolência, o que lhe proporcionar o anonimato e a impossibilidade de seu rastreamento. Todos esses fatores facilitam que o enunciador digital ciberviolento tenha caminho livre para disseminação de seus discursos no ecossistema do *chan* em meio ao ambiente da *deep web*.

Por fim, sobre nossa indagação no início desta pesquisa, de como a propagação de ciberviolência nos *chans* pode ser facilitada pelos aspectos tecnodiscursivos típicos desse discurso nativo digital, constatamos que o enunciador digital ciberviolento possui ligação indispensável com o aparelho, pois não há *chan* sem o ambiente on-line, e não há esse ambiente sem o aparelho tecnológico. Em relação ao anonimato dos *chans*, entendido por Paveau (2021) por pseudoanonimato, por ela mencionar a questão da rastreabilidade inerente do ambiente on-line, não representa o nosso ecossistema, visto que esse usuário mesmo que utilize os *chans* dispostos na *web 2.0* faz uso de ferramentas que ocultam o IP do usuário e, como geralmente a identificação do locutor apresenta anonimato, esse locutor torna-se plenamente anônimo, constituindo um campo fértil à ciberviolência.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A Linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes Silva Neto, Luis Passeggi e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez, 2011.
- ADAM, Jean-Michel. *Linguistique textuelle: introduction à l'analyse textuelle des discours*. Paris: Armand Colin, 2020, 4^ª édition.
- ADAM, Jean-Michel. **Textos: tipos e protótipos**. Trad. Mônica Magalhaes Cavalcante (et al). São Paulo: Contexto, 2019.
- AMOSSY, Ruth. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 119-143.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.
- AMOSSY, Ruth. **Da noção retórica de ethos à análise do discurso**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/on-line/arquivos/anexos/Livro_trecho.pdf>. Acesso em 26 jul. 2022 às 12:29.
- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **O problema do texto em lingüística, em filologia e em outras ciências humanas**. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. 136p
- BRITO, M. A. P.; CABRAL, A. L. T.; SILVA, A. A. **A ciberviolência em práticas textuais do ambiente digital**. Fortaleza, v. 12, n. esp., e2407, p. 52-75, 2022. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2407>>. Acesso em 17 abr. 2024.
- CABRAL, A. L. T.; GUARANHA, M. F. **Interações digitais**: conflito, argumentação e violência verbal nas redes sociais. São Paulo, v. 34, n. 2, 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/187218/178421#info>>. Acesso em 12 set. 2023.

CATELÃO, Evandro de Melo. Revelando Motivos: **A argumentação de suicidas sob as perspectivas textual/discursiva e retórica**. 2013. Tese (Doutorado). – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/30048/R%20-%20T%20-%20EVANDRO%20DE%20MELO%20CATELAO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 11 dez. 2022.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística textual e argumentação**. 1. ed. Campinas: Pontes editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística textual: Conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes, 2022.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **O texto e suas propriedades**: definindo perspectivas para análise. (Con)Textos Linguísticos-Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, Espírito Santo, v. 13, n. 25, p. 25-39, set. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884/18764>>. Acesso em: 22 out. 2023.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. **O contrato de comunicação na sala de aula**. 2011. GOURAD Cristian Nicolas (Trad). Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/18861/11231>>. Acesso em 12 set. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo *et al.* (Org.). **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: AD/FALE/UFMG, 2001. p. 23-38.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU Dominique. **Diccionario de análisis del discurso**. 1. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

EGGS, Ekkehard. (2005) Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. Trad. Dilson F. da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti., São Paulo: Contexto. p. 29-56.

GIERING, Maria Eduarda; PINTO, Rosalice. O discurso digital nativo e a noção de textualidade. Espírito Santo, v. 15, n. 31, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35655>>. Acesso em 17 abr. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Matilde; MUNIZ-LIMA, Isabel. **Tecnodiscurso, interatividade e suporte na mídia Instagram**. Rio Grande do Sul, v. 19, n. 3, 2021. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/23294>>. Acesso em 17 abr. 2024.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana Bornéo (Org.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIN, Jie Lian. **Antifeminism Online**: MGTOW (Men Going Their Own Way, 2017. Disponível em: <https://www.genderopen.de/bitstream/handle/25595/509/Lin_2017_Antifeminism%20online.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Trad. Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

MEIRA, Luís Antônio Alves. **Infiltrado no chan**: economia e linguagem do ódio. 2021. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15176>>. Acesso em 12 set. 2023.

MEYER, M. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Modos de interação em contexto digital**. 2022. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/64516>>. Acesso em 12 mai. 2023.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. (Org). 1. ed. Campinas, SP. Editora Pontes, 2021.

PERELMAN, Chaïm. **Retóricas**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERELMAN, Chaïm; **O império retórico**: retórica e argumentação. São Caetano: Asa Editores, 1993.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Retóricas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RABATEL, A. **Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée**. Langue française, 2009. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-langue-francaise-2009-2-page-71.htm>>. Acesso em 12 set. 2023.

REBOUL, Oliver. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RECUERO, R.; SOARES, P. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage "Diva depressão"**. <<http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n26/v13n26a19.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

RECUERO, Raquel. **Atos de ameaça a face e a conversação em redes sociais na internet**. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/rascunhoatosdeameaca.pdf>>. Acesso em 12 set. 2023.